



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Patrícia Oliveira de Freitas


**Mesclagem conceptual na construção de sentido em piadas com nomes de
órgãos sexuais**

Rio de Janeiro

2017

Patrícia Oliveira de Freitas

Mesclagem conceptual na construção de sentido em piadas com nomes de órgãos sexuais



Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Prof^a. Dra. Sandra Pereira Bernardo

Rio de Janeiro

2017

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

F866 Freitas, Patrícia Oliveira de.
Mesclagem conceptual na construção de sentido em piadas com nomes de
órgãos sexuais / Patrícia Oliveira de Freitas. – 2017.
120 f. : il.

Orientadora: Sandra Pereira Bernardo.
Dissertação (mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro,
Instituto de Letras.

1. Linguística - Teses. 2. Sociolinguística – Teses. 3. Metáfora – Teses. 4.
Tabu linguístico - Teses. 5. Aparelho genital - Anedotas - Teses. 6. Anedotas –
Teses. I. Bernardo, Sandra Pereira. II. Universidade do Estado do Rio de
Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 801: 869.0(81)-36

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta
dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Patrícia Oliveira de Freitas

Mesclagem conceptual na construção de sentido em piadas com nomes de órgãos sexuais

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de mestre ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Linguística.

Aprovada em 30 de março de 2017.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Sandra Pereira Bernardo (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof^ª. Dra. Naira de Almeida Velozo
Instituto de Letras – UERJ

Prof^ª. Dra. Lilian Ferrari
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2017

DEDICATÓRIA

Dedico esta dissertação a Deus, a minha família e ao meu amigo Pedro Henrique.

AGRADECIMENTOS

“Por tudo o que tens feito. Por tudo o que vais fazer. Por tuas promessas e tudo o que és, eu quero te agradecer com todo o meu ser”. Obrigada, Deus.

À minha família, minha maior fonte de apoio, de forças, de inspiração e de perseverança.

Ao meu amigo Pedro Henrique, por todo incentivo, por todas as folhas impressas, na incomensurável ajuda na disciplina Análise do Discurso e na parte quantitativa da análise dos dados.

Aos amigos da UFRRJ, incluindo os professores e colegas de turma, com quem dividi todas as dificuldades e alegrias do curso de mestrado.

Aos meus amigos da turma de especialização da UERJ, com quem experimentei o ardor do processo seletivo do mestrado e a consequente experiência de cursá-lo, também árdua, e agora concluída com sucesso.

Aos colegas de curso e de orientação, pelas experiências compartilhadas em todo o processo.

Ao meu amigo Emanuel Morais, pelo livro estimado e consagrado na área de Linguística Cognitiva. Saiba que pude fazer bom proveito da obra nessa empreitada.

Aos professores das disciplinas que cursei na UERJ, por serem tão inspiradores.

À minha orientadora Sandra Pereira Bernardo e, de igual forma, à minha coorientadora Fernanda Carneiro Cavalcanti por todas as orientações, críticas, sugestões, e elogios que materializaram esta dissertação.

À UERJ, que segue resistindo!

Peixes nascem esperando por água. Eles têm barbatanas, têm brânquias. Eles nascem esperando por água, e os humanos nascem esperando por uma cultura.

Michael Tomasello

RESUMO

FREITAS, Patrícia Oliveira de. *Mesclagem conceptual na construção de sentido em piadas com nomes de órgãos sexuais*. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

Esta pesquisa do tipo quali quantitativo visa ao estudo dos processos cognitivos que subjazem à construção de sentidos de piadas com emprego de nomes populares dados à vulva e ao pênis. Tais processos são analisados primordialmente sob a ótica da Teoria da Metáfora Conceptual (LAKOFF; JOHSON, 1980; EVANS; GREEN; 2006; KÖVECSES, 2010) e da Teoria da Integração Conceptual (ou Mesclagem) (FAUCONNIER; TURNER, 2002). Para a seleção das piadas, optou-se por lançar mão de narrativas que tratassem (i) de uma possível inferência aos respectivos órgãos e (ii) de um duplo sentido revelado geralmente ao fim das anedotas. Além disso, optou-se pelo gênero piada em que não houvesse, na narrativa, a menção direta à terminologia anatômica (*vulva* e *pênis*), propiciando o processo de inferências por parte do leitor – a partir do processamento de domínios cognitivos – para a construção do significado. Com base nas análises, postulou-se que a mesclagem viabiliza a união de vários processos cognitivos que revelariam a criatividade do pensamento, de modo a lidar com tabus a partir de palavras eufemísticas. Assim, essas palavras suavizadas suscitariam a aceitação social dos vocábulos atingidos por tabu. Ademais, presumiu-se que alguns desses processos cognitivos tenderiam a se repetir de forma regularizada quando acionado o *frame* relativo a ÓRGÃOS SEXUAIS. Nesse sentido, verificou-se que as associações estabelecidas entre um dado objeto e o órgão sexual são feitas, em grande parte, via motivações metonímico-metafóricas baseadas em metáforas convencionadas do tipo PESSOA É OBJETO e (PARTE DO) CORPO HUMANO É OBJETO, mostrando que o pensamento metafórico é ativado, ao se perceber o papel dos nomes usados para contornar tabu. Tendo isso em vista, buscou-se, neste estudo, elaborar redes de integração conceptual que demonstrem quais relações vitais/compressões se mostram mais recorrentes na conceptualização de piadas que integram nomes populares dados à vulva e ao pênis, além de examinar como o pensamento metafórico é ativado, ao se perceber o papel dos nomes usados para contornar o tabu.

Palavras-chave: Integração conceptual. Metáfora conceptual. Órgãos sexuais. Tabuísmo.

Vulva e pênis.

ABSTRACT

FREITAS, Patrícia Oliveira de. *Conceptual blending in the construction of sense in jokes with names of sexual organs*. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

This quali-quantitative research aims to study the cognitive processes that underlie the construction of sense of jokes that use popular names given to the vulva and penis. These processes are analyzed primarily from the perspective of Conceptual Metaphor Theory (LAKOFF, JOHSON, 1980, EVANS, GREEN, 2006, KÖVECSES, 2010) and the Conceptual Integration Theory (or Blending) (FAUCONNIER, TURNER, 2002). For the selection of jokes, it was chosen to use narratives that dealt with (i) a possible inference to the respective organs and (ii) a double meaning usually revealed at the end of the anecdotes. In addition, the genre “joke” was chosen in which there were no direct reference to anatomical terminology (vulva and penis) in the narrative, providing the process of inferences by the reader - from the processing of cognitive domains - for the construction of meaning. Based on the analyzes, it was postulated that the blending makes possible the union of several cognitive processes that would reveal the creativity of the thought, in order to deal with taboos as from euphemistic words. Thus, these softened words would arouse the social acceptance of the words struck by taboo. In addition, it was presumed that some of these cognitive processes would tend to be repeated in a regularized form when triggered the *frame* relative to SEXUAL ORGANS. In this sense, it was verified that the associations established between a given object and the sexual organ are made, to a large extent, through metonymic-metaphorical motivations based on conventionalized metaphors of the type PERSON IS OBJECT, and (PART OF) THE HUMAN BODY IS OBJECT, showing that metaphorical thinking is activated by perceiving the role of the names used to circumvent taboo. In this study, we sought to develop networks of conceptual integration that demonstrate which vital relations/compressions are most recurrent in the conceptualization of jokes that integrate popular names given to the vulva and penis, in addition to examining how metaphorical thinking is activated by noticing the role of the names used to circumvent taboo.

Keywords: Conceptual blending. Conceptual metaphor. Sexual organs. Tabuism. Vulva and penis.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Processo de recriação do mundo via linguagem	22
Figura 2 -	Relação entre participantes do <i>frame</i> EVENTO COMERCIAL	25
Figura 3 -	Rede de integração conceptual	35
Figura 4 -	Rede de integração conceptual da piada 1(1)	63
Figura 5 -	Rede de integração conceptual da piada 3(1)	67
Figura 6 -	Rede de integração conceptual da piada 5(1)	71
Figura 7 -	Rede de integração conceptual da piada 1(2)	75
Figura 8 -	Rede de integração conceptual da piada 3(2)	78
Figura 9 -	Rede de integração conceptual da piada 5(2)	82
Figura 10 -	Rede de integração conceptual da piada 1(3)	85
Figura 11 -	Rede de integração conceptual da piada 2(3)	89
Figura 12 -	Rede de integração conceptual da piada 3(3)	92
Figura 13 -	Rede de integração conceptual da piada 4(3)	96
Figura 14 -	Rede de integração conceptual da piada 5(3)	99

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 -	Representação da Metáfora na visão tradicional	29
Tabela 2 -	Mapeamentos para a metáfora conceptual AMOR É GUERRA	32
Tabela 3 -	Mapeamentos para O CIRURGIÃO É UM AÇOUGUEIRO	36
Tabela 4 -	Síntese da caracterização das redes de integração conceptual	38
Tabela 5 -	Organização quantitativa dos dados do formulário	49
Tabela 6 -	Progressão do rastreio para piadas não encontradas	50
Tabela 7 -	Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – Piada 1(1)	59
Tabela 8 -	Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – Piada 3(1)	64
Tabela 9 -	Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – Piada 5(1)	69
Tabela 10 -	Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – piada 1(2)	73
Tabela 11 -	Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – piada 3(2)	76
Tabela 12 -	Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – piada 5(2)	79
Tabela 13-	Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – piada 1(3)	83
Tabela 14-	Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – piada 2(3)	87
Tabela 15 -	Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – piada 3(3)	90
Tabela 16 -	Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – piada 4(3)	93
Tabela 17 -	Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – Piada 5(3)	97

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	LINGUÍSTICA COGNITIVA E SEU ARCABOUÇO CONCEITUAL	15
1.1	Linguística Cognitiva	15
1.2	<u>Semântica cognitiva</u>	19
1.2.1	<u>Estruturas estáveis do conhecimento: Domínios, Frames e MCI</u>	24
1.2.2	<u>Esquemas Imagéticos</u>	26
1.2.3	<u>Metáforas Conceptuais</u>	29
1.2.4	<u>Integração Conceptual (ou mesclagem)</u>	33
1.3	Habilidades imaginativas no processo interpretativo	39
1.4	Tabu linguístico	43
2	METODOLOGIA	47
2.1	Delimitação dos corpora	47
2.2	Procedimento de coleta dos dados: do formulário à seleção dos nomes	48
2.3	Seleção das piadas	49
2.4	Aplicação dos testes interpretativos	54
2.5	Procedimentos de análise	56
3	Mesclagem Conceptual em piadas	57
3.1	Piadas do Grupo 1	57
3.1.1	<u>Piada 1(1)</u>	58
3.1.2	<u>Piada 3(1)</u>	64
3.1.3	<u>Piada 5(1)</u>	68
3.2	Piadas do Grupo 2	72
3.2.1	<u>Piada 1(2)</u>	72
3.2.2	<u>Piada 3(2)</u>	76

3.2.3	<u>Piada 5(2)</u>	79
3.3	Piadas do grupo 3	83
3.3.1	<u>Piada 1(3)</u>	83
3.3.2	<u>Piada 2(3)</u>	86
3.3.3	<u>Piada 3(3)</u>	89
3.3.4	<u>Piada 4(3)</u>	92
3.3.5	<u>Piada 5(3)</u>	97
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
	REFERÊNCIAS	103
	APÊNDICE A – Formulário para a seleção dos nomes	107
	APÊNDICE B – Teste interpretativo fornecido ao Grupo 1	116
	APÊNDICE C – Teste interpretativo fornecido ao Grupo 2	118
	APÊNDICE D – Teste interpretativo fornecido ao Grupo 3	119

INTRODUÇÃO

Neste trabalho, apresenta-se uma análise do papel da mesclagem conceptual na conceptualização de piadas com emprego de nomenclatura popular das partes erógenas do corpo humano, delimitando-se aos nomes dados à vulva e ao pênis. A principal motivação para este estudo sucedeu de listas disponíveis¹ na internet que demonstram a criatividade na construção de novos sentidos para os nomes dados aos referidos órgãos. Essas listas abarcam não apenas os nomes concernentes à vulva e ao pênis, objetos de estudo desta pesquisa, mas também os nomes conferidos aos testículos, ao ânus e aos seios.

Como na abordagem cognitiva o significado linguístico é baseado no uso e na experiência, rejeitando a análise do significado linguístico fora de um contexto discursivo e social, inicialmente, empreendeu-se o desafio de situar o cenário no qual os nomes pudessem ser utilizados, uma vez que tais listas apresentavam palavras soltas e separadas por órgão. Assim, tornou-se imprescindível partir de um contexto em que esses nomes fossem usados, isto é, priorizou-se a transposição das listas capturadas da internet para a circunstância de uso dentro de um cenário específico e contextual, na medida em que o uso linguístico é um fator fundamental para abordagem que se adota neste trabalho.

Tendo em vista o propósito da utilização dos nomes em um contexto específico, a próxima etapa consistiu na escolha do material linguístico a adotar, visto que a menção a órgãos sexuais, culturalmente, é um tabu linguístico. Dentre as possibilidades aventadas, as palavras poderiam estar em *sites* e *blogs* de pornografia ou de conteúdo adulto, sendo utilizadas em contos eróticos, quadrinhos, charges e piadas. Diversas palavras extraídas das listas foram encontradas em quase todos esses sítios, bem como nos referidos gêneros textuais, por meio da ferramenta de rastreio *Google*. Optou-se pela utilização de piadas para compor os dados de análise por conta dos aspectos criativos da mente humana na elaboração e no entendimento de uma piada. Ademais, existem inúmeros casos em que não há a menção direta à terminologia oficial, fazendo com que o leitor infira, pelo processamento de domínios cognitivos, que a referência seja a um nome popular dado ao referido órgão. Esse fato

¹http://desciclopedia.org/wiki/Deslistas:Nomes_populares_para_a_vagina

http://desciclopedia.org/wiki/Deslistas:Nomes_populares_para_o_p%C3%AAnis

evidencia a operação mental subjacente à criatividade humana que se deve, em grande parte, à integração dos conceitos na formação de um novo significado.

A utilização do arcabouço teórico proposto pela Linguística Cognitiva (LC) para respaldar a pesquisa justifica-se por se tratar de uma abordagem de análise das línguas naturais que considera a linguagem como *um instrumento de organização, processamento e transmissão de informação* (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007, p. 3), em que as bases experiencial e conceptual das categorias linguísticas assumem lugar de primazia nas análises. Dessa forma, destitui-se a noção de que estruturas formais da linguagem atuam de forma autônoma e institui-se a ideia basilar de que a linguagem reflete uma organização conceptual geral a partir de influências experienciais e ambientais. Para os linguistas adeptos da LC, cognição e experiência estão integradas, de modo a relacionar o conhecimento a uma cognição constitutivamente corporificada.

É nesse sentido que a relação existente entre o sistema cognitivo, a linguagem e a cultura dizem respeito, de certa forma, ao significado, tanto no processo de construção quanto na comunicação. Um ponto de partida para o entrecruzamento dos conceitos supracitados, como salienta Kövecses (2006, p.3), é que o “significado, em suas diferentes facetas, é um aspecto crucial da mente, da linguagem e da cultura”. A Linguística Cognitiva, portanto, é um aparato teórico que lida com a construção do significado numa perspectiva linguística, social e cultural.

Tendo em vista a fundamentação teórica adotada, duas hipóteses gerais norteiam esta análise: (i) a mesclagem é o processo que permite a união de vários domínios cognitivos que revelariam criatividade do pensamento de modo a lidar com tabus, criando eufemismos para contornar o significado, suscitando a aceitação social do vocábulo tabuizado; e (ii) quando acionado o *frame* relativo a ÓRGÃOS SEXUAIS, alguns desses processos cognitivos tenderiam a se repetir de forma relativamente estável.

As hipóteses aventadas norteiam os caminhos para responder às seguintes questões teóricas: (i) como a mesclagem/integração conceptual permite construir sentidos de piadas com emprego considerados tabu a partir da observação de piadas que não usam, explicitamente, a terminologia técnica dada aos órgãos sexuais? e (ii) como os raciocínios ativados pela mescla possibilitam a utilização de uma linguagem eufemística capaz de contornar o tabu linguístico?

Portanto, esta pesquisa tem por objetivos gerais (i) estabelecer as relações existentes nos processamentos cognitivos envolvidos na conceptualização de piadas que integram nomes

dados a órgãos sexuais e (ii) demonstrar que as designações populares da vulva e do pênis se tratam de conceitos já convencionalizados no arcabouço lexical dos falantes.

Tendo em vista os objetivos gerais, postulam-se os seguintes objetivos específicos: (i) pontuar quais relações vitais/compressões se mostram mais recorrentes na conceptualização das piadas que incluem nomes populares dados à vulva e ao pênis; (ii) compor as redes de integração conceptual que se aplicam a essas piadas; e (iii) discutir a maneira como o pensamento metafórico é ativado ao se perceber o papel dos nomes usados para contornar tabu. Espera-se contribuir para os estudos cognitivistas sobre o processo de construção de sentidos, apoiando-se na ideia holística de que se deve observar o funcionamento de estruturas do conhecimento que subjazem à linguagem, responsáveis pelo acionamento de rotinas cognitivas.

A fim de atingir os objetivos propostos, esta dissertação estrutura-se da seguinte maneira: no primeiro capítulo, apresentam-se os pressupostos teóricos que respaldam a análise. Esses pressupostos abarcam os conceitos da LC, as habilidades imaginativas do processo de construção de significado do gênero piada numa visão cognitiva e o conceito de tabu linguístico; No segundo capítulo, expõe-se a metodologia a partir da qual foi possível realizar a pesquisa; No terceiro capítulo, passa-se à análise das piadas selecionadas para este estudo; Por fim, enumeram-se as conclusões da dissertação.

1 LINGUÍSTICA COGNITIVA E SEU ARCABOUÇO CONCEITUAL

Neste capítulo, segmentado em quatro seções, expõe-se a fundamentação teórica deste estudo. Na primeira seção, são percorridos os principais conceitos da empreitada que ficou conhecida como Linguística Cognitiva (1.1); na segunda seção, abordam-se os principais aspectos da Semântica Cognitiva (1.2), no que tange às reflexões sobre as estruturas estáveis do conhecimento (1.2.1), aos Esquemas Imagéticos (1.2.2), à Teoria da Metáfora Conceptual (1.2.3) e à Teoria da Integração Conceptual (ou mesclagem) (1.2.4). As duas últimas seções são dedicadas a reflexões acerca do gênero piada; a partir das quais são tecidas considerações sobre os processos imaginativos subjacentes a esse gênero numa visão cognitiva (1.3) e sobre tabu linguístico (1.4).

1.1 Linguística Cognitiva

Reler a tradição é tarefa indispensável a todos nós que nos aventuramos pelos mares da linguística. Tão volumosa e dispersiva é a produção contemporânea que se torna difícil ao navegador achar um norte. Assim, é tentador proceder como o memorialista e acender uma lanterna na popa (SALOMÃO, 2007, p. 28).

A epígrafe que inicia esta seção é de Margarida Salomão, uma das introdutoras da Linguística Cognitiva (LC) no Brasil, cujo registro de sua autoria evidencia a importância de se trazer à tona a tradição e o legado teórico propagados nos estudos da linguagem. No que concerne especificamente à LC, não poderia ser diferente. Ao reler a tradição que a precedeu, elucidam-se os questionamentos que culminaram em seu surgimento. Deve-se, inicialmente, sinalizar que, diferentemente de outras abordagens linguísticas, a LC não se constitui em uma teoria explicitamente demarcada. Ao contrário disto, ela é comumente comparada a um arquipélago, em que o grupo de ilhas, pouco distantes umas das outras, seria o grupo de teorias que mantêm alguma consistência uniforme, dado o firmamento comum que as origina e as sustenta. Destarte, sem considerá-la como uma teoria uma que reverbera as pesquisas de um determinado grupo, a LC passa a ser vista como uma “empreitada”, no sentido de ser um trabalho integralmente ajustado, com princípios norteadores e compromissos centrais nos quais as teorias se apoiam.

É possível falar de um marco inicial para esse movimento em 1980, com a publicação de *Metaphors we live by*, de Lakoff e Johnson, uma obra que modificou o entendimento que

se tinha sobre metáforas (ver subseção 1.2.3). Porém, a LC instituiu-se formalmente no fim da década de 80, mais precisamente em 1989, quando ocorreu a Primeira Conferência Internacional de Linguística Cognitiva. Fatores importantes para o seu estabelecimento sucederam esse evento, dentre os quais se destacam a institucionalização da *International Cognitive Linguistics Association* (ICLA) e o lançamento de seu primeiro periódico intitulado *Cognitive Linguistics*, publicado em 1990.

O interesse por uma nova formulação nos estudos sobre linguagem, dentro da conjuntura da época, entretanto, antecede os eventos sobreditos. Evans e Green (2006) apontam que a insatisfação com as abordagens formais já permeava o campo dos estudos da linguagem desde no início da década de 70. Além disso, a emergência da Ciência Cognitiva, da qual a LC faz parte, atravessa as décadas de 1960 a 1980, com um número relativamente pequeno de pesquisadores.

Só em 1990 que a propagação de estudos na área teve um aumento considerável, fazendo emergir cientistas da linguagem que se autointitulavam como linguistas cognitivistas. Deve-se ressaltar também que o termo “linguística cognitiva” já era conhecido desde a década de 1960, o que fez com que muitos pesquisadores adotassem as iniciais maiúsculas como forma de diferenciação das demais áreas das ciências cognitivas, permitindo, assim, a sua diferenciação terminológica (GEERAERTS, 2006, p. 3)².

Dentro desse cenário teórico, a cognição passa a ser vista como situada, dependente de uma cultura e de um corpo que interage com o meio físico e socioculturalmente situado. Assim, insere-se a assunção basilar do papel do corpo no panorama teórico da LC, na medida em que linguagem e pensamento passam a ser vistos de forma não dicotomizada, subtraindo a ideia de que existam módulos distintos – dentre eles, o da linguagem – que independem de outros processos cognitivos.

Em vez disso, a LC postula que há uma estrutura global, em termos processuais, que governa a mente, apontando para o fato de que a linguagem e as operações cognitivas gerais – tais quais a percepção, a atenção e a conceptualização, por exemplo – passam a ser abarcadas nas mesmas especificações de funcionamento, não sendo considerados processos precipuamente diferentes.

² Percebe-se que não há essa diferenciação em algumas obras de autores consagrados da Linguística Cognitiva (Cf. Croft&Cruse, 2004; Evans & Green, 2006; Kövecses, 2006; Evans, 2007;). Optou-se pela distinção terminológica sugerida por Geeraerts nesta análise com vistas à caracterização da Linguística Cognitiva em detrimento das outras ciências cognitivas, em que se inclui, por exemplo, a Linguística Gerativa.

Além da alteração de uma concepção horizontal e modular para uma concepção vertical e holística, o panorama teórico da LC evidencia uma modificação em cadeia quanto às questões concernentes ao corpo, à mente e à realidade externa, além de sinalizar para um rompimento, em relação a abordagens formais, quanto aos conceitos de linguagem, significado, verdade e, evidentemente, cognição (cf. Kövecses, 2006).

Quanto a esses aspectos, os linguistas cognitivistas advogam que a mente não é capaz de refletir objetivamente a realidade, como se ela pudesse ser precisamente captada pelo indivíduo, tal como ela é. Ao contrário disto, a assunção defendida é a de que o acesso à realidade se mostra muito limitado por conta do tipo de corpo com que os seres humanos se revestem e que, por conta disso, não se permite ir além do limite por ele determinado. Em outras palavras, não existe o “mundo real” que independa da percepção e ação no meio circundante.

Considerando esses fatores, postula-se que o movimento no espaço por parte dos indivíduos, com base em seu aparato sensório-motor situado socioculturalmente, é o fator crucial no processo de construção do significado. O interesse da LC, nesse sentido, é o de pleitear a construção do significado alicerçada na interação existente entre a natureza física do corpo humano e o meio circundante, dicotomizados no projeto filosófico cartesiano-formalista. Seguindo um caminho reverso, o movimento rompe com esse dualismo entre mente e corpo, unindo-os, não dissociando uma entidade da outra. Assim, a construção do significado está alinhada ao tipo específico de constituição física encarnada pelos seres.

A significação e a verdade, portanto, passam a assumir disposições distintas daquelas enviesadas na linguística formal. Verdade e significado deixam de ser vistos como intrinsecamente relacionados, de modo que a base do significado esteja fincada naquilo que é estabelecido como verdade. Em vez disso, a LC advoga a existência de um sistema conceptual humano (grosso modo, a mente humana) formado por uma estrutura conceptual (sistema cognitivo que representa e organiza os conceitos) de natureza experiencial, situada, imaginativa, metafórica, e etc.

O foco da investigação passa a se concentrar em qual é a natureza do conhecimento humano e como o conhecimento é representado na mente, e em como as formas se relacionam com a estrutura conceptual. Não se trata de uma relação direta entre a sentença e aquilo o que ela expressa como verdade. No alcance que se tem do real, o pensamento e o significado emergem da interação entre aparato sensório-motor e meio físico e socioculturalmente situado.

É nesse sentido que assumir o postulado da Linguística Cognitiva é inevitavelmente pressupor que a sua concepção não é a da linguística formal, sendo, na verdade, disruptiva a esta. Falar de seu advento é inevitavelmente reportar os aspectos com os quais ela rompe, e que é o que atribui a ela o seu caráter institucional. Nas palavras de Salomão, “talvez, por seu viés de nascimento, a LC surge definitivamente ‘semantocêntrica’, em contraste ao ‘sintatocentrismo’, que (...) está presente no DNA do gerativismo matriz” (ABRAÇADO, 2010, p.16). Em suma, o paradigma semântico da LC prevê que “as estruturas formais da linguagem são estudadas, não como se fossem autônomas, mas como reflexões de organização conceptual geral, princípios de categorização, mecanismos de processamento, e influências ambientais e experienciais” (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007, p.3)³.

Seguindo os padrões das especificações sobreditas, a LC tem duas grandes áreas nas quais as pesquisas se apoiam: a Semântica Cognitiva e a Gramática Cognitiva. Em ambas as abordagens, a empreitada da LC assume dois compromissos fundamentais que conduzem as assunções e metodologias empregadas pelos linguistas cognitivistas.

O primeiro compromisso teórico inclina-se à caracterização de princípios gerais que operem em todos os aspectos da linguagem, apontando um *compromisso de generalização*. Assim, os vários aspectos do conhecimento linguístico são investigados a partir de um conjunto comum de habilidades cognitivas, a partir das quais as análises são feitas. Evans; Bergen e Zinken (2007, p. 4)⁴ argumentam que

[o] Compromisso de Generalização representa um compromisso de investigar abertamente como os vários aspectos do conhecimento linguístico emergem de um conjunto comum de habilidades cognitivas humanas sobre as quais esses aspectos se desenham, ao invés de assumir que eles são produzidos como módulos encapsulados da mente.

O segundo compromisso da LC pauta-se na descrição de princípios gerais para a linguagem que estejam em consonância com o acervo de conhecimentos sobre mente e cérebro provenientes de disciplinas relacionadas. É, portanto, uma abordagem interdisciplinar por natureza e que sustenta um *compromisso cognitivo* – que é o que faz da LC efetivamente

³ “(...) the formal structures of language are studied not as if they were autonomous, but as reflections of generalconceptual organization, categorization principles, processing mechanisms, and experiential and environmental influences” (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007, p.3).

⁴ “The Generalization Commitment represents a commitment to openly investigating how the various aspects of linguistic knowledge emerge from a common set of human cognitive abilities upon which they draw, rather than assuming that they are produced as encapsulated modules of the mind” (EVANS; BERGEN; ZINKEN, 2007, p.4).

cognitiva. Tem-se, aqui, a base que fornece subsistência a todas as ilhas do arquipélago que constitui a Linguística Cognitiva.

Com isso, apresenta-se, na próxima seção, a definição do ramo no qual esta pesquisa se apoia: a Semântica Cognitiva, campo que se dedica à descrição do mundo, tal como ele é percebido, em decorrência do processo de corporificação. Logo, a discussão em torno desse viés da LC justifica-se pela investigação da relação entre o conhecimento de mundo e o conhecimento linguístico na produção de novos significados com vistas a contornar tabus linguísticos.

1.2 Semântica Cognitiva

Segundo Lakoff, “uma filosofia de realismo experiencial requer uma Semântica Cognitiva” (1987, p. 269)⁵, isto é, uma consequência da perspectiva experiencialista requer uma abordagem de pesquisa que postule a relativização da realidade. A vertente resulta como uma reação à concepção filosófica tradicional do pensamento e da razão, desenvolvida dentro da linguística formal, em que a realidade é objetivamente dada por meio da manipulação de símbolos. Por conta disso, o significado é concebido de modo a se relacionar com as palavras e as entidades externas, desconsiderando fatores caros à LC, tais como a estrutura conceptual geral – organizada pelo processo de interação existente entre homem e meio – refletida na linguagem.

Dessa forma, com a guinada cognitivista, a instituição de uma Semântica Cognitiva tornou-se inevitável, uma vez que outros estudos semânticos de natureza mais formalista já não ofereciam o suporte necessário para os estudos baseados na experiência. Traçando o caminho reverso, a Semântica Cognitiva diz respeito à área que investiga de forma integrada a representação do conhecimento e a construção do significado revelados por meio da linguagem e do processo de corporificação obtidos da experiência. Por conta disso, essa linha de pesquisa é comumente conhecida como *Semântica Cognitiva Experiencialista*.

Apesar dos diferentes focos traçados previamente pelos semanticistas cognitivos, há pelo menos quatro princípios que norteiam as pesquisas na referida área e que evidenciam as particularidades dessa abordagem da semântica. São eles:

⁵ “A philosophy of experiential realism requires a cognitive semantics” (LAKOFF, 1987, p. 269).

- (i) A estrutura conceptual é corporificada;
- (ii) A estrutura semântica reflete a estrutura conceptual;
- (iii) A representação do significado é enciclopédica;
- (iv) A construção do significado é a conceptualização.

Um dos interesses centrais da abordagem é conseguir explicar a relação que se firma entre a natureza da estrutura conceptual e o mundo externo experienciado sensorialmente a fim de que se teorize sobre como essa organização conceptual ocorre mediante a interação existente entre homem/corpo/mundo. Tendo isso em vista, a ideia de que a cognição é fundamentalmente corporificada, exposta em (i), diz respeito ao tipo de corpo específico da espécie humana e às consequências na estrutura conceptual em decorrência dessa configuração física encarnada. É provável que a natureza dos corpos humanos seja o elemento interventor no processo de construção da realidade. Por conta disso, tem-se uma visão da realidade específica da espécie humana viabilizada por essa estrutura corpórea também específica.

Entretanto, não se deve responsabilizar apenas a natureza biológica humana, mas o próprio nicho ecológico onde essas interações ocorrem. O ambiente físico determina os limites ou amplitudes experienciais. A experiência que um sujeito tem com a gravidade, por exemplo, diferencia-se em grande escala da experiência vivenciada pelas aves. A resposta de ambos será distinta a essa força de atração, e isso caracteriza uma *corporificação variável*, em que cada organismo vivencia experiências distintas no mesmo espaço físico.

A percepção de cores que perpassam o sistema visual humano também é um exemplo que ilustra bem a variação supracitada. Se comparado ao sistema de alguns animais, percebe-se que os humanos têm três tipos de fotorreceptores, ao passo que essa quantidade pode variar no reino animal. Os coelhos e os pombos têm dois e quatro fotorreceptores, respectivamente. Além disso, a habilidade de um sujeito de enxergar à noite é limitada em comparação a de alguns animais, como as mariposas, cascavéis e os lagartos, que apresentam maior desempenho visual na ausência de luz.

Convém salientar que essa ideia não refuta a existência de uma realidade física que independa das experiências humanas ativas nela ou não. Os exemplos mencionados sobre a gravidade e o espectro cromático demonstram essa autossuficiência de algo que aparenta ser uma verdade. É possível que o real exista. Porém, o acesso que se tem a essa realidade externa

é limitado pelo nicho ecológico ao qual se adapta e também em virtude da condição corpórea na qual se encarna.

A premissa sustentada em (ii) refere-se à correlação existente entre a estrutura semântica e a estrutura conceptual. A estrutura semântica é composta por significados usualmente associados a palavras ou unidades linguísticas, e a estrutura conceptual é a forma como o conhecimento é representado na mente via enquadres da experiência. Em outras palavras, são estruturas do conhecimento, estáveis ou temporárias, que têm por finalidade a construção do significado local. As estruturas do conhecimento relativamente estáveis são postuladas por linguistas filiados à abordagem em questão em termos de domínios, modelos cognitivos idealizados, *frames*, projeções conceptuais entre domínios, espaços mentais e integração conceptual.

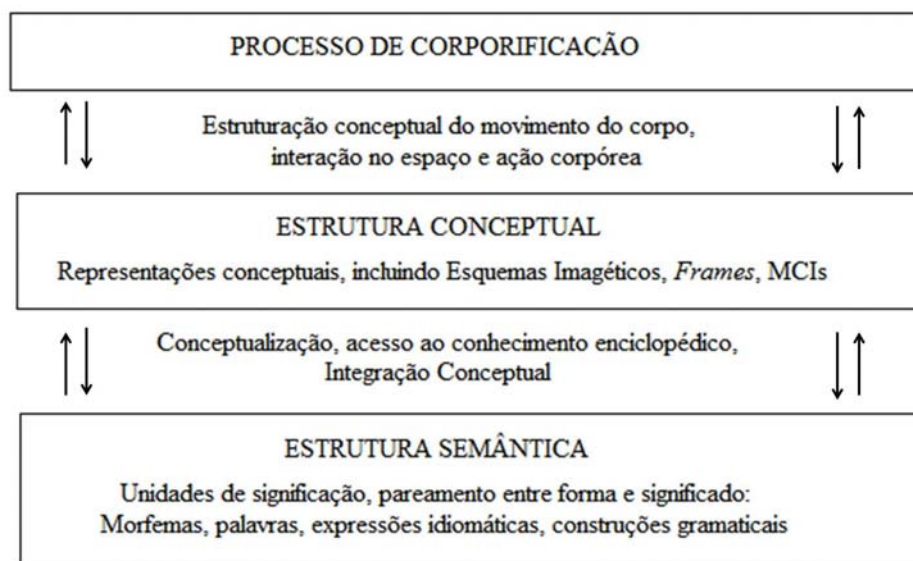
Ressalta-se que afirmar que a estrutura semântica reflete a estrutura conceptual não significa que sejam processos substancialmente idênticos. À guisa de diferenciação,

[a] estrutura conceptual é o sistema cognitivo que representa e organiza a experiência de modo a poder servir como *input* para processos como raciocínio e expressão na linguagem. Estrutura semântica é o sistema no qual os conceitos são convencionalmente codificados em uma forma na qual podem ser externalizados pela linguagem (EVANS; GREEN, 2006, p. 201)⁶

Em síntese, a representação do mundo circundante e sua conseqüente externalização via linguagem perpassam pelas seguintes etapas, ilustradas na Figura (1):

⁶ “Conceptual structure is the cognitive system that represents and organizes experience in a form that can serve as the *input* for processes like reasoning and expression in language. Semantic structure is the system wherein concepts are conventionally encoded in a form in which they can be externalized by language” (EVANS; GREEN, 2006, p. 201).

Figura 1 – Processo de recriação do mundo via linguagem



Fonte: A autora, 2017.

Assim, o processo de corporificação é uma instância primeira, fazendo emergir uma estrutura conceptual. Essa surge da interação do indivíduo com o meio circundante, isto é, da maneira como o corpo, em conjunto com a sua arquitetura neuroanatômica, situado em um mundo social e cultural, percebe e vivencia a realidade que o cerca. Teorizar que a estrutura semântica reflete essa estrutura conceptual é igualmente pressupor que o significado linguístico é a manifestação da estrutura conceptual. Em outras palavras, a linguagem refere-se a conceitos na mente do falante-ouvinte e não nas coisas, nas entidades imanentes a um mundo objetivamente dado. A forma como o mundo é percebido se dá por meio das estruturas conceptuais.

O princípio norteador (iii) remete à natureza enciclopédica da estrutura conceptual em detrimento da visão de dicionário, predominante nos estudos formais da linguagem. A Semântica Cognitiva faz um caminho reverso ao da Semântica Lexical. Em vez de sustentar que o conhecimento linguístico é representado por um dicionário mental (ou léxico), e que este tem prevalência nos estudos concernentes à significação das palavras, os semanticistas cognitivos estabelecem a primazia do conhecimento enciclopédico na construção do significado.

Na perspectiva formalista, o conhecimento linguístico é representado por meio do componente dicionário, de tal modo que as representações mentais do significado são estabelecidas e acessadas de forma análoga ao modo como as palavras estão disponíveis no dicionário. Trata-se de uma visão componencial, uma vez que elenca os componentes

semânticos essenciais que caracterizam o significado de determinada palavra. Essa visão está em consonância com a hipótese modular da linguagem e que, por assim ser, diferencia o conhecimento lexical do conhecimento de mundo.

A alternativa proposta pela LC posiciona-se contra a separação do significado linguístico do seu contexto particular, tal como é feito nos estudos tradicionais em Semântica. Não há essa separação rígida entre a semântica e o conhecimento de mundo, o que significa que inexistem a distinção entre significado e aspectos pragmáticos, sociais e culturais. Dadas as evidências consideráveis de que o significado é representado via enquadres e domínios experienciais, os semanticistas cognitivos rejeitam a visão modular que postula um repositório lexical na mente análogo a um dicionário. O conhecimento passa a ser visto de forma enciclopédica em sua amplitude, integrando o conhecimento de dicionário a uma subparte dessa enciclopédia, que é mais geral.

O último princípio norteador da Semântica Cognitiva (iv) prevê que a linguagem, por si só, não codifica o significado (EVANS; BERGEN; ZINKEN, 2007, p.9). A conceptualização é a maneira como o significado se constrói com o aporte da linguagem. Essa construção, portanto, é um processo dinâmico que ocorre no nível conceptual. Assim sendo, sua essência é, em princípio, não linguística. Nesse sentido, os semanticistas cognitivos advogam que o significado convencional atrelado a unidades linguísticas servem como gatilhos para que esse processo de construção de significado ocorra. O acionamento ocasionado por esse pareamento demanda uma série de operações conceituais, além de evocar o conhecimento de fundo do falante ao selecionar o significado mais conveniente naquele contexto específico.

A abordagem tem como interesse criar um modelo da mente humana sem a pretensão de que ele seja a expressão exata da realidade, mas que a sua formulação esteja baseada nas evidências verificadas por meio da linguagem. A Semântica Cognitiva, portanto, utiliza-se da linguagem para investigar e teorizar questões concernentes aos fenômenos do nosso aparato cognitivo.

Nesse contexto, a Semântica Cognitiva constitui-se um subconjunto da Linguística Cognitiva, e assim como na LC, não se trata de uma teoria articulada isoladamente. Algumas de suas teorias servirão como base para as análises desta pesquisa, dentre as quais se destacam os Esquemas imagéticos, os *Frames* Semânticos, bem como os Modelos Cognitivos Idealizados e as teorias da Metáfora e Mesclagem Conceptuais. As seções subsequentes expõem resumidamente as teorias mencionadas com a sustentação nos quatro princípios norteadores propostos pela Semântica Cognitiva.

1.2.1 Estruturas estáveis do conhecimento: Domínios, *Frames* e MCI

As estruturas estáveis do conhecimento são os fatores que viabilizam o processo de construção do significado, de modo que a compreensão que se tem de determinado significado convencional, em muitos casos, vai além do que as formas linguísticas conseguem codificar. São essas estruturas que nos permitem entender, por exemplo, que uma *camisa de força* não é necessariamente uma vestimenta que atribui disposição física a alguém, mas que ela serve para tolher movimentos, impossibilitando possíveis ações motoras; ou que uma *chave mestra*, ao invés de ser um instrumento que ensina, é, na verdade, o mecanismo por meio do qual todas as portas de um determinado edifício se abrem.

Muito do entendimento que se tem sobre expressões como essas se deve a alguns conjuntos de conhecimentos estruturados que subjazem à linguagem. A LC teoriza sobre esses conhecimentos, pautando-se na abordagem enciclopédica da linguagem e na inclinação à ideia de que a linguagem é um sistema de comunicação que reflete o mundo da maneira como é observada e vivenciada pelos falantes. Uma importante noção a esse respeito é a concepção de *domínio*, que, segundo Langacker (1994, p.3)⁷, “pode ser qualquer tipo de conceptualização: uma experiência perceptual, um conceito, um complexo conceptual, um sistema de conhecimento elaborado etc.”; em outras palavras, trata-se de uma entidade cognitiva que possui, em princípio, diferentes níveis de complexidade e organização.

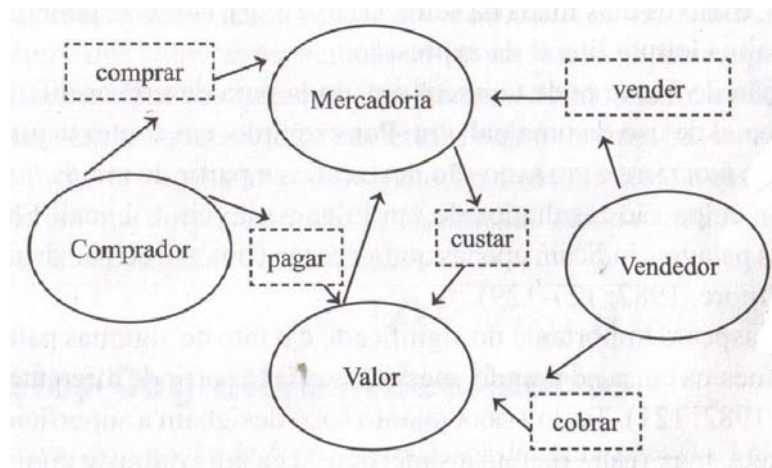
A Teoria da Semântica de *Frames*, desenvolvida por Fillmore (1975, 1982, 1985), prevê que um *frame* semântico é a esquematização de cenas da experiência armazenadas na memória permanente, de modo a possibilitar uma maneira particular de ver os significados das palavras. O significado linguístico não ocorre separadamente de outras formas de conhecimento, o que implica dizer que o conhecimento linguístico e o conhecimento de mundo não se dissociam.

Em outras palavras, emoldam-se mentalmente cenas de experiências recorrentes. Só é possível compreender a noção de *venda*, por exemplo, a partir do acesso ao *frame* de *transferência comercial*, em que se abrange o conhecimento de mundo acerca do ato de

⁷ “(...) can be any sort of conceptualization: a perceptual experience, a concept, a conceptual complex, an elaborate knowledge system, etc” (LANGACKER, 1994, p.3) .

vender e do ato de comprar, do vendedor e do comprador, da mercadoria, do meio de troca para a aquisição do produto, da forma de pagamento etc., conforme a Figura (2).

Figura 2– Relação entre participantes do *frame* EVENTO COMERCIAL



Fonte: FERRARI, 2011, p. 51.

Trata-se de conceitos relacionados em uma estrutura coerente, cujas relações se firmam a partir do *frame* que é ativado. Dessa forma, a situação é construída dependendo do ponto de vista do falante e de sua experiência em um contexto particular. No processamento do *frame* de transação comercial, por exemplo, *vender* pressupõe a construção de um cenário sob a perspectiva de um vendedor, ao passo que *comprar* pressupõe que a situação seja organizada a partir da perspectiva de um comprador. Como argumenta Fillmore (2006, p. 373), os *frames* viabilizam um sistema de conceitos relacionados de modo que, para o entendimento de qualquer um desses conceitos, o falante deve entender toda a estrutura na qual eles se inserem. Assim, na introdução de qualquer elemento dessa estrutura em um texto, ou em uma conversação, todos os outros componentes são disponibilizados automaticamente.

Em consonância com a proposta de Fillmore (1975, 1977, 1982, 1985) na organização cognitiva estrutural do conhecimento, tem-se a noção dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs). Cada MCI, segundo Lakoff (1987), é um todo estruturado complexo que resulta da experiência e da capacidade humanas para conceptualizar o mundo. O autor levanta quatro princípios que estruturam os MCIs com base nos dispositivos cognitivos. São eles:

(a) *A Estrutura Proposicional*, que partilha da mesma concepção do tipo de estrutura estabelecida por Fillmore (1975, 1977, 1982, 1985) em relação aos *frames*. O conceito de DIA, por exemplo, pode ser estabelecido como um modelo cognitivo idealizado concernente a uma unidade de medida de tempo. Trata-se de uma convenção social que define o DIA como um

período de 24 horas ou 86.400 segundos. Da mesma maneira, temos o modelo cognitivo idealizado de SEMANA, deliberado como um período linear de sete dias fixado por um calendário padronizado. As duas noções são idealizadas justamente por não existirem objetivamente na natureza. Além disso, nem todos os grupos sociais partilham desses mesmos modelos.

(b) A estrutura dos *Esquemas Imagéticos* (ver a próxima seção), em que os conceitos se constituem a partir das experiências diretas do corpo, resultando em conceitos complexos de base experiencial. A natureza corpórea desse modelo é cinestésica, tendo em vista a percepção do corpo e de suas partes, o movimento corpóreo no espaço e o manuseio desse corpo com o formato dos objetos.

(c) Os *Mapeamentos Metafóricos* (ver a seção 1.2.3) são a expressão mais evidente da não autonomia da linguagem, uma vez que se trata de um mecanismo cognitivo geral, e não um recurso específico da linguagem. Logo, tais recursos, ao mesmo tempo em que subjazem à linguagem (e por isso são de natureza conceptual, e não linguística), viabilizam os significados que se manifestam na própria linguagem. Isso é possível por meio da projeção entre domínios da experiência, partindo daqueles que são mais concretos a outros domínios mais abstratos, ou, em outras palavras, partindo-se de um domínio-fonte A para um domínio-alvo B, de modo que B estrutura-se a partir de A.

(d) Os *Mapeamentos Metonímicos*, cujo modelo tem principalmente uma função referencial, em que uma entidade é utilizada para representar outra relacionada, estando ambas inseridas no mesmo domínio conceptual. É o caso de “Ela trabalha na Linguística”, em que o enunciador se utiliza da área para falar de um departamento. Trata-se de um conceito A sendo representado por um conceito B, ambos consolidados no mesmo domínio conceptual.

1.2.2 Esquemas Imagéticos

A noção de Esquemas Imagéticos é uma ideia central à tese da cognição corporificada. Esses esquemas derivam das experiências sensoriais e perceptuais do indivíduo, isto é, derivam de padrões regulares da corporificação.

Desde cedo, mais precisamente a partir dos dois meses de idade, a criança já participa desse processo de corporificação (cf. SCHOLNICK; MILLER, 2008 p. 255; EVANS; GREEN, 2007 p. 45). As experiências sensoriais e motoras criam um conjunto de esquemas que modulam as experiências organizacionais dos bebês. Eles já começam a observar o espaço onde se inserem e a se concentrar nos objetos que manuseiam ou desejam manusear. A partir dessas experiências espaciais e corporais, começam a estruturar as experiências semelhantes, que é um processo pelo qual percebem certos padrões significativos, como os de causalidade e de espaço, por exemplo.

Para ilustrar essa ideia, tem-se o deslocamento corpóreo no espaço, em que a cabeça se posiciona na parte de cima do corpo, e os pés, em relação à posição da cabeça, posicionam-se na parte de baixo. Assim, dentro dos limites da sua constituição física, o eixo vertical do corpo é operacionalmente assimétrico, evidenciando uma estrutura composta por uma parte que é superior e outra que é inferior. A parte de cima difere-se funcionalmente da parte de baixo.

A relação do ser humano com a gravidade retrata essa convergência estrutural: abaixa-se para apanhar objetos não suportados por essa força de atração física e levanta-se em seguida, fixa-se o olhar para direções que requisitam a movimentação da cabeça para cima/baixo, para os lados e para frente/trás. Essa conceptualização da experiência em termos de ESPAÇO é o que viabiliza o surgimento dos esquemas imagéticos CIMA-BAIXO, FRENTE-TRÁS, ESQUERDA-DIREITA, CENTRO-PERIFERIA.

Além disso, seres humanos são capazes de perceber, manejar e relacionar-se com utensílios e compartimentos semelhantes a um contêiner, tais como copos, vasilhas, caixas, cômodos de uma casa e até mesmo a estrutura corporal humana. A condição estrutural de um contêiner requer um limite que separe algo que está dentro de algo que está fora. As reiteradas experiências com esses objetos permitem ao indivíduo perceber o sentido dos contêineres e transportar o uso que se faz deles para o uso da própria linguagem, ensejando os esquemas imagéticos DENTRO-FORA, CHEIO-VAZIO, CONTEÚDO e CONTENÇÃO.

Um exemplo concreto dos esquemas imagéticos pode ser observado nas experiências corpóreas do conceito que temos sobre dinâmica. Gibbs, Lima e Francozo (2004, p. 1.193) exemplificam quatro maneiras de como se experiencia essa noção de movimento na vida cotidiana. São elas:

- (1) a experiência visual, quando objetos pesados em movimento continuam a mover-se mesmo quando encontram algum obstáculo;

- (2) a experiência cinestésica, quando nós somos o objeto pesado em movimento ou o objeto encontrado por aquele que já estava em movimento;
- (3) a experiência auditiva, quando há a experiência visual e a cinestésica, podendo ocorrer separadamente ou simultaneamente;
- (4) a experiência interna, quando certas funções do corpo se desenvolvem de tal forma que não podem ser paradas.

Dessas reiteradas experiências corpóreas, abstraem-se alguns aspectos compartilhados referentes à forma e, por meio da linguagem, é possível relacionar ao entendimento sobre movimento. Essa estruturação interna, da qual os esquemas imagéticos se organizam, pode conceber outros conceitos mais abstratos, tais como os conceitos metafóricos, servindo como base para a expressão “Fui derrubado por aquela ideia” e “Temos muito impulso para sairmos de uma corrida eleitoral”, por exemplo.

Na primeira sentença, presume-se que alguém foi convencido por uma ideia bem fundamentada e por isso foi derrubado. Essa expressão segue o mesmo padrão de funcionamento dos objetos em movimento supracitados: quanto maior, menos dificuldade para carregar os obstáculos pela frente e seguir em frente com o seu movimento linear. Dessa forma, a ativação da metáfora conceptual (ver a próxima seção) IDEIAS SÃO OBJETOS é o que estrutura uma possível inferência de que uma pessoa encontrou uma grande ideia, capaz de convencer-lhe sobre determinado assunto.

Por outro lado, se um objeto for mais pesado do que o outro, o choque entre eles não mudará, de forma significativa, o movimento do objeto mais pesado. Quanto mais força for aplicada para o movimento, mais dificilmente o objeto irá parar imediatamente. Esse objeto ainda irá percorrer um trajeto para que possa, então, ficar imóvel. Quanto maior o impulso que provoca o movimento originário, maior será a possibilidade de ele alcançar determinada direção. Com isso, pressupõe-se que a metáfora conceptual REALIZAÇÕES SÃO MOVIMENTOS é o que estrutura a segunda sentença supracitada, em que o candidato a um cargo eletivo tem boas chances de ganhar uma votação, dado o ímpeto com que foi impulsionado na campanha eleitoral. Portanto, não há possibilidade de retirar-se dela, isto é, de parar.

Esses exemplos ilustram que a cognição humana é fundamentada e estruturada por padrões da nossa percepção, ações corpóreas e manipulação de objetos. As experiências do corpo originam esquemas imagéticos a partir daquilo que é sensorial e daquilo que é relativo aos movimentos, ou seja, emana do que o corpo sente e do que ele faz. Não está apenas no âmbito do que é pictórico, mas amplamente no âmbito cinestésico.

Em suma, os esquemas imagéticos são padrões abstratos e permanentes da experiência corporificada que subjazem ao entendimento de expressões linguísticas metafóricas assim como outros conceitos abstratos.

1.2.3 Metáforas Conceptuais

Desde a Antiguidade Clássica, postulam-se inúmeras teorias que se dedicam a descrever os fenômenos da linguagem relacionados à metáfora. De lá para cá, no espaço temporal de aproximadamente dois milênios, houve o predomínio da ideia de que a metáfora se enquadrava no rol das figuras de linguagem e, assim sendo, seu uso se limitava ao âmbito da literatura e da persuasão, em contraste com a linguagem literal, considerada como a linguagem ordinária. Fazer uso de metáforas, segundo a crença tradicional, era (e ainda é, a depender do ponto de vista teórico) uma escolha poética e refinada, nunca uma operação da cognição.

Nesse sentido, deve-se levar em consideração a arquitetura na qual a ideia clássica é engendrada. Caracteriza-se por traços em comum entre dois termos que aparentam ter alguma semelhança considerável na construção de significado. A novidade poética das expressões linguísticas surge quando um conceito é utilizado fora de seu uso convencional, revelando uma noção de similaridade entre um termo (que é ordinário) e outro (que não é). Nesse sentido, a forma esquemática em que essa abordagem se apoia é [*A com o mesmo atributo de B*], evidenciada como uma comparação implícita, isto é, uma comparação não marcada explicitamente pelo uso de conectivos, como mostra a Tabela (1).

Tabela 1 - Representação da Metáfora na visão tradicional

TERMO A	ATRIBUTO EM COMUM	TERMO B
<i>Aquele rapaz</i>	<i>é um beleza sensualidade</i>	<i>Gato</i>
<i>Aquela mãe</i>	<i>é uma coragem força</i>	<i>Leoa</i>

Fonte: A autora, 2017.

Havia, ainda, um consenso de que o uso metafórico no âmbito da ciência era inapropriado, resultando na canonização da utilização da linguagem literal para esse fim. O discurso científico, em princípio, deveria ter a linguagem transparente e precisa proporcionada pelo emprego da linguagem literal. Essa noção é concebida nos moldes do objetivismo, que, em qualquer uma de suas inúmeras versões, postula que é possível acessar, via linguagem, as verdades sobre os estados e ações sobre as coisas, sendo elas indubitáveis e incondicionais. O que ultrapassasse disso seria apenas um ornamento retórico manifesto pelo uso da linguagem figurativa, em que se inclui a metáfora. Portanto, a distinção rígida entre a literatura e a ciência se dava, respectivamente, da seguinte forma: a imaginação e o metafórico, de um lado, e a razão e literalidade, do outro.

Na década de 70, essa visão da metáfora como recurso retórico é revista, evidenciando mudanças profundas no paradigma teórico e filosófico que vigorava até então. Nesse período, houve o crescimento de pesquisadores dedicados ao estudo das metáforas. O interesse na área se deu especialmente no campo das Humanidades, com o enfoque preponderante nas ciências da linguagem e na psicologia cognitiva. A profusão de correntes que se dedicavam a pesquisas sobre linguagem figurativa e pensamento deu às metáforas a atenção por meio da qual foi possível reformular o que se entendia por sistema linguístico.

Em 1980, George Lakoff e Mark Johnson publicaram a obra que marcou os estudos cognitivistas, na medida em que rompeu com o paradigma objetivista precedente, enfatizando, neste momento, o seu caráter epistemológico insólito. Esboçaram, de forma inicial, os estudos que hoje dão à LC um arcabouço proveitoso de pesquisas sobre metáforas. A extensa atenção dada ao assunto é o que permite a diferenciação entre a LC e outras abordagens cognitivas. Um verdadeiro convite a desatar certos preceitos que perduravam desde os gregos: abandona-se o enfoque na metáfora retórica e admite-se a metáfora como uma operação cognitiva básica.

Nesse prisma, as metáforas trazidas por Lakoff e Johnson (1980) caracterizam-se, sobretudo, por serem uma questão inerente ao pensamento. O principal questionamento que deu origem a essa noção diz respeito a quais generalizações viabilizam as expressões metafóricas. A ideia surgida a partir da visão tradicional tende a não se sustentar frente a esse tipo de indagação, uma vez que os princípios que governam as expressões metafóricas não estão na linguagem, mas no pensamento.

Na verdade, essas generalizações são mapeamentos entre domínios conceituais, manifestos tanto nas expressões poéticas quanto na linguagem ordinária. Assim, se anteriormente a metáfora e a imaginação se restringiam à poesia, visto que a razão e o literal se inseriam no âmbito científico, com a nova abordagem, os autores sintetizaram a razão e a

imaginação a um único enquadramento, dada a racionalidade imaginativa por meio da qual a ciência e a poesia são, na mesma escala, caracterizadas.

Por esse ângulo, os autores inferiram um sistema conceptual humano, isto é, um repositório conceptual estruturado mentalmente que subjaz à linguagem. Esse sistema, que é o sistema ordinário, é abundantemente metafórico e, por assim ser, exerce grande influência nas nossas atividades diárias, na forma como se pensa e como se externaliza esse pensamento por meio da linguagem.

Diferentemente da crença que vigorava até então, o acesso a esse sistema conceptual não ocorre de forma consciente, na maioria das vezes. O pensamento é inconsciente. Todo o aparato cognitivo disponível, acrescidos aos mecanismos neurais dos quais se dispõe, são instrumentos viabilizadores do entendimento sobre a própria mente, ao mesmo tempo em que são institucionalizados pela experiência corpórea.

Seguindo essa linha de raciocínio, muda-se também o ponto de vista da consciência. A razão não é completamente consciente. Na maioria das vezes, ela é inconsciente e baseada em protótipos, enquadres de experiência (ou *frames*) e metáforas. Logo, se o pensamento é, em sua maior parte, inconsciente, isto é, quase sempre sem a intervenção volitiva ou reflexiva do sujeito, parte-se do princípio de que todo o processamento cognitivo ocorre de maneira rápida sem que seja possível focar nessa operação – ao menos não totalmente consciente, e sim abaixo do nível da consciência.

Por conta desse acesso limitado, Lakoff e Johnson (1980) identificaram uma maneira de perceber como funciona esse sistema com base nas evidências linguísticas, propiciando, assim, a identificação detalhada de quais metáforas estruturam a nossa percepção, pensamento e ações cotidianas. À guisa de exemplificação, o conceito de AMOR, estruturado pelo conceito de GUERRA, está presente no uso linguístico ordinário em uma diversidade de expressões, originando-se do cruzamento de dois domínios da experiência, um domínio-fonte (GUERRA – que é um domínio concreto e relativamente bem estruturado), e um domínio-alvo (AMOR – que é abstrato e é constituído por meio do domínio-fonte), como se observa nos seguintes exemplos:

Ele é conhecido por suas muitas **conquistas** rápidas. Ela **lutou** por ele, mas sua amante **venceu**. Ela o **perseguiu** incansavelmente. Ele está vagarosamente **ganhando terreno** com ela. Ele **ganhou** sua mão em casamento. Ele a **dominou**. Ela é **cercada** pelos homens de terno. Ele tem que **defender-se** deles. Ele **recrutou**

o apoio dos amigos dela. Ele **aliou-se** a mãe dela. Deles é uma **desaliança**, se é que eu já vi uma. (GEERAERTS, 2006, p. 11)⁸. [grifos meus]

Pelo excerto, é possível perceber que se experiencia o conceito de AMOR como se ele fosse uma GUERRA. Fala-se de forma usual sobre conquistas amorosas, sobre lutar por um relacionamento, ganhar ou perder o amor do outro – o que pressupõe um vencedor ou um perdedor –. Enfim, não apenas *fala-se* de amor baseado no conceito de guerra, como também *vivencia-se* essa “disputa” amorosa, embora o conflito físico inexista. Na Tabela (2), ilustra-se o mapeamento desses domínios.

Tabela 2 - Mapeamentos para a metáfora conceptual AMOR É GUERRA

Fonte: GUERRA	Mapeamentos	Alvo: AMOR
Conflito Físico	→	Conflito amoroso abstrato
Conquistas territoriais	→	Conquistas amorosas
Disputa envolvendo adversários	→	Disputa envolvendo afeição do Outro
Ganhar/Perder uma batalha	→	Ganhar/Perder o amor

Fonte: A autora, 2017.

Esse fato evidencia que a metáfora não reside na linguagem em si, mas na conceptualização de que um domínio do conhecimento transpõe-se a outro, para que haja a compreensão de determinado discurso. Na visão cognitivista, a caracterização de uma metáfora passa a ser concebida como mapeamentos que ocorrem entre os domínios no sistema conceptual, evidenciados no uso linguístico habitual, de natureza fundamentalmente metafórica. Dessa forma, diferindo-se da teoria predecessora, as metáforas literárias passam a ser vistas como uma extensão das metáforas utilizadas no cotidiano, e o termo “expressões metafóricas”, equivalentes às “metáforas” na visão tradicional, é concebido no nível linguístico por meio das palavras, frases ou sentenças via mapeamento de domínios da experiência.

Entre os desenvolvimentos subsequentes à visão de Lakoff e Johnson (1980) sobre o papel da metáfora no pensamento, também serão tomados na análise das piadas os estudos de

⁸ “He is known for his many rapid *conquests*. She *fought* for him, but his mistress *won out*. He *fled* from her advances. She *pursued* him *relentlessly*. He is slowly *gaining ground* with her. He *won* her hand in marriage. He *overpowered* her. She is *besieged* by suitors. He has to *fend* them off. He *enlisted the aid* of her friends. He *made an ally* of her mother. There is a *misalliance* if I’ve ever seen one” (GEERAERTS, 2006, p. 11).

Kövecses (2005, 2006, 2010), que destacam os aspectos culturais envolvido na ativação de metáforas conceptuais.

De acordo com Kövecses (2010), o domínio fonte usado metaforicamente para um alvo particular surge do fenômeno da *pressão por coerência*, em que as metáforas oriundas das experiências com o corpo e aquelas provenientes do contexto, que pode ser global ou local, viabilizam a conceptualização metafórica expressa na vida cotidiana. Os falantes tentam (e tendem a) ser coerentes no processo de criação de ideias metafóricas de modo que a situação comunicativa seja entendida minimante ao compreender o público, o meio, o tópico e o cenário. Kövecses (2005, p. 237) acrescenta que

todos esses fatores podem desempenhar um papel na criação de metáforas que podem não existir na linguagem mais convencionalizada, padrão, ou na criação de usos diferenciais de metáforas em situações comunicativas que se caracterizam por propósitos e relações afetivas diferentes entre autor e público⁹.

Dessa forma, tanto a questão da intervenção do corpo quanto da indução do contexto suscitam a discussão em torno da universalidade e da variação na conceptualização de metáforas. Pode-se estabelecer que as experiências advindas da corporificação fundamentam as metáforas universais, e o contexto (global ou local) alicerça a variação no entendimento e no uso de metáforas.

1.2.4 Integração Conceptual (ou mesclagem)

A Integração Conceptual é um processo cognitivo básico e geral que lida diretamente com a forma como se pensa. Apesar de parecer uma coisa simples, sua automaticidade ocorre de forma implícita, sem que o falante se dê conta do complexo de relações que ocorre no seu sistema conceptual. Trata-se de “uma operação mental que pode ser considerada a origem da nossa aptidão para inventar novos signos” (FERRARI, 2011, p. 120).

O advento da teoria da mesclagem resulta dos estudos sobre estrutura linguística e construção do significado por meio da linguagem, desenvolvidos por Gilles Fauconnier e Mark

⁹ “All of these may play a role in creating metaphors that may not exist in the most conventionalized, the standard, variety of a language or in the creation of differential uses of metaphors in communicative situations that are characterized by different purposes and affective relationships between author and audience (Cameron and Low, in press)” (KÖVECSES, 2005, p. 237)

Turner (2002). Nessa perspectiva, uma das principais asserções dos semanticistas cognitivos é a ideia de que a mesclagem opera de forma considerável nas operações cognitivas, sendo um aspecto primordial na nossa condição de humanos.

Para além da ideia primária de que esse processamento seria incisivo na construção de significados, especialmente na construção de significados que envolvem criatividade, as pesquisas mais recentes têm mostrado que a mesclagem atua no nível do pensamento, da imaginação e está presente, inclusive, em diversas atividades humanas, tais como nas artes, na ciência, no pensamento e nas práticas religiosas etc. Acredita-se que essa aptidão para integrar conceitos pode ter sido o mecanismo basilar no desenvolvimento de comportamentos humanos avançados que estariam subordinados a habilidades simbólicas complexas. Dentre esses comportamentos, destacam-se a manifestação das artes, os rituais conduzidos por instituições organizacionais formalmente estabelecidas, os artefatos e seus respectivos manuseios, os símbolos linguísticos e não linguísticos etc.

Esse processo imaginativo, renegado pelas abordagens filosóficas ocidentais especialmente no que tange à racionalidade, foi inserido no quadro teórico da razão de forma a romper com o paradigma objetivista precedente que, segundo Johnson (1987), ofuscou a admissão do lado imaginativo nos pressupostos teóricos dos estudos sobre a cognição. Assim, ao inseri-lo, postula-se que, por meio dessa faculdade da imagem e representação mental, a mesclagem é possível devido ao processamento de três operações cognitivas que mantêm uma relação mútua: (a) o reconhecimento de *Identities*, em que se incluem suas equivalências e oposições, (b) a *Integração*, que é o novo sentido dado a essas identidades e (c) a *Imaginação*, sem a qual os eventos anteriores não conseguem se constituir, e que é responsável pela ativação do cenário mental das crenças e dos eventos (em que se inclui a contrafactualidade).

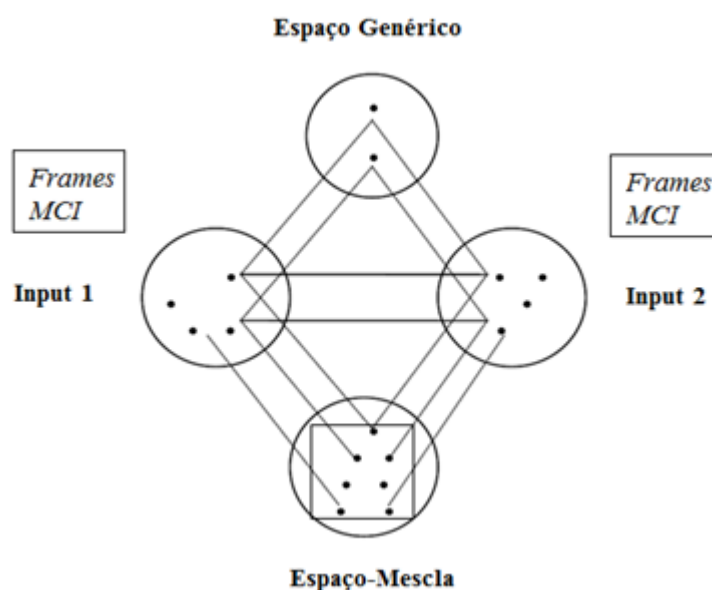
Fauconnier e Turner (2002) esquematizaram uma rede de integração conceptual, em que é possível perceber a relação entre as diferentes esferas do conhecimento e a consequente integração dos conceitos na construção de significado. A arquitetura na qual a rede de integração conceptual é engendrada surge das observações de Fauconnier e Turner (2002) de que, em muitos casos, a conceptualização procede de uma estrutura aparentemente indisponível, mas que é ela a informação fundamental, na estrutura conceptual ou linguística, que funciona como *input* para o processo de conceptualização. Esse fato evidencia que, em alguns casos, a estruturação do significado não é passível de ser consistentemente explicada pela Teoria da Metáfora Conceptual.

Deve-se ressaltar que há uma relação muito próxima da Teoria da Integração Conceptual com as teorias dos Espaços Mentais (FAUCCONNIER, 1994, 1997) e da Metáfora

Conceptual (LAKOFF e JOHNSON, 1980), havendo, inclusive, certo consenso de que a Teoria da Integração Conceptual é vista como uma extensão da Teoria dos Espaços Mentais e como uma sustentação mais eficaz da Teoria da Metáfora Conceptual (EVANS; GREEN, 2006, p.421). Apesar dos pontos de convergência, a arquitetura da mesclagem individualiza-se das anteriores quando postula um complexo processo de integração entre estruturas na construção do significado, sendo isso o que *origina algo maior do que a soma das duas partes* (ibidem).

Tendo isso em vista, a organização da rede é composta estruturalmente por pelo menos quatro espaços mentais em cuja composição mais simples existe um espaço genérico, dois *inputs* (podendo haver mais), e um espaço mescla. Para ilustrar o deslocamento cognitivo das projeções efetuadas na rede de integração conceptual, utilizam-se círculos que representam os espaços mentais e que apontam quais informações ali contidas contribuem para o processo de construção de significado. As relações estabelecidas entre esses espaços ocorrem por meio de linhas traçadas de um espaço a outro. Deve-se ressaltar que as estruturas dos *frames* e MCIs podem ser representadas por retângulos fora ou dentro dos espaços, ou até mesmo ser suprimido das representações feitas por meio das redes. Essa operação pode ser vista na representação diagramática da Figura (3).

Figura 3 – Rede de integração conceptual



Fonte: Evans; Green, 2006, p. 426 (Adaptado)

O *Espaço Genérico* é o espaço base, cuja estrutura abstrata aponta o que os *inputs* têm em comum. É o componente da rede que estabelece os conectores das contrapartes nos espaços dos *Inputs*, isto é, os elementos desse espaço são mapeados para dentro das contrapartes em cada um dos espaços de entrada. Por conta disso, é o espaço responsável por deixar disponível todo o processamento da rede, dada a identificação desses elementos opositivos em cada espaço de entrada.

Os *inputs* 1 e 2 (podendo haver mais) são os espaços de entrada em que seus elementos são parcialmente projetados (as contrapartes). O espaço mescla é o local para onde vão as projeções seletivas dos *inputs* 1 e 2. Nem todos os elementos são projetados para esse espaço.

A Estrutura Emergente da mescla é a estrutura cuja formação expõe uma característica própria, que a distingue dos *inputs* anteriores, mas que, ao mesmo tempo, carrega heranças visíveis das projeções que a precederam. É um espaço mental criado para permitir a produção de novos significados a partir de aspectos relacionados dos *inputs*.

No clássico exemplo “O cirurgião é um açougueiro” (EVANS; GREEN, 2006), cuja base é essencialmente metafórica, a avaliação negativa do médico não aparece no domínio-fonte, conferindo à Teoria da Metáfora Conceptual uma lacuna teórica que justifique a nova informação ali imputada. Os mapeamentos são apresentados na Tabela (3).

Tabela 3– Mapeamentos para O CIRURGIÃO É UM AÇOUGUEIRO

Fonte: AÇOUGUEIRO	Mapeamentos	Alvo: CIRURGIÃO
AÇOUGUEIRO	—————>	CIRURGIÃO
CUTELO	—————>	BISTURI
CARÇA DO ANIMAL	—————>	PACIENTE HUMANO
DESMEMBRAMENTO	—————>	OPERAÇÃO

Fonte: EVANS; GREEN, 2006, p. 402

O açougueiro, em princípio, é uma profissão que requer preparo no manuseio dos retalhos com os quais opera, da mesma forma em que o cirurgião deve ter aptidão para executar intervenções cirúrgicas em seus pacientes. A informação latente no exemplo implica numa avaliação hostil, não encontrada em nenhuma estrutura do conhecimento pré-existente. A estrutura emergente, disponível no espaço mescla da rede, evidencia o aspecto criativo originado da informação contida nos *inputs*, sem que a sua emergência tenha sido diretamente copiada por qualquer um desses espaços de entrada. Nesse movimento, existem três processos distintos por meio dos quais a estrutura emergente é gerida: (a) Composição, (b) completamento e (c) elaboração.

A composição surge da instauração de novas relações originadas das projeções entre os elementos dispostos nos *inputs* e que são lançadas para a mescla. Essas relações recém-estabelecidas não estavam presentes dos *inputs*, separadamente, isto é, elas são engendradas quando constituídas por meio da composição. O completamento ocorre no nível esquemático da indução, em que *frames* de fundo são recrutados de forma inconsciente e rápida, completando a informação projetada e, assim, originando a mescla. Trata-se da inferência fundamental que surge dos enquadres recrutados. A elaboração é um processamento *on-line* que produz uma lógica regida por princípios próprios nesse cenário concretizado como uma simulação de forma imaginativa e dinâmica.

Por meio da informação contida nos espaços mentais, é possível perceber que uma rede de integração conceptual não assume uma configuração única, mas pode variar conforme os espaços de *inputs* ativados numa conceptualização. Assim, as possibilidades heterogêneas de projeções seletivas para o surgimento da mescla levaram Fauconnier e Turner (2002) a apresentar um *continuum* concernente aos diferentes tipos de redes de integração. Quanto a essa taxonomia, destacam-se as redes simples, as redes reflexivas, as redes de escopo único e as redes de duplo/múltiplo escopo¹⁰.

As redes simples estabelecem a organização mais básica em relação às outras redes. Nelas se integram dois *inputs*, constituídos por um *frame* para “papeis” e outro para “valores”. Sua singularidade reside no fato de que, na mescla, há uma estrutura não vista nos espaços de entrada precedentes. Nas redes reflexivas, todos os espaços de entrada espelham um *frame* comum. Inclui-se, nesse processamento, o espaço-mescla, que também herda as características desse *frame* partilhado.

Se nas redes simples e nas reflexivas há, respectivamente, um único *frame* e um *frame* comum na sua constituição, nas redes de escopo único, o aspecto caracterizador de sua estrutura são os diferentes *frames* que compõem os *inputs*. No entanto, como a própria designação sugere, é apenas por meio de um desses *frames* que o espaço-mescla é concebido.

Por fim, nas redes de escopo duplo/múltiplo, há uma elaboração por meio de espaços de entrada contendo *frames* distintos, em que a mescla é criada a partir de cada um dos *frames* que a compõe. Em outras palavras, espaços mentais de diferentes domínios podem ser introduzidos, mesmo que sejam conflitantes entre eles. Essa particularidade das redes de

¹⁰ Nesta pesquisa, também serão utilizadas as redes de escopo múltiplo, em que os elementos dos diversos *inputs* colaboram para a emergência da mescla.

escopo duplo/múltiplo é o aspecto significativo que proporciona a inovação das redes de integração conceptual, quando propicia o surgimento de novas inferências.

Acrescenta-se que essa capacidade para integração de duplo/múltiplo escopo, com a qual apenas humanos são contemplados, está presente desde o pensamento mais básico até o mais complexo, uma vez que a forma para o raciocínio imaginativo ocorre da mesma maneira.

Na Tabela (4), elencam-se os tipos de rede.

Tabela 4 - Síntese da caracterização das redes de integração conceptual

Tipo de Rede	Constituição dos <i>Frames</i> nos <i>Inputs</i>	Constituição da mescla
Simple	Apenas um <i>input</i> integra um <i>frame</i>	Este <i>frame</i> é o que constitui a mescla
Reflexiva (ou espelhada)	O mesmo <i>frame</i> para os <i>inputs</i> constituintes	Este <i>frame</i> comum é o que constitui a mescla
Escopo Único	<i>Frames</i> distintos para os <i>inputs</i> constituintes	Apenas um <i>frame</i> dos <i>inputs</i> constitui a mescla
Escopo Duplo/múltiplo	<i>Frames</i> distintos para os <i>inputs</i> constituintes	Elementos de mais dois ou mais <i>frames</i> nos <i>inputs</i> constituem a mescla

Fonte: Adaptado de EVANS; GREEN, 2006, p. 452

Todo esse processamento de estabelecer e conectar espaços mentais, de modo a relacioná-los para fins locais e específicos, propiciando o surgimento da mescla não acontece sem razão. Fauconnier e Turner (2002) afirmam que se faz isso porque é isso o que proporciona uma compreensão global, um entendimento numa escala humana, e um novo significado, conferindo aos humanos a aptidão para a criatividade de forma rápida e eficiente. Por conta disso, os cenários criados pela mente humana são passíveis de serem comprimidos sem que haja o comprometimento da informação processada. Uma cerimônia de conclusão de curso, por exemplo, comprime todas as etapas perpassadas até a formatura.

A compressão de certos componentes origina-se da integração de algumas relações conceptuais, as quais Fauconnier e Turner (2002) designaram por Relações Vitais. Em outras palavras, essas relações, que se repetem com regularidade nos processos de mesclagem, se tratam de conectores criados para interligar os elementos das contrapartes de forma otimizada e imaginativa, podendo ser relações de TEMPO, ESPAÇO, REPRESENTAÇÃO, MUDANÇA, PAPEL-VALOR, ANALOGIA-DESANALOGIA, PARTE-TODO, CAUSA-EFEITO.

As relações vitais que emergem da relação entre as contrapartes são chamadas de “relações do espaço exterior”. Já as compressões das relações vitais que ocorrem no espaço mescla são chamadas de “relações entre os espaços” ou “relações intra-espaciais”. Os aspectos teóricos específicos sobre as relações vitais observadas nas mesclagens para conceptualização das piadas serão retomados com mais detalhes na análise.

Percebe-se que um dos aspectos fundamentais da mescla é sua dinamicidade. Essa peculiaridade constitutiva sugere que todos os espaços mentais se modificam conforme vão ocorrendo o pensamento e a fala do indivíduo. A necessidade de mapeamentos e novas projeções são processos que viabilizam a conceptualização. Sendo assim, a formação de uma rede, tal como proposta pelos autores, facilita o trajeto mental percorrido até determinado ponto da significação, expresso naquele contexto e naquela necessidade comunicativa. A rede de integração conceptual também permite a disponibilidade de acesso aos mapeamentos realizados sempre que se fizer necessário, isto é, da mesma forma em que o significado não reside na forma linguística, ele também não se constitui em um espaço mental específico. Todos os espaços contribuem para a integração.

Por conta desses fatores, o foco na originalidade advinda da imaginação não é uma coisa à toa. Embora a mescla seja um empreendimento inédito, a base que sustenta a sua formação são os conhecimentos armazenados por meio da experiência, tais como os MCIs e *frames*. Uma vez formada, ela pode servir de *input* para outras redes de integração conceptual, evidenciando a recursividade existente nesse processo.

Pelo exposto, considerando-se as integrações utilizadas no cotidiano, percebe-se que domínios de conhecimento, inclusive domínios de diferentes matizes, podem se integrar em função da criação de novos significados, conservando sempre alguma herança dos *inputs* originários, como será tratado por esta pesquisa. Na próxima seção, estende-se a discussão sobre as habilidades imaginativas no processo interpretativo.

1.3 Habilidades imaginativas no processo interpretativo

Como prefaciam Fauconnier e Turner (2002, p.v) em uma das obras teóricas mais significativas acerca do processo de construção de significado, os humanos vivem na era da imaginação. Nessa concepção, destacam-se os aspectos criativos da mente humana no processo de conceptualização, não apenas nos enunciados complexos, mas também nos

enunciados simples. Segundo Johnson (1987), sem essa habilidade imaginativa, nada no mundo poderia ter qualquer significado. Além disso, as experiências não fariam qualquer sentido e não haveria o uso da razão para a exploração do conhecimento da realidade.

Na era do triunfo da forma, precedente à era da imaginação (cf. FAUCONNIER e TURNER, 2002), não havia nenhuma abordagem sobre significado que tivesse dado a devida atenção a essa faculdade da imagem da representação mental da qual todos os seres humanos são dotados – pelo menos não de forma a associá-la diretamente à estrutura dos aspectos do raciocínio –. Isso se devia, segundo Johnson (1987), não a um descuido, ou a um olvido passível de ser resolvido por meio da inclusão do tema sobre imaginação nos estudos do conhecimento humano, mas a uma negação por parte das teorias da cognição de que um processo mental responsável por elementos criativos, inventivos e de descoberta pudessem ser relacionados à constituição da racionalidade.

Cabe ressaltar que não se trata de uma imaginação romantizada, sem as limitações do corpo, mas de uma imaginação que emerge das experiências corpóreas, possibilitando o entendimento humano sobre a externalidade e guiando os indivíduos quanto ao raciocínio. Portanto, o processo de corporificação que viabiliza a construção de significado se manifesta de forma intrínseca nas estruturas imaginativas da experiência. Isto é, a mente humana concebe o significado com o aporte das habilidades imaginativas humanas.

Posto isso, nesta seção, visa-se a delinear a comicidade advinda do discurso de humor, levando em consideração os aspectos imaginativos da mente humana na elaboração e no entendimento de piadas. Para tanto, são resumidos, em seguida, postulados acerca do humor por meio do gênero piada.

A habilidade para a apreciação do humor, analisada aqui, especificamente sob o viés do gênero piada, pode ser considerada uma forma básica de interação em qualquer comunidade socioculturalmente organizada. A provocação do riso é o principal intento das narrativas que visam à produção de um efeito cômico, embora, como adverte Bergson (1980), a insensibilidade esteja atrelada ao riso. É possível rir de quem se sente piedade ou até mesmo admiração, quando, momentaneamente, omite-se a afeição e silencia-se a piedade sentida.

Uma vez que a piada apresenta uma narrativa que atua na coletividade, é possível contornar situações embaraçosas, que são socialmente inaceitáveis, e transformá-las, por meio do humor, em eventos permissíveis. Assim, as piadas podem ser exteriorizadas de forma relativamente livre e parcialmente isenta de satisfações sociais. Isso significa dizer que a veiculação sintetizada de assuntos de interdição no discurso humorístico se reduz a um

aspecto de aceitação mínima, uma vez que, para a elaboração do humor, utiliza-se de outros termos que não são propriamente restritos. Sobre essa asserção, Possenti afirma que

as piadas fornecem simultaneamente um dos melhores retratos dos valores e problemas de uma sociedade, por um lado, e uma coleção de fatos e dados impressionantes para quem quer saber o que é e como funciona uma língua, por outro. Se se quiser descobrir os problemas com os quais uma sociedade se debate, uma coleção de piadas fornecerá excelente pista: sexualidade, etnia/raça e outras diferenças, instituições (igreja, escola, casamento, política), morte, tudo isso está sempre presente nas piadas que circulam anonimamente e que são ouvidas e contadas por todo mundo em todo o mundo. (2001, p. 72)

Do ponto de vista linguístico, o estudo do gênero piada permite verificar empiricamente os processos semântico-cognitivos envolvidos na interpretação de narrativas jocosas. Uma de suas peculiaridades mais marcantes diz respeito ao famigerado “duplo sentido”, comumente atribuído a piadas, em que se torna evidente a existência de uma substituição inesperada de cenários, proveniente de uma palavra ou de expressão, demonstrando a habilidade humana para adaptar o significado. Nesse sentido, a modificação da lógica da narrativa via mudança de cenários fornece o devido suporte para associar o produto final da piada a fatores cognitivos, contextuais e culturalmente situados.

É possível ver, nas piadas, o exemplo mais evidente da flexibilidade do processo interpretativo (COULSON, 2001, p. 32). Em um estudo sobre materiais humorísticos de cunho sócio-político, Coulson (2003; 2006) associou a natureza jocosa do humor à integração conceptual, demonstrando o papel central desenvolvido pela mesclagem no processamento de mudança de conceitos. Apesar de nem todas as mesclas serem consideradas humorísticas, acredita-se que a mesclagem seja uma ferramenta inerente ao humor, sem a qual o efeito cômico não se estabeleceria.

Quanto ao processo de apreciação das piadas, Coulson e Kutas (2001, p. 76) afirmam que, apesar de haver um número considerável de recursos cognitivos, os analistas observaram que a compreensão das piadas ocorre a partir em dois componentes fundamentais: o apontamento de uma surpresa e o reestabelecimento da coerência. Além disso, as análises de narrativas jocosas demonstram que as pessoas são capazes de ir além do conhecimento fornecido por cenários típicos na construção de significados criativos não convencionais (COULSON, 2001, p. 49).

Por exemplo, na frase “No momento em que Mary tinha tido o seu décimo quarto filho, ela finalmente ficou sem nomes para chamar o marido” (COULSON, 2001, p 49)¹¹, a palavra “marido” suscita o inesperado, rompendo com a expectativa prevista em um cenário preliminar. Inicialmente, o leitor/ouvinte evoca o conhecimento prévio de eventos que permeiam a “infância”. Além disso, culturalmente, os nomes são dados a bebês logo após o nascimento, fazendo com que a interpretação de “nomes” esteja ligada ao vocábulo “filho”. Esse é um cenário típico, que ocorre a partir de um *frame* que se constitui da combinação do conteúdo contido na piada e do conhecimento prévio recrutado da memória de longo prazo.

O estabelecimento da piada é a etapa subsequente, quando o ouvinte precisa ir além do que o cenário lhe fornece e reconstituir uma nova interpretação. O encadeamento da reintegração da coerência inclui o processo de mudança de *frames* (COULSON, 2001), em que um novo *frame* da memória de longo prazo é acionado para efetuar uma reanálise da informação acionada, viabilizando o processo de inferências do ouvinte.

Nesse sentido, a palavra “marido” é o gatilho para a reinterpretção lexical, sugerindo uma designação depreciativa por parte de Mary a quem ela atribui a culpa de suas quatorze gestações. A ruptura da expectativa no nível da mensagem a partir de um vocábulo ou uma expressão desencadeia na reanálise pragmática de mudança de *frames*, reinstituindo a coerência da mensagem. Isso se deve ao fenômeno da *punchline*, isto é, o elemento final da piada que institui o efeito cômico a partir da mudança instantânea de um cenário inicial.

Em suma, a principal proposição da abordagem proposta por Coulson (2001) é de que a interpretação envolve o parecer físico (aspectos perceptuais) atrelado ao conhecimento em níveis múltiplos de representação (aspectos conceptuais). Assim, as análises que se baseiam na perspectiva de mudança de *frames* permitem demonstrar a importância do recrutamento do conhecimento de cenários típicos para a compreensão dos enunciados de uma piada. O significado no nível da mensagem é construído de acordo com a demanda contextual, além de ser influenciado por itens lexicais específicos no enunciado. A reanálise lexical torna-se necessária quando incita o acionamento da reanálise pragmática, modificando amplamente a representação do nível da mensagem. Em outras palavras, a mudança de um *frame* a outro é responsável por alterar a interpretação do significado dos itens lexicais previamente expostos.

Na próxima seção, apresentam-se algumas considerações breves sobre o tabu linguístico, outro aspecto presente em piadas.

¹¹ “By the time Mary had had her fourteenth child, she'd finally run out of names to call her husband” (COULSON, 2001, p 49).

1.4 Tabu linguístico

Inicia-se esta seção sobre tabu com a seguinte transcrição de Augras (1989):

Você já pisou em despacho?

Você já leu aquele trecho da Bíblia que diz: ‘Quando tropeçaram os bois que levavam a arca de Deus, Uzá estendeu a mão e segurou a arca. Então a ira do Senhor se acendeu contra Uzá, e Deus o feriu por essa falta de respeito; ele morreu ali, junto à arca de Deus’?

Você sabia que a bandeira nacional, quando rasgada, não é jogada fora, mas sim queimada?

Já lhe disseram que mulher menstruada faz o leite ‘virar’?

Ou que menino que brinca com fogo, de noite, molha a cama? (p.9)

Todas essas situações, aparentemente sem relação umas com as outras, na verdade, remetem a um tema comum que as une e as coloca no centro do mesmo objeto de estudo: o tabu. Isso porque, mesmo que bem intencionado, não se deve tocar em objetos considerados sagrados. Se não houver o manuseio ou o cuidado adequado desses elementos, a punição torna-se inevitável. Esse mesmo temor se aplica às coisas concernentes aos símbolos nacionais, dignos do mesmo respeito e acatamento. Além disso, aspectos tangenciados ao corpo humano e à sexualidade também usurpam limites e interdições morais socialmente estabelecidos, sujeitos à repreensão. Há, nas circunstâncias descritas, a coexistência de atos fatalmente realizáveis e igualmente reprimidos.

Consoante Augras (1989), a palavra *tabu*, patrimônio cultural herdado dos povos malaio-polinésios, veio para o Ocidente por meio do navegador inglês James Cook (1728-1779), o qual, em relato sobre a sua viagem pela Oceania, registrou o *tapu*, uma conduta dos nativos das Ilhas Tongas cujo uso linguístico era concentrado nos objetos que eram, ao mesmo tempo, sagrados e proibidos. Certos indivíduos de altas classes sociais ou circunstâncias decorrentes de sacrifícios, por exemplo, sintetizam essa dualidade exposta por Cook. Os reis não podiam ser tocados, salvo quando havia pessoas dignitárias de tal ato, tais como a sua linhagem e outros indivíduos particularmente treinados para isso. De igual modo, tampouco era permitido encostar-se em pessoas que eram sacrificadas em nome dos deuses, prática comum à época.

A esse respeito, acrescenta a autora, “tudo o que tinha valor, tudo o que era considerado importante, como homens, lugares, bichos, coisas, era em graus diversos, objetos de Tapu” (p.13), isto é, pessoas ou artefatos sagrados ofereciam perigo às pessoas comuns e, inclusive, a si próprias. Como consequência, o *tapu* não instituíva exclusivamente a

ambivalência do que é sagrado e perigoso em relação à determinada coisa ou pessoa. Era também o dispositivo por meio do qual era possível lidar com os objetos de *tapu*.

Esse mecanismo de coexistência humana com os objetos tabuizados figura-se em atos preventivos de não se aproximar ou encostar, bem como em cerimônias de expiação e penitência para quando, inevitavelmente, houvesse a transgressão. São formas proíficas de sobrevivência, tendo em vista que o objeto de tabu, uma vez atingido, pode vir a desencadear em castigo daqueles que o violaram por quaisquer razões ou intenções. É nesse sentido que, como afirma Guérios (1979, p. 1), “existem objetos-tabu, que não devem ser tocados; lugares-tabu, que não devem ser pisados ou apenas que não se deve avizinhar; ações-tabu, que não devem ser praticadas; e palavras-tabu que não devem ser proferidas”.

Isto posto, é possível traçar a dualidade existente entre o sagrado e aquilo que lhe faz oposição, o profano. Funda-se, nessa díade, o tabu, que isola o ser interditado e opõe-se ao que é ordinário, habitual, comum a todos. Nas palavras de Rodrigues (2006),

[o] ser sagrado é o ser proibido que não pode ser violado, do qual não ousamos nos aproximar, porque ele não pode ser tocado. Está permanentemente protegido desse contato pelas interdições que o isolam e protegendo profano. Tudo o que é sagrado existe à parte: não pode ser colocado em pé de igualdade com o que é profano e muito menos estar com ele misturado (p. 30).

A interdição de algo ou alguém relaciona-se diretamente com a forma como o alvo de tabu é nomeado. A palavra que faz referência a elementos proibidos é igualmente interditada. É também um objeto atingido por tabu. Essa modalidade do tabu, a qual constitui o tabu linguístico, é um fenômeno existente em toda e qualquer comunidade sociocultural. Apesar de ser existencialmente universal, a manifestação dos tabus linguísticos não ocorre de forma homogênea. Cada povo, comunidade ou grupo, atravessados por seus costumes, dispõe-se de suas restrições estabelecidas em comum, utilizando-se de recursos da língua para contornar tais proibições. Assim, os tabus linguísticos mantêm uma relação intrínseca com os tabus dos seres.

Nesse contexto, deve-se salientar a existência de pelo menos dois tipos de tabus linguísticos: um que é *próprio*, expresso no âmbito do mágico-religioso, ligado à proibição de dizer determinado nome, palavra ou expressão, que é o causador de infortúnios quando violado; e outro que é *impróprio*, referente à moral e às questões de sentimento¹², sendo,

¹²O tabu de natureza sentimental diz respeito à veneração outorgada a um ser ou a um ato, sem estar diretamente ligada aos domínios da moral e do sobrenatural. É um tabu de natureza meramente sentimental.

portanto, a proibição de dizer qualquer nome, palavra ou expressão que sejam grosseiros ou de cunho imoral (GUÉRIOS, 1979, p. 5). À vista disso, os tabus que atuam de forma imprópria são aqueles que não deixaram de assumir o caráter primário do tabu, o qual se constitui pelo sagrado e pela crença, isto é, os tabus linguísticos impróprios não permeiam o campo da religião ou superstição, mas da inadequação vocabular no âmbito social originados de uma moral ou de um sentimento.

Ullmann (1966, p. 245), em alternativa, afirma que o surgimento dos tabus linguísticos se deu por três procedências distintas: pelo *medo*, em que se evita, de forma supersticiosa, a menção direta à morte, ao diabo, aos espíritos demoníacos e aos outros tabus generalizados; pelo *senso de delicadeza*, em que há a recorrência a eufemismos para referenciar assuntos embaraçosos, tais como doença, deficiências física e mental, morte, atos criminais etc.; e pelo *senso de decência e decoro*, cuja referência ao âmbito sexual e corporal – isto é, a nomes que façam menção a determinadas partes e funções do corpo – está sujeita a essa forma de tabu.

Quanto ao grupamento proposto pelo autor, cabe altear três observações: os *tabus de medo ou superstição* tornam-se rarefeitos na medida em que a civilização progride, embora o seu desaparecimento por completo seja improvável. Já os *tabus de delicadeza* e, especialmente, os *de decoro* são impelidos pelo progresso de padrões morais mais elevados e de formas refinadas e modernas de comportamento social. Além disso, ressalta-se a crença comum de que o povo inculto, muito mais do que a classe nobre, é o detentor quase que exclusivo da linguagem obscena¹³.

Assim, numa perspectiva moral, os costumes comportamentais de uma sociedade suscitam uma transposição do que é conhecido como “bom costume” para o campo lexical. As palavras passam a refletir a prática social, a qual julga quais vocábulos, em nome da ética, podem circular. É nesse sentido que se pode afirmar que os tabus linguísticos emergem como um corolário dos tabus sociais, em que, a partir das práticas moralmente estabelecidas de uma comunidade, “proíbem-se ou liberam-se palavras, processam julgamentos de ‘bons’ ou ‘maus’ termos, apropriados ou inadequados aos mais variados contextos” (PRETI, 2010, p. 81).

Existem diversas formas de se contornar o tabu linguístico, evitando-os a partir de substituições lexicais, gestuais ou até mesmo por supressões. Qualquer expressão capaz de

¹³Esta asserção de que apenas as classes incultas se utilizam de expressões moralmente proibidas não se confirma quando observamos, através dos tempos, que a classe nobre também fazia uso da linguagem obscena. No século XVIII, durante o período regencial na França, era habitual, durante as reuniões da corte, dar sentidos maliciosos e ambíguos aos vocábulos mais inocentes, gozando de uma liberdade plena ao pronunciá-las (cf PRETI, 2010, p. 82).

substituir outra, encobrendo-se a anterior, se trata de uma *metalexia*. Entretanto, é no termo polinésio *noa* que é possível observar uma relação de oposição ao termo *tabu*, especialmente em seu sentido próprio. Dessa forma, se no *tabu*, tem-se a proibição, aquilo que não se pode fazer ou falar, em *noa*, tem-se a liberação, o que se pode falar a partir de uma utilização de uma palavra que é neutra e tolerável, não atingida pelos castigos oriundos do contato indevido com o ser interdito.

De acordo com Guérios (1979), os termos *noa* e *eufemismo* não são análogos, uma vez que os eufemismos suavizam ideias tristes ou desagradáveis, vinculando-se ao domínio moral ou sentimental. Por outro lado, *noa* remonta a prudência de quem a utiliza, sendo pertencente ao domínio mágico-religioso. O autor, todavia, acrescenta que

nada impede que se estenda o sentido de *noa*, abrangendo os eufemismos, como o termo *tabu* pode incluir, além dos fatos mágico-religiosos, os demais, i.é, os de natureza moral. E, por outro lado, não há inconveniente em estender a concepção de *eufemismo* a *noa*, uma vez que há casos, e muitos, de substituições a tabus que são verdadeiros eufemismos ou expressões laudatórias (*hipocóristicos*). (p. 11)

Em todo caso, a palavra *tabu*, quando alterada pelo recurso do metalexismo, permite ocultar o objeto interdito, de modo que a palavra substituidora torna-se eficaz no acobertamento parcial das restrições subjacentes. Entretanto, deve-se salientar que, especialmente nos tabus morais, é possível que o vocábulo suplente também seja alvo de *tabu*, uma vez que, gradualmente, ela toma para si a mesma censura moral da palavra *tabuizada* anteriormente (GUÉRIOS, 1979, p. 25).

Tendo em vista o objeto de estudo desta análise, que são nomes populares e não técnicos dados aos órgãos sexuais, interessa a esta pesquisa circunscrever o estudo no que concerne aos tabus impróprios, como proposto por Guérios (1979), e aos tabus de decoro, conforme alvitrado por Ullmann (1966). Dessa forma, os tabus primários de ordem supersticiosa não serão considerados. Em vez disso, esta pesquisa inclina-se à observação da substituição de ordem moral, que ocorre no nível semântico, enfatizando-se as alterações feitas por meios dos processos eufêmicos advindos da metáfora e da metonímia em um contexto de etimologia popular.

Findo o capítulo de fundamentação teórica, passar-se-á, no próximo capítulo, ao enquadre metodológico ao qual os dados selecionados foram submetidos.

2 METODOLOGIA

Neste capítulo, serão apresentadas as etapas do processo de análise desta pesquisa, levando-se em consideração as hipóteses aventadas e os objetivos propostos, conforme já mencionados na introdução. Analisa-se como o processamento da mesclagem atua na construção de sentidos de termos tabuizados empregados em piadas que não utilizam explicitamente a terminologia técnica dada aos órgãos sexuais, demonstrando como o raciocínio ativado pela mesclagem possibilita a utilização de uma linguagem eufemística capaz de contornar o tabu linguístico.

Para tanto, optou-se por uma análise qualiquantitativa. Apesar de se tratar de uma pesquisa predominantemente qualitativa, acredita-se que, por meio do modo quantitativo, é possível organizar os dados selecionados e analisados, não havendo, entretanto, a apreciação de um rigor estatístico nas investigações feitas.

Assim, apresenta-se a delimitação dos dados (2.1); os procedimentos de coleta de dados, em que se inclui a apresentação do formulário inicialmente utilizado e a respectiva seleção dos nomes para análise (2.2); e explicita-se o processo de seleção das piadas utilizadas na análise (2.3). Além disso, expõe-se o transcurso da aplicação dos testes interpretativos (2.4); e, ao final do capítulo, apresentam-se os critérios de análise utilizados na observação dos testes (2.5).

2.1 Delimitação dos corpora

Este trabalho tem por objeto a investigação de nomes populares e metafóricos dados aos órgãos sexuais, tratando, especificamente, da terminologia atribuída ao pênis e à vulva. Como já mencionado, o ponto de partida para esta pesquisa se deu a partir de listas disponibilizadas na internet que apresentam centenas de designações às partes erógenas do corpo humano, nomeando não apenas os órgãos tratados por esta análise, mas também aqueles concernentes ao ânus, aos testículos e aos seios. Essas listas, as quais foram submetidas a um formulário *online* (ver seção 2.2), compõem o primeiro *corpus* de análise.

A partir das listas supracitadas, foi possível selecionar piadas pelo rastreamento da ferramenta *Google* (ver seção 2.3), constituindo o segundo *corpus* de análise. Devido à escolha do método *Leitura* (ver item 2.4) e ao caráter inerentemente interpretativo da pesquisa, optou-se pela participação de sujeitos informantes, que forneceram a compreensão individual das piadas selecionadas. Dessa forma, o terceiro *corpus* a compor esta análise trata-se das interpretações fornecidas pelos colaboradores leitores, por meio das quais foi possível propiciar um distanciamento da intuição da pesquisadora.

2.2. Procedimento de coleta de dados: do formulário à seleção dos nomes

Com o auxílio do *Formulário Google*¹⁴, uma ferramenta *online* para pesquisas e questionários personalizados, foi possível reformular as listas sobreditas de forma a transformá-las em um formulário com 451 designações. Para tanto, palavras repetidas foram excluídas das listas originais e um espaço foi disponibilizado, no formulário, para o registro de nomes não elencados (ver Apêndice A).

Por meio da utilização do formulário, foi possível saber quais nomes estavam em circulação, isto é, quais nomes eram mais conhecidos pelas pessoas que se dispuseram a respondê-lo. Por ser uma ferramenta virtual, julgou-se não ser necessário, nesse momento, descrever o público colaborador que forneceu tais informações. Ao final da etapa, foi possível computar 365 informantes, que responderam o formulário no período estabelecido entre 16/01/2016 e 29/03/2016.

A ordenação dos nomes no formulário ocorreu de acordo com cada órgão, e, neste momento, apenas para fins de coleta, as designações foram sistematizadas de forma listada. Portanto, nesta fase da pesquisa, trabalhou-se com os nomes soltos para, posteriormente, utilizá-los na seleção das piadas.

A organização do formulário deu-se da seguinte forma: das 451 designações às partes erógenas, 132 dados referiam-se a nomes populares dados à vulva, 117 relacionados ao pênis, 104 designações concernentes ao ânus, 54 dados que nomeavam os testículos e, por fim, 44 dados relativos aos seios. Apesar de a elaboração do formulário ter abarcado todos os órgãos, optou-se pela análise de piadas com os termos vulva e pênis. Priorizou-se essa delimitação

¹⁴<https://www.google.com/intl/pt-BR/forms/about/>

por se tratar de uma pesquisa inicial e, por essa razão, resguardou-se a coleta dos nomes dados aos outros órgãos para os desdobramentos desta investigação. Todos os nomes disponíveis no formulário podem ser acessados no Apêndice A.

Apresenta-se, na Tabela 5, a síntese da organização dos dados do formulário.

Tabela 5 - Organização quantitativa dos dados do formulário

Terminologia técnica do órgão	Quantitativo de designações
Vulva	132
Pênis	117
Ânus	104
Testículos	54
Seios	44
<i>Total de dados</i>	<i>451</i>

Fonte: A autora, 2017.

2.3 Seleção das piadas

Após a coleta dos nomes em circulação, efetuou-se o rastreo das piadas por meio do *Google*. Nessa etapa, foi possível estruturar o *corpus* formado por um conjunto de onze piadas que foram submetidas à análise (ver seção 2.4). Para filtrar a busca, foram utilizadas as seguintes legendas, respectivamente:

- (1) Piada [Nome dado ao Órgão]
- (2) Piada de [Nome dado ao Órgão]
- (3) Piada sobre [Nome dado ao Órgão]
- (4) Piada [Nome dado ao Órgão] Conteúdo adulto

Partiu-se, inicialmente, de buscas mais rudimentares, como em (1), para as buscas intermediárias, como em (2) e (3), até as mais restritas, como em (4), até que o *Google* rastreasse piadas de cunho sexual. Desse modo, a progressão do rastreo de piadas não encontradas a partir das legendas mais básicas ocorreu conforme a Tabela (6).

Tabela 6 - Progressão do rastreio para piadas não encontradas.

PROGRESSÃO DO RASTREIO DE PIADAS COM OS NOMES DADOS AO PÊNIS
Piada <i>pau</i> → Piada de <i>pau</i> → Piada sobre <i>pau</i> → Piada <i>pau</i> conteúdo adulto
PROGRESSÃO DO RASTREIO DE PIADAS COM OS NOMES DADOS À VULVA
Piada <i>Periquita</i> → Piada de <i>periquita</i> → Piada sobre <i>Periquita</i> → Piada <i>Periquita</i> conteúdo adulto

Fonte: A autora, 2017.

Nesse processo de seleção, foi possível perceber uma regularidade no conteúdo das piadas, o que permitiu o agrupamento do anedotário em categorias. A escolha criteriosa das piadas analisadas emergiu dessa categorização, em que foi possível eliminar aquelas em que o acionamento ao *frame* de órgão sexual é mais imediato, sem o acionamento de práticas cognitivas que levam à inferência de que aquela designação se trata de órgão sexual masculino.

Destarte, a catalogação das piadas referentes ao pênis ocorreu de quatro formas distintas, exemplificadas a seguir:

(1) Piadas especificamente sobre o pênis, em que, desde o seu início, o leitor já deduz sobre o que ela versa:

A piroca

Dois homens estavam discutindo sobre potências do mundo. Então um perguntou:

- Qual a coisa mais importante do mundo?
- A piroca.
- Por que?
- Porque se não fosse pela piroca não teríamos nascido.
- Agora eu lhe pergunto: Qual a coisa mais leve do mundo?
- A piroca.
- Por que?
- Conseguimos levantar só o pensamento.
- Ah! Agora eu te pego: Qual a coisa mais pesada do mundo?
- A piroca.
- Não acredito. Por que a piroca?
- Porque depois de velho, nem um guindaste pode levantar.

<http://www.sergeicartoons.com/piroca.htm>

(Último acesso em 28/08/2016)

(2) Piadas que não falam especificamente sobre pênis, apenas citam o órgão a partir da designação figurada:

Pesquisadora sensual

Mais ou menos 29 anos, executivo, bem apessoado, senta-se na poltrona do avião com destino a New York e, maravilha, depara-se com uma morena escultural sentada na poltrona junto à janela. Pernas cruzadas, perfeitas, saia curta deixando entrever um belíssimo par de coxas, seios no tamanho exato, empinados, lábios carnudos, mas sem volume demasiado, enfim, uma deusa....

Decola a aeronave, céu de brigadeiro, uma vontade enorme de puxar conversa, mas a morena, impassível, lê um grosso volume com muita atenção. Após 15 minutos de voo e o cavalheiro não se contém:

— É a primeira vez que vai a New York?

Ela, gentil, com uma voz muito sensual, mas de certa forma reservada:

— Não, é uma viagem habitual...

Ele, agora animado:

— Trabalha com moda, por acaso...?

— Não, viajo em função de minhas pesquisas...

— Desculpe-me a curiosidade, é escritora...?

— Não, sou sexóloga.

— Muito interessante e raro. Suas pesquisas dedicam-se, na sexologia, a quê, especificamente?

Ela, tranquila e sempre com a mesma voz de veludo:

— No momento, dedico-me a pesquisar as características do membro masculino, o que julgo ser um trabalho de fôlego e muito difícil.

— Nas suas pesquisas, a que conclusão já chegou?

— Bom, de todos os pesquisados, já concluí que os Índios, sem dúvida, são os portadores de membros com as dimensões mais avantajadas e, em contrapartida, os Árabes são os que permanecem mais tempo no coito, antes de entrarem em gozo. Logo, são os que proporcionam mais prazer às suas parceiras. Além disso... Oh! Desculpe-me senhor., eu estou aqui falando sem parar e nem sei seu nome...

— Mohammed Pataxó!

<http://www.osvigaristas.com.br/piadas/indios/>

(Último acesso em 28/08/2016)

(3) Piadas em que se infere que a referência seja a um pênis, podendo fazer alusão a outros sentidos:

Tche-que-vara

Tchequevara estava sendo perseguido em vários países.

Fugindo, chegou à Inglaterra. E no aeroporto:

- There is Tchequevara... - e de novo aquela correria para sair do país. Depois foi para a França..e lá:

- Ettchequevara... de novo a mesma correria.

Sem esperanças foi para o Brasil, no Rio Grande do Sul. No aeroporto ninguém o reconheceu, ficou felicíssimo. Foi se divertir, o que não fazia a tempo, resolveu ir para um puteiro. Lá escolheu a mais gostosa, foi para o quarto e, quando arriou as calças, a puta admirada grita:

- Pô, tchê-que-vara....

E sai às pressas de lá...

<http://www.piadas.com.br/piadas/gauchos/tche-que-vara>

(Último acesso em 28/08/2016)

(4) Piadas com duplo sentido em relação ao pênis, geralmente ao fim da anedota:

Corte transexual

A bichinha vai ao cabeleireiro e pede:

- Hoje eu quero um corte transexual!

- Menina, você pirou de vez - comenta o cabeleireiro, indignado. - Que corte maluco é esse?

- É simples... corta na frente e pica atrás!

<http://www.portaldohumor.com.br/cont/piadas/591/Corte-Transexual.html>

(Último acesso em 28/08/2016)

Com base nessa verificação, observou-se que foram encontradas inúmeras piadas de cunho sexual com emprego de nomes dados ao pênis. Porém, para a composição do *corpus* de análise, optou-se por piadas que não fizessem menção direta à terminologia oficial do órgão, o que acarretou na exclusão de algumas piadas inicialmente selecionadas, a saber, daquelas concernentes aos tipos (1) e (2) ilustradas na categorização supracitada.

Já no elenco de piadas concernentes à vulva, nas mesmas especificações do pênis quanto à terminologia oficial, houve maior dificuldade para encontrar piadas que promovessem acesso a nomes populares dados à vulva. Apesar de terem sido selecionados pelos colaboradores, demonstrando o conhecimento das pessoas acerca daquela designação, não houve a inserção de tais referências em piadas que contivessem cunho erótico-obscoeno e/ou adulto.

Cabe ressaltar que optou-se pela exclusão de piadas que contivessem menção ao termo “vagina”. Embora o nome tenha sido amplamente selecionado no formulário, contando com 312 marcações, observou-se que o termo não se trata de uma designação metafórica, e sim de uma terminologia anatômica. No mais, as piadas eleitas nesta etapa foram categorizadas da seguinte forma:

(1) Piadas especificamente sobre a vulva, em que, desde o seu início, o leitor é capaz de inferir sobre o mote da piada:

A criação da xoxota

Sete bons homens de fino saber criaram a xoxota, como pode se ver: Chegando na frente, veio um açougueiro com faca afiada deu talho certo Um bom marceneiro, com dedicação fez furo no centro com malho e formão Em terceiro o alfaiate, capaz e moderno forrou com veludo o lado interno Um bom caçador, chegando na hora forrou com raposa, a parte de fora. Em quinto, chegou sagaz pescador esfregando um peixe, deu-lhe odor. Em sexto, o bom padre da igreja daqui benzeu-a dizendo: "É só pra xixi!" Por fim, o marujo, zarolho e perneta chupou-a, fodeu-a e chamou-lhe boceta.

<http://beta788.humortadela.com.br/piadas-texto/45558>

(Último acesso em 28/08/2016)

(2) Piadas que não falam especificamente sobre a vulva, apenas citam o órgão a partir da designação figurada:

Motoqueiro

O bêbado foi no aniversário da sogra, e ela estava servindo todo mundo na festa...

- Aí, vai um refrigerante, pra mesa 2!!

De repente a sogra ficou com vontade de ir no banheiro, demorou mais de meia hora... Aí o bêbado foi ver o que estava acontecendo, chegou lá ela estava gritando pois estava presa no vaso... Ele falou:

- Minha nossa, mãe do céu, o que é isso??

- Chame alguém prá me tirar daqui, mas eu tô nua, me arranje algo pra tampar a perseguida!!

Ele pegou um capacete, fechou a viseira, deu prá sogra se cobrir e chamou um segurança que estava por perto.

O segurança chegou, deu uma olhada e falou:

- É, o negócio tá feio, a tua sogra a gente tira, mas o motoqueiro já era!!

<http://www.piadascurtas.com.br/motoqueiro/>

(Último acesso em 28/08/2016)

(3) Piadas em que se infere a referência à vulva:

A viúva

Uma viúva, após o enterro de seu marido passa a frequentar diariamente o cemitério,

o ritual é sempre o mesmo: Se arruma elegantemente, perfuma-se, salta de seu automóvel, entra no cemitério, vai cautelosamente até o túmulo de seu finado marido, deposita algumas flores, sobe em cima, abaixa sua calcinha sensual,

dá um coçadinha na xoxota, toca uma siririca e após gozar, dá uma mijadinha. O coveiro que até então estava calado, tocando punheta atrás de um túmulo, um dia não resiste e pergunta:

- Madame, por que a sra. todo dia a sra. dá essa mijadinha no túmulo de seu marido?

- É que sinto saudades dele e todo dia venho visitá-lo e chorar em seu túmulo.

- Mas eu nunca vejo a sra. chorando, vejo a sra. mijando. Diz o coveiro

- Ué! A gente chora por onde sente saudades – retruca a madame com a mão na xota.

(http://www.sergeicartoons.com/a_viuvva_36986.htm)

(Último acesso em 28/08/2016)

(4) Piadas com duplo sentido em relação à vulva, geralmente ao fim da anedota:

Croquete cheiroso

Um casal namorava na sala da casa, enquanto a mãe da moça, na cozinha, preparava uns croquetes para eles.

Tão logo terminou de fritá-los, os chamou para experimentar.

O rapaz logo que deu o primeiro bocado, já foi logo elogiando:

- Hum, que delícia! É de bacalhau!

Ao que a mãe da moça logo censurou:

- Que bacalhau, que nada rapaz. É de carne. Vá lavar sua mão!

http://www.sergeicartoons.com/croquete_cheiroso.htm

(Último acesso em 28/08/2016)

(5) Piadas cujas designações metafóricas vinham seguidas de um verbo de ligação:

A buceta – charadas

Uma buceta perguntou para a outra toda discreta você é virgem e a outra buceta disse: O QUEEEEE???????????

Moral: A outa buceta era arrombada

http://www.sergeicartoons.com/a_buceta.htm

(Último acesso em 28/08/2016)

Para afunilar o quantitativo de piadas selecionadas preliminarmente, optou-se por lançar mão das piadas cujas especificações fossem (i) a de uma possível inferência aos respectivos órgãos e (ii) a de duplo sentido ao fim das piadas, estabelecidas nos tipos (3) e (4) das referidas categorias.

2.4 Aplicação dos testes interpretativos

As pesquisas mais recentes pautadas em LC tendem a selar um compromisso com estudos empíricos de forma que seja possível fortalecer suas assunções no que tange às teorias que postulam sobre cognição e linguagem. A inclinação por esse procedimento tem por justificativa o surgimento das críticas discurtidas aos estudos primários em Semântica Cognitiva, logo no início dessa empreitada, em que a falta de um rigor empírico passou a ser questionada.

As teorias fundacionais das Metáforas Conceptuais (Lakoff; Johnson, 1980) e das Redes de Polissemia Lexical (Brugman, 1981; Lakoff, 1987) foram baseadas inicialmente na interpretação de seus formuladores. Essa característica intuitiva e introspectiva atrelada à análise teórica resultou na observação de que não havia definições metodológicas claras que caracterizassem as análises feitas de acordo com a demanda científica.

De acordo com Talmy (2007, p. 13)¹⁵, a introspecção linguística está no primeiro nível da consciência. Trata-se de uma “atenção consciente dirigida por um usuário da língua a aspectos particulares da linguagem como se manifesta em sua própria cognição”. Embora seja uma prática comum e aceitável na elaboração de hipóteses, deve-se considerar que a análise individual do linguista pode não ser o suficiente para tecer generalizações sobre o

¹⁵ “Linguistic introspection is conscious attention directed by a language user to particular aspects of language as manifest in her own cognition” (TALMY, 2007, p.13).

processamento da linguagem, mesmo que ele seja consideravelmente instruído e familiarizado com a análise de suas próprias percepções.

Tendo isso como fundamento, os testes foram aplicados para diminuir as possíveis chances de introspecção na análise dos dados, de forma que a pesquisa tivesse um caráter interpretativo e, assim sendo, garantisse uma confiabilidade que fosse mais bem alicerçada. Dessa forma, pretendeu-se testar a aplicabilidade das teorias já mencionadas, priorizando a identificação, descrição e categorização das metáforas que permeiam a nomenclatura popular dada aos órgãos sexuais.

Para que isso fosse possível, priorizou-se o método Leitura, proposto por Sardinha, que “consiste em encontrar metáforas pela leitura de materiais escritos” (2007, p. 145). O método em questão sugere que os dados sejam lidos mais de uma vez e, também, por outras pessoas, além do pesquisador, para que o produto final atinja um caráter mais imparcial.

Considerou-se esta etapa crucial, uma vez que as interpretações da análise da pesquisadora puderam ser comparadas com as dos colaboradores, permitindo observar se as primeiras verificações coincidiram com as dos outros leitores. Além disso, as redes de integração conceptual (ver seção 3) foram elaboradas com base nas respostas dos informantes.

O público colaborador foi composto por estudantes do primeiro período do curso de Comunicação Social de uma universidade do Rio de Janeiro. Os estudantes foram informados que se tratava de análise para uma pesquisa sobre interpretação de piadas e que poderiam se sentir a vontade para escrever suas respectivas compreensões, sem qualquer preocupação com norma gramatical ou com a tipologia textual.

Para que isso fosse possível, três grupos de colaboradores foram formados – Grupo 1, Grupo 2 e Grupo 3 – contando com 14 informantes em cada grupo, totalizando 42 interpretações fornecidas. Os testes interpretativos dos grupos 1 e 2 foram produzidos no mesmo formato, diferindo-se um do outro apenas na escolha das piadas. Nesses grupos, foram agrupadas cinco piadas de cunho sexual, sendo duas delas sem qualquer alusão a algum órgão sexual. Já no grupo 3, as cinco piadas elencadas contiveram uma possível menção a órgãos sexuais.

Os grupos 1, 2 e 3 totalizaram onze piadas as quais foram analisadas à luz do referencial teórico já apontado no primeiro capítulo. A formulação dos testes encontra-se nos Apêndices desta pesquisa. Em seguida, expõem-se os critérios de análise adotados. Outros fatores concernentes aos testes serão pontuados na análise.

2.5 Procedimentos de análise

Com base nas teorias utilizadas, nos instrumentos selecionados e nos colaboradores informantes, descritos anteriormente, estabeleceram-se os seguintes procedimentos para a análise:

1) Exclusão da reprodução das piadas.

Como mencionado anteriormente, esta pesquisa tem como método a leitura por mais de uma pessoa, procedimento que consiste na validação do processo de localização e reconhecimento de expressões linguísticas e, conseqüentemente, das metáforas conceptuais que permeiam a nomenclatura popular dada aos órgãos sexuais em piadas. Os testes interpretativos visam à evidência da conceptualização de piadas com emprego de nomes dados aos órgãos sexuais por meio dos resultados concedidos pelos colaboradores. Tendo isso em vista, a sua aplicação ocorreu para que fosse possível discutir as interpretações fornecidas, confrontando-as e excluindo aquelas que não atenderam às especificações previstas no que foi pedido na tarefa. Portanto, a reiteração das piadas, sem a sua interpretação em relação ao respectivo órgão, colocou em dúvida se a interpretação do colaborador atendeu à expectativa de uma análise desta natureza.

2) Exclusão de respostas opinativas

Respostas de teor opinativo sobre a qualidade da piada foram excluídas da análise por não seguirem a determinação prevista na tarefa, na qual foi pedida a interpretação individual das piadas, destacando as expressões ou as palavras determinantes para tal interpretação.

3 MESCLAGEM CONCEPTUAL EM PIADAS

Com base nos pressupostos teóricos já estabelecidos no primeiro capítulo, analisam-se, neste capítulo, as piadas selecionadas a partir de uma perspectiva cognitiva, conforme especificado na metodologia. A distribuição das seções segue a ordem dos grupos de informantes que forneceram interpretações para as piadas: Grupo 1, com o aproveitamento das piadas de número 1, 3 e 5 (3.1); Grupo 2, disposto com o mesmo aproveitamento (3.2); e, por fim, o Grupo 3 com o aproveitamento total das cinco piadas interpretadas (3.3).

Em todas as análises feitas, a configuração das redes de integração conceptual organizou-se da seguinte forma: as linhas contínuas mais estreitas ligam os espaços mentais abertos no processo de conceptualização e sinalizam que a ativação dos espaços está interligada, formando uma rede. As linhas contínuas mais espessas representam as projeções estabelecidas pelos mapeamentos das contrapartes. As linhas tracejadas demonstram os elementos projetados seletivamente para o espaço mescla, tornando possível a construção de significado das narrativas jocosas.

Além disso, em determinados *inputs*, o uso da palavra em VERSALETE indica o nível conceptual da palavra tabuizada, dado que outros nomes são utilizados para contornar o conceito de tabu. No espaço mescla, optou-se pela formatação em **negrito** para apontar a ocorrência do efeito *punchline* nas piadas.

Explicitada a formatação da rede de integração conceptual utilizada nesta pesquisa, passa-se à análise das piadas do Grupo 1.

3.1 Piadas do Grupo 1

Como já mencionado no capítulo metodológico, foram apresentadas, aos informantes, cinco piadas de cunho sexual, dentre as quais apenas as piadas de número 1, 3 e 5 seriam analisadas. O tratamento, que também foi utilizado no grupo 2, serviu para que os informantes eventualmente não associassem o mote das piadas à discussão tratada por esta pesquisa, que é o acesso aos nomes dados aos órgãos sexuais em piadas. Dessa forma, as piadas de número 2 e 4 versavam sobre assuntos de cunho sexual, sem aludir às partes erógenas do corpo humano e, conseqüentemente, não foram incluídas na análise.

Em seguida, apresentam-se as piadas e os padrões de interpretação do Grupo 1. A informação contida entre parênteses assinala o grupo no qual a piada foi inserida.

3.1.1 Piada 1(1)

O Tribunal de Justiça recebeu o seguinte requerimento:

Esmeraldas, 5 de março de 2006.

Eu, Maria José Pau, gostaria de saber da possibilidade de se abolir o sobrenome Pau de meu nome, já que a presença do Pau me tem deixado embaraçada em várias situações.

Desde já antecipo agradecimento e peço deferimento.

Maria José Pau.

Em resposta, o Tribunal lhe enviou a seguinte mensagem padrão:

Cara Senhora Pau,

Sobre sua solicitação de remoção do Pau, gostaríamos de lhe dizer que a nova legislação permite a retirada do seu Pau, mas o processo é complicado. Se o Pau tiver sido adquirido após o casamento, a retirada é mais fácil, pois, afinal de contas, ninguém é obrigado a usar o Pau do marido se não quiser. Se o Pau for de seu pai, se torna mais difícil, pois o Pau a que nos referimos é de família e vem sendo usado por várias gerações. Se a senhora tiver irmãos ou irmãs, a retirada do Pau a tornaria diferente do resto da família. Cortar o Pau de seu pai pode ser algo que vá chateá-lo.

Outro problema, porém, está no fato de seu nome conter apenas nomes próprios, e poderá ficar esquisito caso não haja nada para colocar no lugar do Pau. Isso sem falar que, caso tenha sido adquirido com o casamento, as demais pessoas estranharão muito ao saber que a senhora não possui mais o Pau de seu marido.

Uma opção viável seria a troca da ordem dos nomes. Se a senhora colocar o Pau atrás da Maria e na frente do José, o Pau pode ser escondido, porque a senhora poderia assinar o seu nome como Maria P. José.

Nossa opinião é a de que esse preconceito contra este nome já acabou há muito tempo e que, já que a senhora já usou o Pau do seu marido por tanto tempo, não custa nada usá-lo um pouco mais. Eu mesmo possuo Pinto, sempre o usei e muito poucas vezes o Pinto me causou embaraços.

Atenciosamente,

Desembargador H. Romeu Pinto C. Bento

– Tribunal de Justiça – Brasília/DF

<http://www.piadascurtas.com.br/problema-de-pau/>

Último acesso em 02/05/16

O levantamento das interpretações da piada de número 1(1), na aplicação do primeiro grupo, pautou-se em três padrões recorrentes observados nas redações dos informantes: (a) na associação de que o mote da piada está na relação do sobrenome “Pau” com o órgão sexual masculino; (b) na comicidade emergente do duplo sentido da palavra “Pau” (sem o informante relacionar, explicitamente, ao órgão sexual masculino e sem explicar o duplo

sentido); e (c) na ideia de que o surgimento do humor está na referência à palavra “Pau”, como algo negativo, no caso, obsceno e sujo.

Na Tabela (7), sintetiza-se a organização dos padrões de interpretação dos informantes¹⁶:

Tabela 7 - Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – Piada 1 (1)

Padrão	Nº de informantes	(%)
(a)	6/14	43%
(b)	5/14	36%
(c)	1/14	7%
Excluídas	2/14	14%

Fonte: A autora, 2017.

Apesar da gradação nas interpretações, as análises convergem para as interpretações mais selecionadas, que são as do padrão (a)¹⁷, em que há a relação de um vocábulo específico – no caso, o sobrenome “Pau” – ao órgão sexual masculino. A definição expressa em (a) confirma a proposição desta pesquisa em observar a interpretação de piadas com acesso aos *frames* de ÓRGÃOS SEXUAIS a partir dos aspectos perceptuais conciliados aos aspectos conceituais do falante. Dessa forma, pretende-se demonstrar a seleção de cenários típicos e a conseqüente transposição cabível desses cenários para o entendimento da piada, originário de uma palavra ou expressão que, nesse caso, é o vocábulo “pau”.

Dessa forma, em consonância com as leituras fornecidas, observa-se, na piada de número 1(1), a flexibilidade no processo interpretativo quando o sobrenome “Pau” pode ser entendido como um órgão sexual masculino. Em outras palavras, conjectura-se que a intenção do texto seja criar um “duplo sentido”, sendo possível interpretar o item lexical de duas formas distintas. Assim, o que torna possível a criação do novo significado provém de fatores cognitivos, contextuais e compartilhados culturalmente. Na construção mental de um cenário

¹⁶Conforme declarado no capítulo precedente, todas as tabelas com o quantitativo das leituras obtidas não seguem a exatidão estatística de uma pesquisa predominantemente quantitativa. Apenas visam à organização das interpretações dos dados.

¹⁷A análise das demais piadas pautou-se, majoritariamente, no padrão de interpretação (a), em cujas leituras concentram-se a proposição desta análise, que é observar o fenômeno da integração conceptual em nomes dados a órgãos sexuais.

convencional, uma palavra (ou expressão) pode desencadear o deslocamento desse cenário para um quadro atípico, sem comprometer a coerência.

Esse fenômeno aponta para uma ativação simultânea de *frames*, desde o início da piada, que pode ser exemplificado com frase “Se o Pau tiver sido adquirido após o casamento, a retirada é mais fácil, pois, afinal de contas, ninguém é obrigado a usar o Pau do marido se não quiser”. Em outras palavras, o vocábulo “pau” é o principal gerador da ambivalência do sentido, dado que é por meio desse item lexical que a mudança da representação ocorre. Além disso, em uma comunidade em que as possibilidades de mudança de nomes inexistem, o humor da sentença não se estabeleceria. A ilustração mental de uma determinada situação é ativada (no caso, a mudança de nome da personagem) e, instantaneamente, quebrada para dar lugar a uma nova interpretação (o sobrenome Pau conceptualizado em termos de órgão sexual).

Salienta-se que, na piada 1(1), a interpretação do vocábulo “pau” pauta-se no conhecimento prévio e partilhado socialmente de que o referido item lexical se presta para designar o membro reprodutor masculino, conforme alguns preceitos experienciais que viabilizam a construção do sentido. A experiência sensorial e perceptual com objetos erguidos, isto é, a representação abstrata do esquema imagético de VERTICALIDADE, é o elemento a partir do qual se torna possível conceptualizar a palavra “pau” em termos de órgãos sexuais.

Em consonância com Kövecses (2010, p. 324), tem-se, em algumas metáforas conceptuais, uma aceção mais ou menos normatizada quando alocadas em um *continuum* ou uma escala de convencionalidade. Algumas delas são amplamente entrincheiradas e passam a ser conhecidas e utilizadas constantemente no discurso de uma comunidade. É o caso da metáfora conceptual PÊNIS É OBJETO ERETO E RIJO, em que ocorre a correspondência sistemática entre os domínios conceptuais distintos. Essa metáfora consiste em uma especificação da metáfora CORPO HUMANO É OBJETO, que, por sua vez, é uma especificidade da metáfora PESSOA É OBJETO, cujos domínios fonte e alvo estão frequentemente presentes na ativação do pensamento metafórico convencional das interações cotidianas.

Assim, o resultado da experiência corpórea com objetos retos viabiliza o pensamento abstrato ao fornecer a base concreta para o mapeamento metafórico: o pau, oriundo da madeira, de natureza concreta, é o que estrutura o conceito de órgão sexual em sua condição estritamente ereta, desencadeando um conceito abstrato. É o caso das metáforas linguísticas “cacete, espeto, estaca, lenha, vara, viga” etc. (ver Apêndice A) que se prestam para designar, também, o órgão sexual masculino.

A analogia que se estabelece entre o pau (oriundo do tronco de árvores) e o pênis sucede de uma perspectiva moral que rege certos comportamentos sociais e que, por assim ser, permite ou restringe a circulação de certos itens lexicais em consonância com o objeto atingido pela proibição. Isso significa que o instrumento ou a pessoa tabuizada também afeta o campo lexical, devendo haver outros termos, não restritos, para designá-los. Dessa limitação, surge o senso de decoro, em que o falante se utiliza de comparações, muitas vezes esdrúxulas, para contornar o tabu linguístico. No caso da piada de número 1(1), a fusão de elementos semelhantes nas estruturas do pau (pedaço de madeira) e do pênis é o que constitui o humor.

Tendo isso em vista, reafirma-se a ideia de que o vocábulo “pau” parece estar cristalizado em termos de órgão sexual masculino dado o processo natural de convencionalização pelo qual algumas metáforas se instituem socialmente. Mesmo quando a intenção comunicativa não requer o acionamento do *frame* relativo à parte genital masculina, isto é, mesmo quando o sentido da palavra pau está em consonância com o sentido de “vara de madeira, oriundo do corte de uma árvore”, pode ocorrer o processamento de rotinas cognitivas que propiciam a identificação imediata das características em comum que ligam um sentido ao outro. O afamado “duplo sentido”, como é denominado em casos como esse, se constitui a partir da conexão de conectores de compatibilidade, os quais indicam que as contrapartes não são inteiramente iguais, mas compartilham uma identidade (TURNER, 1996, p. 122). Nesse caso, a estrutura compartilhada é o formato ereto, sendo o fator que sustenta a metáfora conceptual PÊNIS É OBJETO ERETO E RIJO, presente no espaço genérico da rede de integração conceptual da piada 1(1). Além disso, esse espaço torna disponível uma rede de escopo múltiplo, tendo vista que mais de dois *frames* acionados na constituição dos *inputs* contribuem para a emergência da mescla.

Assim, no espaço mental do *input* 1, tem-se as informações sobre a figura de Maria, tais como o seu sobrenome e o requerimento de abolição do sobrenome; ao passo que, no espaço de *input* 2, encontram-se as informações da figura do desembargador em sua tentativa de convencer Maria a permanecer com o sobrenome, fornecendo-lhe argumentos necessários à persuasão. No *input* 3, incorpora-se a ideia convencionalizada sobre órgão sexual, em que a palavra “pau”, que pode ser referenciada em termos de pênis. Nesse *input*, explora-se, de forma mais direta, o conhecimento enciclopédico que fornece o acesso à construção de sentido da piada.

Nem todos os elementos dos espaços de entrada são projetados para o espaço mescla. Apenas aqueles que envolvem o sobrenome de Maria, estruturados pela metáfora conceptual

PÊNIS É OBJETO ERETO E RIJO, em que o domínio-fonte de OBJETO ERETO E RIJO estrutura as metáforas linguísticas que aludem ao PÊNIS. Essa metáfora está fundamentada em metáforas mais gerais, armazenadas no pensamento e que já estão arraigadas em uma comunidade linguística. São essas metáforas PESSOAS SÃO OBJETOS (ERETOS), CORPOS HUMANOS SÃO OBJETOS (ERETOS), logo, PARTES DO CORPO HUMANO SÃO OBJETOS (ERETOS). Por serem metáforas com alto nível de convencionalidade, são ativadas de forma inconsciente, como se estivessem naturalizadas.

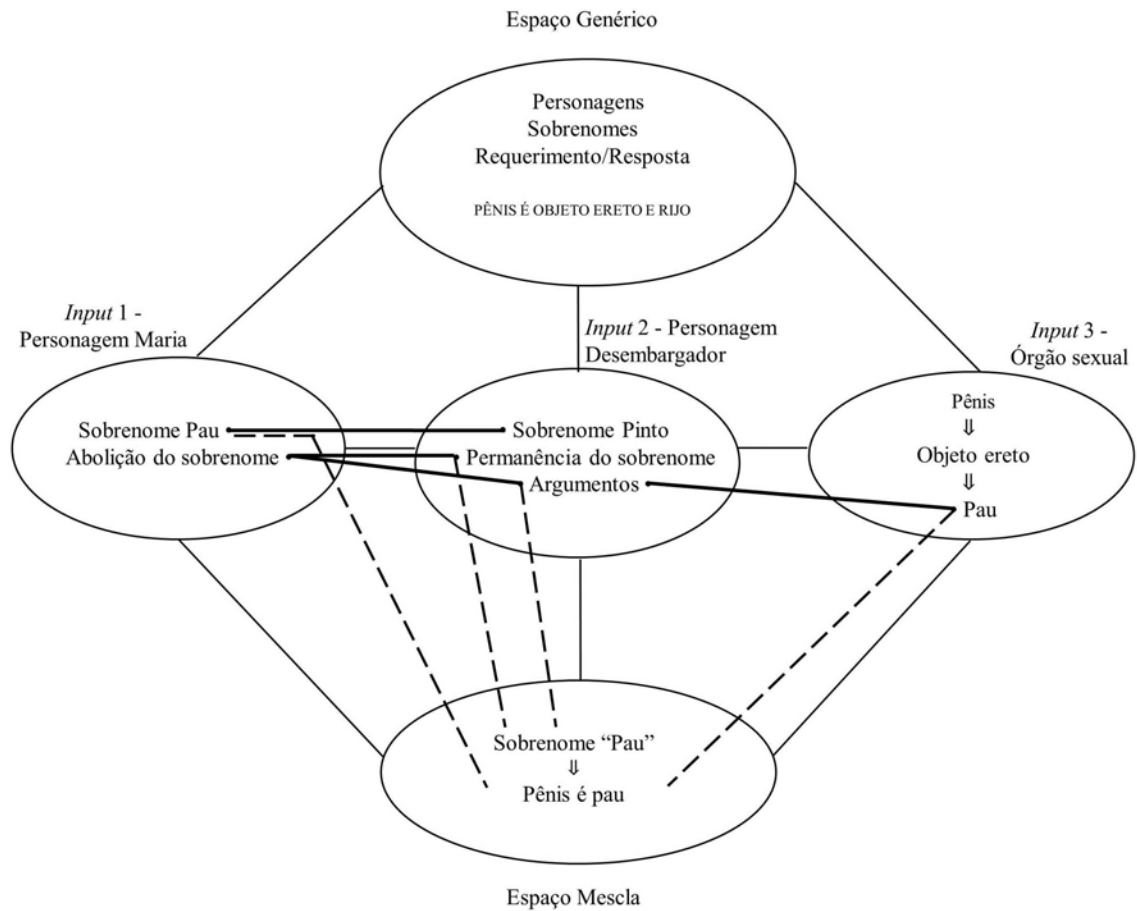
Tendo isso em vista, percebe-se que o vocábulo “pau”, utilizado para evitar o termo tabu, contribui para o efeito jocoso da piada por ser uma comparação esdrúxula e aparentemente incongruente. Posto que a referência se trata da parte erógena do corpo humano, que é um objeto de tabu, a sujeição ao tabu de decoro torna-se mais evidente. Uma vez contornado por um termo não restrito, a instituição do humor se constitui, nesse caso, pelo duplo sentido.

O humor é gerado em função do sobrenome Pau, que herda do *input 3* a analogia já comprimida entre “pau” como objeto de madeira e pênis ereto pronto para o funcionamento sexual. Além disso, o sobrenome é acrescido ao nome de batismo de uma mulher, o que corrobora a herança do *input 3*, na mescla, ao indicar que o embaraço sofrido por Maria relaciona-se ao conceito de pênis em termos de “pau”. Esse constrangimento pode ser associado à restrição moral concernente a questões de gênero, uma vez que, culturalmente, há a exigência de que a mulher apresente o senso de decoro, que a impede de realizar determinadas ações, incluindo o ato de proferir determinadas palavras, dada a compostura que deve ser seguida. Acredita-se que a conceptualização do sobrenome Pau em termos de “pênis” pode não acarretar situações de sujeição caso fosse conferido a um homem, visto que, no fim da piada, o desembargador afirma ter tido poucos embaraços com o sobrenome Pinto, também convencionalizado como “pênis” quando acionado o *frame* relativo a órgãos sexuais.

Atrelado à metáfora conceptual, tem-se o processo cognitivo da metonímia conceptual, em que duas entidades do mesmo domínio conceptual são relacionadas por contiguidade. Assim, metonimicamente, associa-se a estrutura ereta do pênis em atividade sexual à forma ereta como as pessoas se movimentam no espaço, conceptualizada via esquema imagético de VERTICALIDADE.

Na Figura 4, apresenta-se a diagramação esquemática da piada 1(1).

Figura 4 – Rede de integração conceitual da piada 1(1)



Fonte: A autora, 2017.

Para a conceptualização da piada de número 1(1), ocorrem as relações vitais de (i) REPRESENTAÇÃO, uma vez que o pau é o elemento que representa um pênis e, conseqüentemente o sobrenome de Maria; de (ii) ANALOGIA, comprimida na relação vital intra-espacial de IDENTIDADE, dado que o formato ereto e rijo é a herança do *input* 3 na mescla; e de (iv) (DES)ANALOGIA, dado o movimento aleatório de associar e desassociar, em todo o andamento da narrativa, o sobrenome "Pau" ao pênis.

Posto isso, percebe-se que o estabelecimento do duplo sentido na piada de número 1(1) só é possível se o leitor/ouvinte recorrer ao conhecimento enciclopédico de que "pau" se presta para referenciar o órgão sexual masculino, e que essa designação, pautada em uma comparação esdrúxula, trata-se de uma ferramenta linguística para se contornar o tabu na palavra "pênis" e gerar humor. A mesclagem, portanto, se mostra expansiva em suas aplicações.

3.1.2 Piada 3(1)

O que existe entre a Floresta Amazônica e a fábrica de leite?

O umbigo

<http://gigadicas.com/pt/piadas/p/piada-41>

Último acesso em 10/05/2016

Na piada de número 3(1), o levantamento das interpretações dos informantes elencou-se da seguinte forma: (a) na inferência de que a piada retrata o corpo feminino, mencionando explicitamente a área pubiana da mulher e o seio; (b) na dedução de que a piada diz respeito ao corpo feminino (sem evidenciar, na resposta, a relação com a área pubiana da mulher e com o seio); e (c) na inferência de que piada retrata o corpo masculino, mencionando a área erógena do homem e a área do tronco.

Na Tabela (8), organizam-se os dados obtidos na análise das interpretações.

Tabela 8 - Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – Piada 3(1)

Padrão	Nº de informantes	(%)
(a)	7/14	50%
(b)	2/14	14%
(c)	2/14	14%
Excluídas	3/14	21%

Fonte: A autora, 2017.

Apesar de o estudo concentrar-se especificamente no padrão de interpretação (a), convém pontuar brevemente que os demais padrões demonstram a flexibilidade do significado, especialmente, quando há o confronto entre os padrões (a) e (c). Acredita-se que, no padrão (b), os colaboradores tenham acionado o *frame* de ÓRGÃO SEXUAL, embora tivessem optado por não mencionar, na resposta, as partes erógenas do corpo humano.

Ainda que os informantes não tenham atingido a proposição da pesquisa, entende-se que há consenso com o padrão (a) no acionamento cognitivo de cenas típicas do corpo feminino. Por outro lado, nas duas leituras do padrão (c), os informantes afirmaram que a fábrica de leite se referia não aos seios, como majoritariamente foi sinalizado por outros informantes, mas ao órgão sexual masculino na atividade de um orgasmo, cujo fluido se

espalharia pelo tronco masculino onde haveria pelos, representados como Floresta Amazônica.

O que se pretende reforçar brevemente aqui é que a construção do conhecimento envolve um conjunto de circunstâncias em torno de uma determinada situação, atrelado ao recrutamento de estruturas do conhecimento temporárias que se ajustam àquele contexto específico. Além disso, confirma-se a ideia basilar da LC de que o significado linguístico é perspectivado. Conforme salienta Geeraerts (2006, p.4)¹⁸, “o modo mais fácil de compreender o assunto é pensar em perspectivas espaciais visíveis em expressões linguísticas, e na maneira como a mesma situação objetiva pode ser interpretada linguisticamente de maneiras diferentes”.

Os usuários encarnam perspectivas diferenciadas e, conseqüentemente, diferentes matizes de interpretação emergem. Essa gradação nas interpretações ocorre por conta da perspectiva adotada na conceptualização que resulta em diferentes tipos de (des)compressão das relações vitais. Assim, em consonância com o Kövecses (2010), acredita-se que a interpretação de padrão (c) deve-se a fatores contextuais locais que se manifestam em situações específicas por parte de conceptualizadores particulares.

No que tange à piada de número 3(1), sob a perspectiva adotada do padrão de interpretação (a), observa-se que a piada se apresenta em forma de uma charada, em que as expressões fornecidas no texto apresentam determinada significação necessária para o entendimento do enigma. Para que isso ocorra, deve-se fazer um levantamento cognitivo das possibilidades de justaposição que se encaixem na proposição do enigma sugerido. Esse processamento, embora pareça simples, envolve conexões complexas de estruturas distintas, de modo que o leitor/ouvinte é capaz de conciliá-las de forma otimizada apenas por meio das experiências corpóreas armazenadas.

Dito de outra maneira, a conceptualização da piada suscita o enquadramento de cenas incongruentes. O conhecimento sobre “Floresta Amazônica” e “Fábrica de Leite” leva o conceptualizador a acionar cenários organizacionais de espaço, uma vez que, inicialmente, o estabelecimento de um cenário típico leva o leitor/ouvinte da piada a deduzir que as informações contidas nos *inputs* referem-se a organizações espaciais distintas, isto é, a uma floresta de mata espessa e a um estabelecimento onde se fabrica leite, separadamente.

¹⁸The easiest way to understand the point is to think of spatial perspectives showing up in linguistic expressions, and the way in which the same objective situation can be construed linguistically in different ways.

Entretanto, essa imagem mental preliminarmente recrutada da memória de longo prazo é logo substituída por outra, propiciando uma reanálise desse enquadre e, conseqüentemente, o estabelecimento da piada. Na resposta da charada (“O umbigo”), tem-se a mudança de *frames* como fator responsável por viabilizar a inferência de que as estruturas iniciais, na verdade, se referem a uma única estrutura, a corpórea. Esse processamento passa pelo reconhecimento da incongruência no cenário preliminar à reanálise pragmática da mudança de *frames* até chegar ao estabelecimento da coerência, que ocorre com a resposta da charada.

Acrescenta-se que a representação abstrata análoga a uma trajetória, derivada da experiência sensorial e perceptual dos falantes, é o que estrutura o esquema imagético de PERCURSO na conceptualização da charada. Isto é, a visualização do tronco feminino, viabilizada pela resposta da charada (o umbigo), deriva do movimento mental que se faz desde a fábrica de leite (seio) até a floresta amazônica (vulva).

Além disso, o aspecto denso e de grande extensão da floresta aos pelos pubianos da vulva, respalda a metáfora conceptual VULVA É MATAGAL, já evidenciada no espaço genérico. Essa conceptualização ocorre por meio da relação da ANALOGIA, comprimida no espaço mescla por IDENTIDADE, já que os elementos compartilham determinados fatores de compatibilidade.

Tendo isso em vista, a associação é possível devido ao conhecimento enciclopédico do tabu referente aos órgãos sexuais femininos, posto que a expressão “Floresta Amazônica” se trata de uma designação convencional ao órgão sexual feminino. Isso se deve à restrição social do vocábulo “vulva”, oriunda de tabus sociais, que se evidencia como um tabu linguístico a ser evitado. Em vista do senso de decoro, utilizam-se comparações análogas que mantenham alguma compatibilidade estrutural, de forma que seja possível contornar a palavra marcada por tabu.

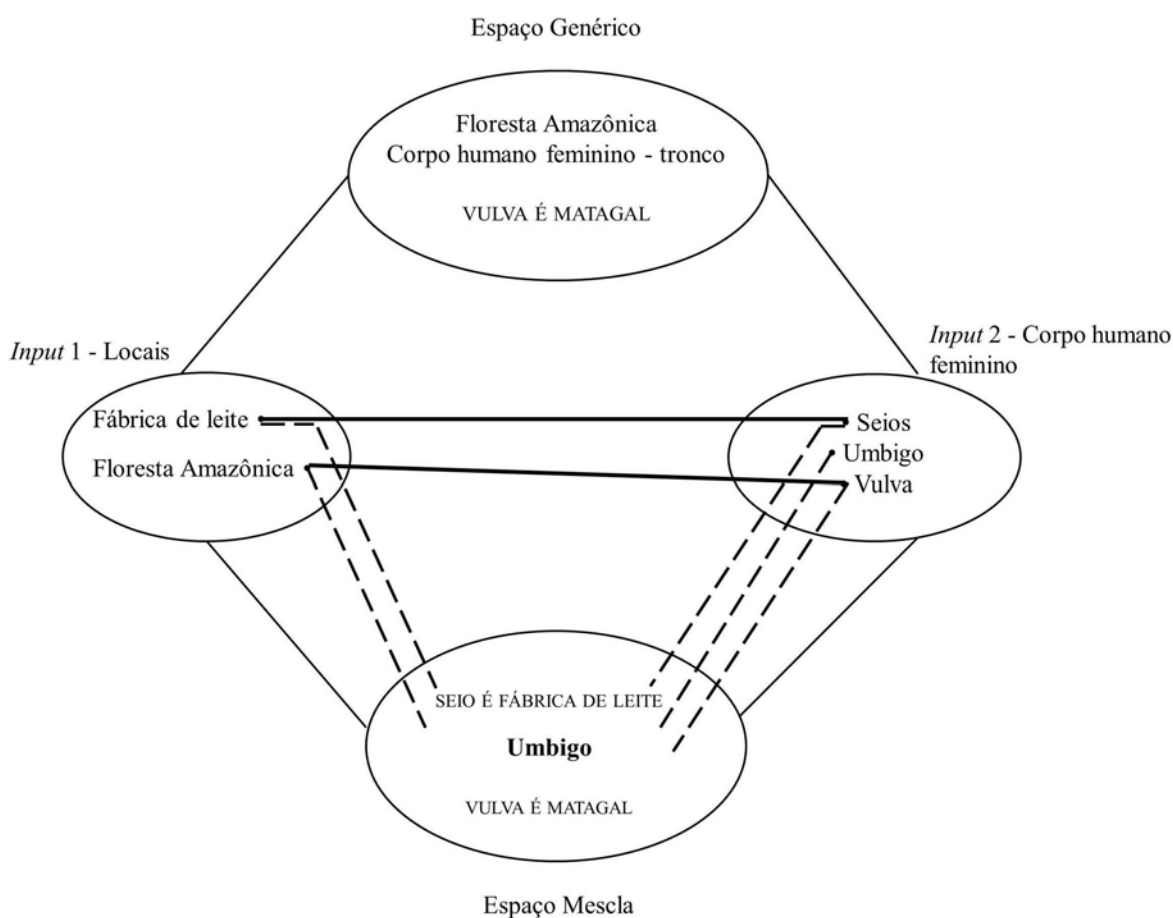
Desse modo, o espaço genérico disponibiliza as informações transitáveis da rede, viabilizando uma rede de escopo duplo, já que o espaço mescla herda, dos dois *inputs*, elementos necessários à construção de sentido. Nessa configuração, os componentes dispostos no *input* 1 projetam para o espaço mescla os fatores que integram os aspectos dos locais apresentados na piada, que são a Fábrica de leite e a Floresta Amazônica. No *input* 2, explora-se o domínio do corpo humano feminino, delimitando-se ao seu tronco, abarcando os seios, o umbigo e a vulva.

No espaço mescla, elucida-se a intenção comunicativa da charada de associar estruturas organizacionais aparentemente improváveis, de modo a modificar o cenário espacial inicialmente acionado e conferir um novo significado para a sequência

representativa. Assim, o primeiro enquadre é substituído e o reconhecimento das partes do corpo humano feminino é acionado. Na resposta da charada, tem-se o gatilho para o humor, ativando-se a imagem convencional de que a vulva tem os pelos como PROPRIEDADE e, por conta disso, é associada a um matagal.

Na Figura (5), apresenta-se a diagramação da piada 3(1).

Figura 5 - Rede de integração conceptual da piada 3(1)



Fonte: A autora, 2017.

A conceptualização da piada de número 3(1) envolve as relações vitais de (i) REPRESENTAÇÃO, comprimida na mescla em SINGULARIDADE, já que “Floresta Amazônica” é a representação da vulva e a “Fábrica de Leite” retrata o seio da mulher em estágio de amamentação, assumindo novos sentidos; de (ii) CAUSA-EFEITO, comprimida na mescla a partir da relação de PROPRIEDADE, em relação à fábrica e ao seio, em que a produção de leite é a peculiaridade que os identifica; e, metonimicamente, de (iv) PARTE-TODO, dado que o corpo feminino é identificado por meio de partes específicas que o determina como tal. Essa

especificidade é representada por “Floresta Amazônica” e “Fábrica de Leite”, que são, respectivamente, a vulva e o seio.

Ressalta-se que a metáfora VULVA É MATAGAL pode ser considerada uma especificação da metáfora mais geral (CORPO DA) PESSOA É PLANTA, domínios convencionais e recorrentes na literatura sobre metáforas conceptuais. Devido a esse caráter convencional, VULVA É MATAGAL integra a espaço genérico na representação da mesclagem. Todavia, a metáfora SEIO É FÁBRICA DE LEITE foi considerado um aspecto inusitado e jocoso da piada, resultante dos elementos herdados dos *inputs*, daí sua emergência no espaço mescla. Um caminho possível para tal analogia em termos de pensamento metafórico seria partir da projeção entre os domínios (CORPO DA) PESSOA É ESPAÇO, que, por sua vez, seriam ativados metonimicamente por suas partes componentes: PARTE DO CORPO DA PESSOA PELA PARTE DO ESPAÇO.

Com isso, reafirma-se que as piadas favorecem as habilidades imaginativas humanas para criar o significado, especialmente em piadas, em que é possível observar o processamento semântico e cognitivo na interpretação de narrativas jocosas. Em outras palavras, a piada é um gênero composto por uma linguagem popular e que, sobretudo, explora a analogia. Do enquadramento dessas estruturas dissemelhantes, é que se constitui o humor.

3.1.3 Piada 5(1)

Indícios de que Marta Suplicy foi um #pau em outras vidas:
Mesmo estando errada, ela nunca amolece.
<https://twitter.com/piadasdopau/status/4793797906>
Último acesso em 10/05/2016

Na piada de número 5(1), observaram-se os seguintes padrões de interpretação dos informantes: (a) a menção de que a piada relaciona a palavra “pau” ao pênis; (b) a dedução de que a piada associa o vocábulo “pau” ao pênis, em relação à maneira de agir de Marta Suplicy; e (c) a inferência de que a piada retrata a maneira de agir de Marta Suplicy (sem mencionar a relação da palavra “pau” com órgão sexual masculino).

Na Tabela (9), apresenta-se a apuração das interpretações produzidas.

Tabela 9 - Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – Piada 5(1)

Padrão	Nº de informantes	(%)
(a)	4/14	29%
(b)	2/14	14%
(c)	2/14	14%
Excluídas	6/14	43%

Fonte: A autora, 2017.

Embora a análise remeta primordialmente ao padrão de leitura (a), tendo em vista a associação do mote da piada ao órgão sexual masculino, afirma-se que o parâmetro de interpretação (b) também contribuiu para dispor graficamente os elementos da mesclagem para a conceptualização da piada. Acredita-se que o padrão (a) está em consonância com o padrão (b), embora o primeiro tenha priorizado mencionar a analogia estabelecida entre um pau e um pênis, sem relacionar à postura política de Marta Suplicy. Optou-se pela inclusão dessa informação por conta do remate da piada evidenciado pela sentença “Ela nunca amolece”, a qual é responsável pela reanálise pragmática da mudança de *frames* e, por conseguinte, pela constituição do humor na piada.

Nesse sentido, a piada de número 5(1), embora seja muito sucinta, leva o leitor/ouvinte a processar muitas conexões entre os *inputs* de maneira rápida, implícita e complexa em suas relações. Todavia, o processamento da mesclagem só é possível se determinadas informações da narrativa fizerem parte do conhecimento de mundo do leitor/ouvinte da piada. Isto é, se o entendimento de quem é a figura da Marta Suplicy e do papel social exercido por ela na política não for preenchido, possivelmente haverá o revés da finalidade da piada.

Esse fato se evidencia no percentual elevado de exclusões das interpretações em que os informantes preferiram não responder por não saberem quem/como era Marta Suplicy. Sem esse conhecimento prévio, o estabelecimento do humor se compromete, não atendendo à intenção comunicativa da enunciação da piada, que é atingir o efeito cômico e, conseqüentemente, provocar a risibilidade do leitor/ouvinte.

Com base no aproveitamento dos padrões de interpretação mencionados, a conceptualização da piada ocorre a partir de um cenário inicial no qual se associa a figura de Marta Suplicy a um pau, objeto de madeira oriundo do tronco da árvore. Esse enquadre é quebrado com a expressão “ela nunca amolece”, na última sentença, a qual propicia o efeito

punchline e a conseqüente mudança de *frames*. Nessa alteração, outro cenário é recrutado da memória de trabalho, o qual compõe o *frame* de órgão sexual masculino.

A reanálise lexical, e a conseqüente reanálise pragmática, modifica a significação do enquadre inicial evocando um novo cenário com um novo sentido: o de Marta Suplicy sendo equiparada a um “pau”, que, nesse caso, é um pênis. Essa associação ocorre por intermédio do esquema imagético de VERTICALIDADE, elemento cabal na conceptualização da palavra “pau” em termos de órgão sexual, configurando-se em um conhecimento culturalmente armazenado.

Dessa forma, a compreensão da piada de número 5(1) requer, necessariamente, a ativação de experiências perceptuais com objetos sólidos e eretos para que ocorra a conceptualização do conteúdo da piada em questão. Associa-se Marta Suplicy às características aplicadas a um pau que, inicialmente, é projetado em termos de um objeto extraído da árvore, mas que, com a mudança de *frames*, passa a figurar o pênis.

A relação analógica estabelecida entre “pau” como parte lenhosa do tronco das árvores (e seus derivados) e “pau” como genitália masculina se estabelece para contornar a referência anatômica do órgão sexual masculino, vista como uma palavra atingida por tabu e, portanto, evitada. O senso de decoro, oriundo dessa restrição, impulsiona a comparação dessas estruturas com vistas a um novo significado. Utiliza-se um termo não restrito para contornar uma referência restrita. Dessa relação, por meio da aglutinação de estruturas distintas e improváveis, constitui-se o humor.

Na constituição da rede para a conceptualização da piada 5(1), o *input* 1 estrutura-se pela informação da política brasileira Marta Suplicy e sua posição social. Esse espaço de entrada liga-se ao *input* 2, que se configura pela informação referente a encarnações, isto é, ao que ela foi em outras vidas. No *input* 3, ativa-se o *frame* referente ao órgão sexual masculino, cujo conteúdo projeta, para o espaço mescla, a informação já comprimida de que o vocábulo “pau” pode fazer referência ao pênis, dada a característica ereta de ambas as estruturas.

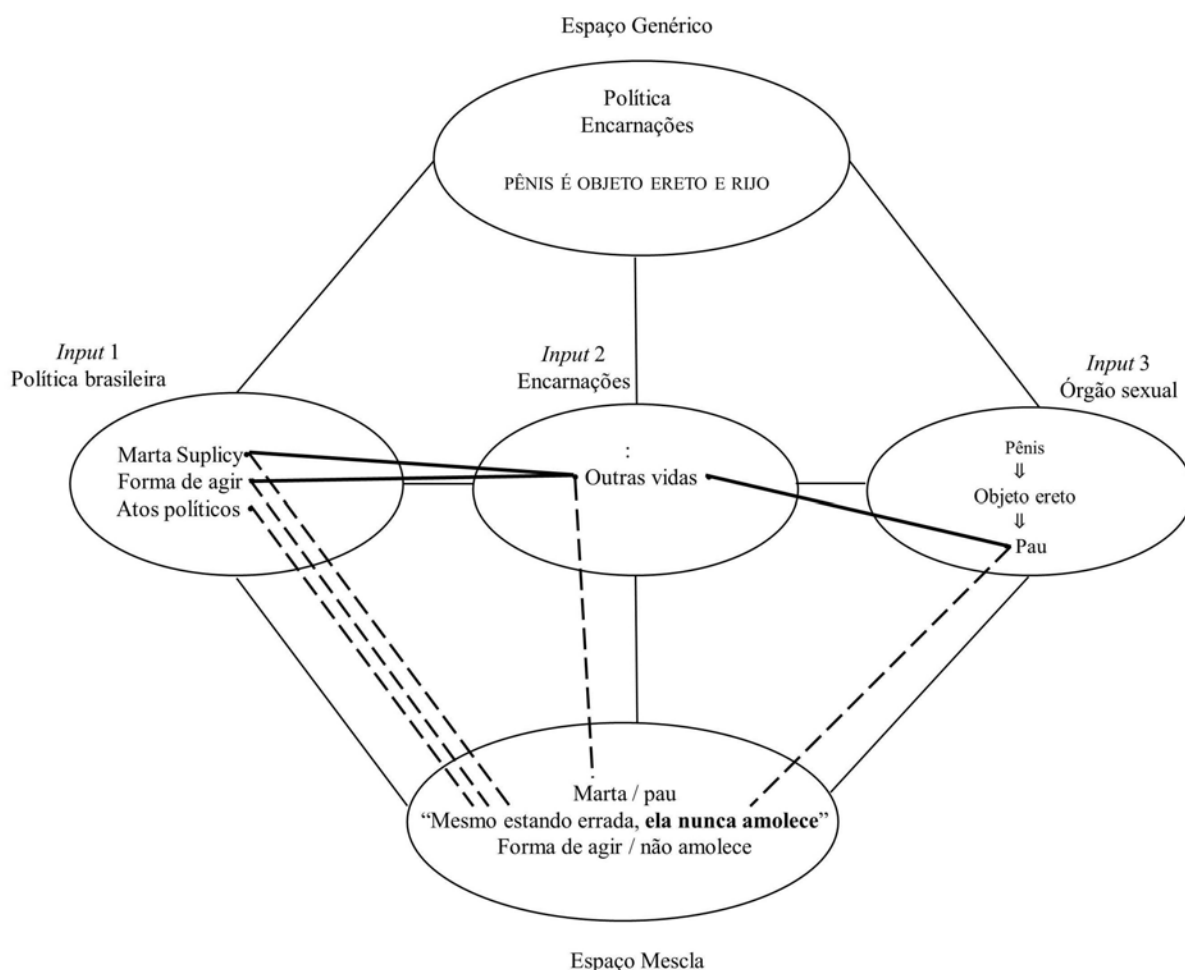
No espaço mescla, aciona-se a informação que serve de gatilho para a mudança de *frames*, presente na expressão “ela nunca amolece”. O novo enquadre é, então, automaticamente gerado de modo que a associação de Marta Suplicy a um pênis em estado ereto torna-se possível. Assim, essa condição verticalizada do pau (vara de madeira) é o fundamento para a forma de agir de Marta Suplicy e, por conta disso, ela nunca amolece.

A conceptualização da piada de número 5(1) se deve às relações vitais de (i) REPRESENTAÇÃO, em que o pau extraído da árvore representa o pênis e, também, Marta Suplicy; de (ii) ANALOGIA, comprimida na mescla em IDENTIDADE, tendo em vista o formato ereto e rijo entre o pau e pênis em estado de funcionamento sexual; de (iii) MUDANÇA,

levando-se em consideração a alteração de um cenário em que o pau é um objeto de madeira e um outro cenário em que pau é o pênis; de (iv) DESANALOGIA, a partir da qual o pau deixa de ser entendido como um objeto ereto e rijo e passa a figurar um pênis; de (v) TEMPO, tratando-se da mesma pessoa/entidade, mas em tempos diferentes: Marta Suplicy, encarnada em uma pessoa no tempo vigente, ministra do Turismo e sexóloga por formação, e um pau, sendo esse pau um pênis, encarnado em outras vidas; e, por fim, de (vi) CAUSA-EFEITO, em que Marta Suplicy foi um pau em outras vidas (EFEITO) por partilhar características comuns de um pênis em estado ereto e rijo (CAUSA).

Na Figura (6), apresenta-se a rede para a conceptualização da piada 5(1).

Figura 6 – Rede de integração conceptual da piada 5(1)



Fonte: A autora, 2017.

Com base na diagramação da Figura (6), reafirma-se a ideia aqui adotada de que o conhecimento prévio de que “pau” retrata o órgão sexual masculino pode estar culturalmente

cristalizado. O objeto “pau”, extraído de árvores, constitui-se constantemente de forma rija, ao passo que o órgão sexual masculino não se caracteriza como ereto, como se assim o fosse de forma ininterrupta. Dessa nova informação sobre o pênis, é que se institui a mescla, em que, apesar de herdar informações seletivamente dos *inputs*, apresenta-se como um elemento criativo e novo, específico do sentido da piada.

Concluída a análise do Grupo 1, passa-se às análises das interpretações obtidas do Grupo 2.

3.2 Piadas do Grupo 2

Nesta seção, apresentam-se as análises do segundo grupo de aplicação dos testes interpretativos, em consonância com as mesmas especificações do Grupo 1.

3.2.1 Piada 1(2)

A mulher tinha uma perereca de estimação. Um dia a perereca morreu. A senhora ficou muito triste e disse:

- Vou embalsamar minha perereca!

Mas a perereca começou a feder e ela disse:

- Eu vou jogar esta perereca fora! – e resolveu enterrar a perereca.

Botou a bichinha numa caixa de sapatos e foi para o cemitério de animais... de ônibus.

Ao entrar no ônibus, o cobrador lhe perguntou:

- O que é que tá fedendo tanto aqui que não se pode viajar?

Ela respondeu:

- É a minha perereca, moço.

Aí ele disse:

- Então vai lá pra frente, que este fedor aqui não pode, não!

Lá na frente, o motorista não aguentando mais o cheiro disse:

- A mulher que está com a perereca fedendo, queira descer, por favor...

Desceram 14 mulheres.

http://www.sergeicartoons.com/perereca_18335.htm

Último acesso em 03/05/2016

O levantamento das interpretações da piada de número 1(2) concentrou-se em apenas dois padrões de interpretação: (a) na associação de que o gatilho para a construção do humor da piada está no vocábulo “perereca”, o qual remete ao órgão sexual feminino; e (b) na

inferência de que o duplo sentido da piada está na palavra “perereca” (sem relacionar explicitamente ao órgão sexual feminino).

Em ambos os padrões de leitura, percebeu-se que os informantes estabeleceram uma relação pertinente a esta pesquisa – apesar de o padrão (b) não citar explicitamente qual é o duplo sentido da palavra “perereca”. Acredita-se que, no padrão de interpretação (b), os informantes tenham acionado o *frame* relativo a órgão sexual feminino, embora tenham priorizado não mencioná-lo.

Sintetiza-se, na tabela (10), a organização dos padrões de interpretação dos informantes.

Tabela 10 - Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – piada 1(2)

Padrão	Nº de informantes	(%)
(a)	10/14	71%
(b)	4/14	29%
(c)	0/14	2%
Excluídas	0/14	0%

Fonte: A autora, 2017.

Conforme especificado no padrão de resposta (a), o humor da piada de número 1(2) surge da associação do anfíbio “perereca” ao suposto mau cheiro do órgão sexual feminino. Essa transposição de sentido altera-se apenas no fim da piada, evidenciando que o cenário ativado inicialmente alude ao animal, e o cenário subsequente remete à vulva. Tendo em vista o conhecimento internalizado sobre piadas, em que naturalmente o leitor/ouvinte monitora o entendimento da narrativa jocosa, o processo de mudança de *frames* ocorre de forma simultânea. Isto é, a representação do vocábulo “perereca” em termos “vulva” é ativada e desativada de modo concomitante, em que o leitor/ouvinte pode acionar tanto o conceito de animal quanto o de órgão sexual feminino em toda a leitura da narrativa.

Deve-se ponderar que a relação estabelecida entre o animal e o órgão sexual sucede (i) da ponderação social que coíbe a menção à terminologia anatômica “vulva”, configurando-se em um tabu linguístico passível de ser contornado; e (ii) pelo conceito convencionalizado socialmente de que a genitália feminina exala mau cheiro e, por isso, pode-se associá-la ao odor do animal morto. Esse conhecimento prévio referente à proibição e à digressão de vocábulos tabuizados é ativado na última sentença, servindo de gatilho para a mudança de

cenários e o estabelecimento do efeito cômico. Isso significa que, na narrativa, quando o motorista solicita a saída da mulher com a perereca fedendo (que, até então, é o animal), infere-se que as catorze mulheres entenderam que o seu próprio órgão genital cheirava mal.

Dessa forma, a rede de integração para a conceptualização da piada de número 1(2) dispõe, no espaço genérico, os elementos transitáveis de toda rede acerca dos domínios de ANIMAIS e de CORPO HUMANO. Além disso, dispõem-se as metáforas conceptuais PESSOA É ANIMAL e CORPO HUMANO É ANIMAL que viabilizam a compreensão da piada no nível global.

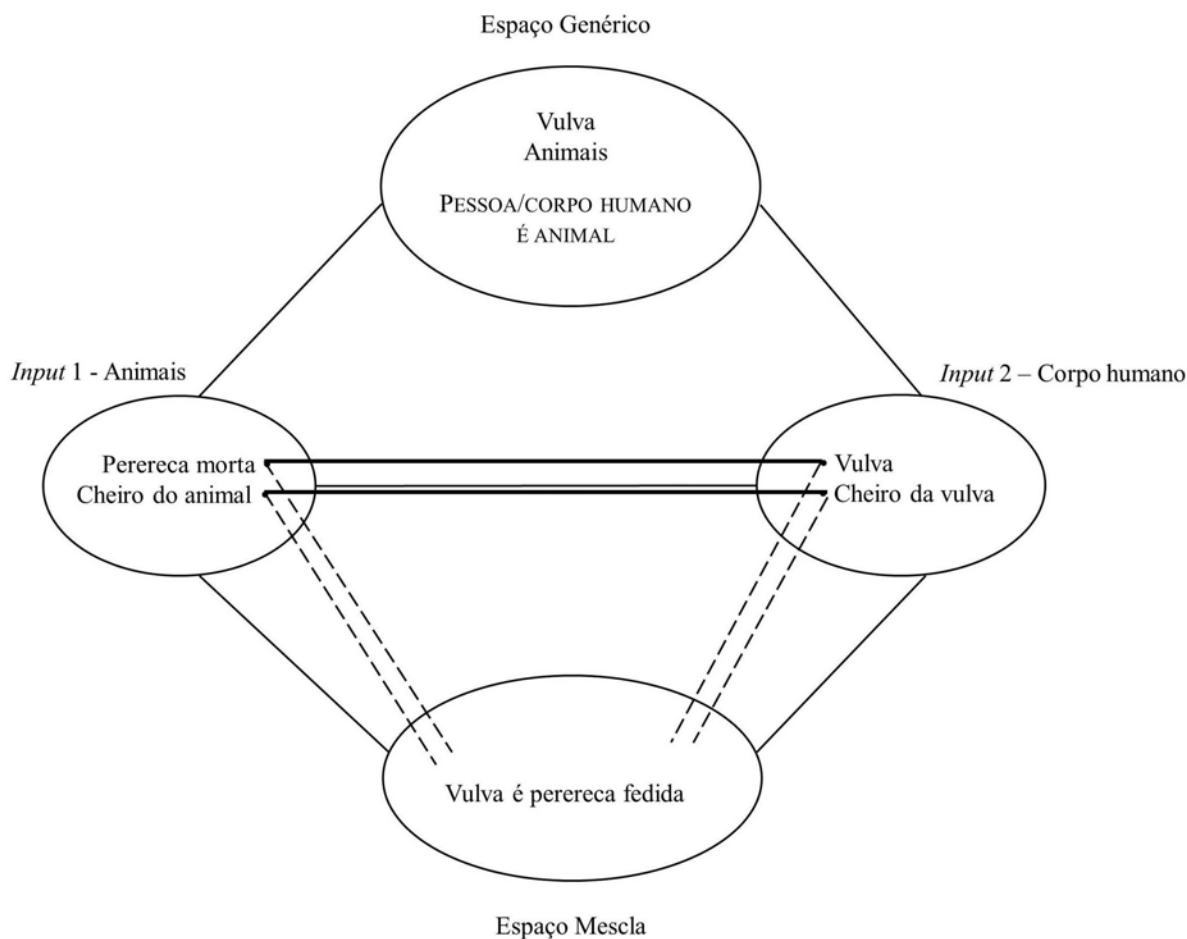
No *input* 1, ativa-se a informação decorrente da ativação do *frame* relativo ao animal, em que a informação sobre a condição do anfíbio é acionada. No *input* 2, apresenta-se a configuração do *frame* concernente a corpo humano, apresentando a parte da estrutura corpórea que é tratada na piada: a vulva e seu odor. Nesse esse espaço, a compressão que se estabelece é ativada metonimicamente, visto que é possível identificar a parte do corpo que é projetada para o espaço mescla.

Para compor o espaço mescla, projetam-se os elementos concernentes à condição morta do animal, e à vulva, dispostos, respectivamente, nos *inputs* 1 e 2 e que estão em consonância com o conhecimento enciclopédico acionado pelo leitor/ouvinte de que o vocábulo “perereca” remete à genitália feminina em função do mau odor. Essa configuração remonta uma rede de integração de escopo duplo, uma vez que os dois espaços de entrada propiciam a constituição da mescla.

Com base nas relações apontadas, convém pontuar que o complexo de relações que subjazem ao entendimento da piada, deve-se, em grande escala, à metáfora PARTE DO CORPO HUMANO É ANIMAL, já convencionalizada, que, em decorrência do uso frequente, é utilizada de forma inconsciente e natural. Desse modo, ratifica-se a ideia de que ANIMAL (juntamente com OBJETO) é tido como um dos domínios fonte mais empregados por parte dos falantes (BERNARDO, 2016), configurando metáforas convencionais. No caso da piada de número 1(2), ANIMAL figura o domínio fonte, de natureza concreta, que constitui a sustentação experiencial, de natureza abstrata, do domínio alvo PARTE DO CORPO HUMANO.

A rede de integração conceptual, apresentada na Figura (7), demonstra o trajeto mental para a conceptualização do sentido da piada 1 (2).

Figura 7 – Rede de integração conceitual da piada 1(2)



Fonte: A autora, 2017.

Com base na Figura (7), afirma-se que a mudança de *frames* ao fim da piada evoca a relação vital PARTE-TODO, em que se identifica a vulva como a PARTE do corpo humano (TODO) arquitetada, na piada, para a constituição do humor. Além disso, o processamento da mesclagem envolve a relação vital de REPRESENTAÇÃO, comprimida no espaço mescla em SINGULARIDADE, uma vez que o entendimento que se tem sobre a vulva é representado por meio do vocábulo “perereca”. Por ANALOGIA, comprimida na mescla por IDENTIDADE, associa-se o mau cheiro do anfíbio morto ao suposto mau cheiro da genitália das mulheres; e por meio da relação de DESANALOGIA descomprime-se a ideia de que “perereca” se trata do anfíbio, passando a retratar a vulva.

3.2.2 Piada 3(2)

A bichinha vai ao cabeleireiro e pede:

- Hoje eu quero um corte transexual!

- Menina, você pirou de vez – comenta o cabeleireiro, indignado – Que corte maluco é esse?

- É simples... corta na frente e pica atrás!

<http://www.portaldohumor.com.br/cont/piadas/591/Corte-Transexual.html>

Último acesso em 02/05/16

Os padrões de interpretação da piada de número 3(2) constituem-se da seguinte forma:

(a) na inferência de que a piada retrata o procedimento feito por transexuais de retirada do pênis, expresso em “corta na frente”, e a prática de sexo anal exposto na expressão “pica atrás”, sendo “pica” o órgão sexual masculino; (b) na associação do corte de cabelo remetendo ao sexo anal expresso em “pica atrás”; e (c) na inferência de que o humor da piada está na comparação do corte de cabelo com a cirurgia feita por homossexuais.

Na tabela (11), sintetizam-se os padrões de interpretações elencadas.

Tabela 11 - Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – piada 3(2)

Padrão	Nº de informantes	(%)
(a)	6	43%
(b)	2	14%
(c)	2	14%
Excluídas	4	29%

Fonte: A autora, 2017.

Na piada de número 3(2), intenciona-se associar o tipo de corte de cabelo da cliente a práticas costumeiras aos transexuais. O principal gatilho para desenvolvimento do humor está (i) no tipo de corte de cabelo solicitado, designado por corte “corte transexual”, em que é possível perceber uma função caracterizadora no referido substantivo adjetivado, o qual envolve questões contumazes à comunidade transexual; e (ii) no conhecimento convencionalizado de que “pica” remete ao órgão sexual masculino. Dessa forma, para que ocorra a significação por parte do leitor/ouvinte, é preciso que haja o acionamento de rotinas cognitivas relacionadas a cortes de cabelo, em que expressões como “cortar na frente e picar atrás” são comuns.

Para a conceptualização da piada de número 3(2), ativa-se, no espaço genérico, os elementos contidos nos espaços de entrada que podem ser acessados a qualquer momento que se fizer necessário. A estruturação das relações conceptuais entre os *inputs* enseja uma rede de escopo múltiplo, visto que os elementos dos três espaços mentais contribuem para surgimento da mescla. Desse modo, o *input* 1 figura a informação referente ao ofício do cabeleireiro em realizar o corte transexual, conforme requerido pela cliente. Esse *input* relaciona-se de forma mais direta com o *input* 2, no qual se inclui o domínio de cirurgia de mudança de sexo, uma execução comum na comunidade transexual. No *input* 3, aciona-se o conhecimento de ato sexual, especificando a relação homoafetiva presente na narrativa.

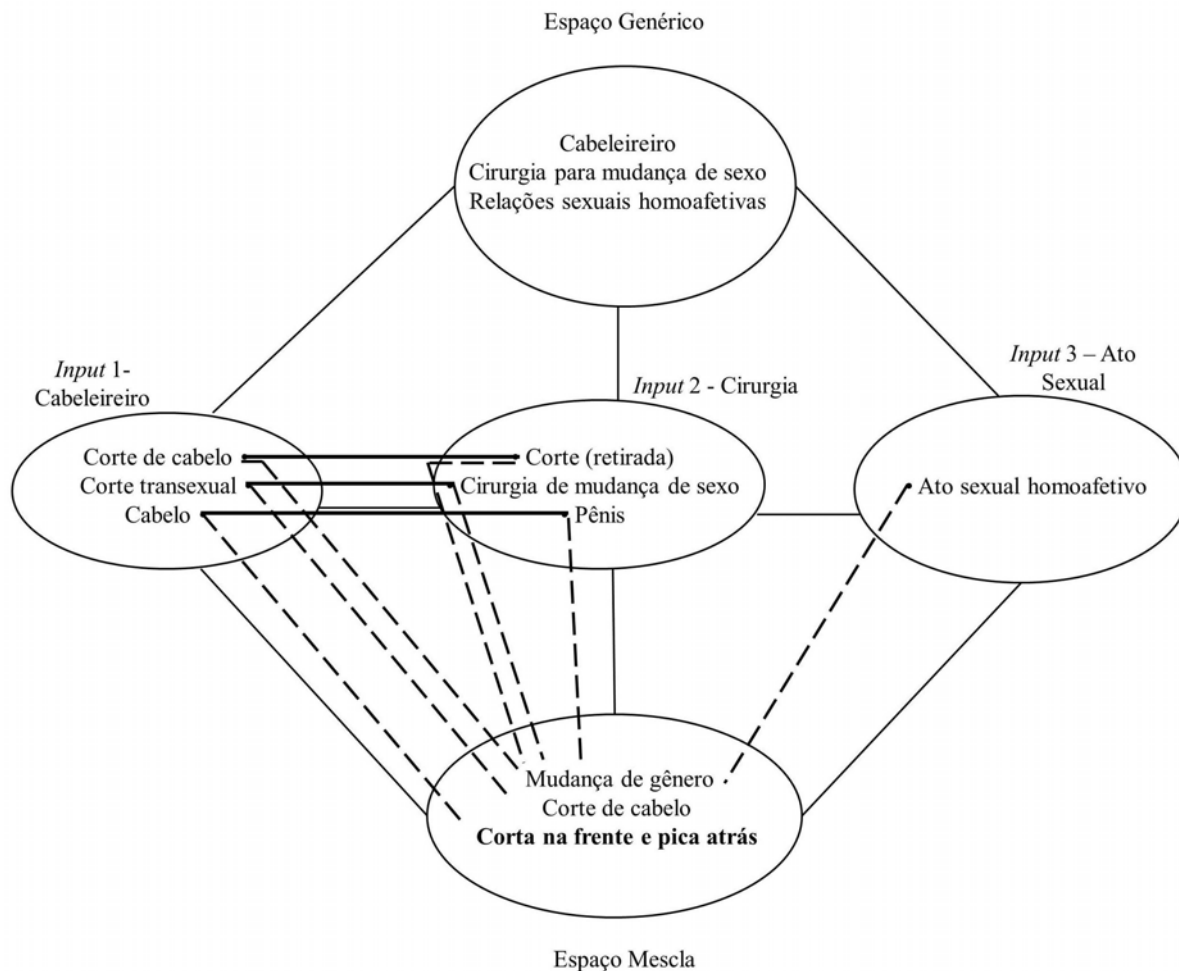
O entendimento da piada é estruturado pelo conhecimento internalizado de que “pênis” se trata de um vocábulo tabuizado. A digressão da terminologia anatômica ocorre como um corolário do tabu social que determina certa sanção à palavra pênis. Por conta disso, substitui-se a referida designação, dentre outras, pela palavra “pica”, sinalizando que uma palavra não restrita favorece o desvio de tabus linguísticos e, conseqüentemente, a aceitação coletiva.

No fim da piada, com o fragmento “corta na frente e pica atrás”, o conteúdo subjacente ao tipo de corte é revelado, preenchendo a supressão da informação precedente ao fornecer um novo cenário, necessário para o estabelecimento da coerência na piada. Assim, no espaço mescla, encontra-se o remate da piada e a sinalização do fim de uma sequência representativa a partir ênfase em determinados itens lexicais. Nesse caso, a expressão “corta na frente e pica atrás” engatilha o entendimento do tipo de corte de cabelo desejado, sendo, também, o elemento que viabiliza a mudança de *frames* em prol do enquadramento dessas estruturas.

Isso porque, com base no conhecimento compartilhado de que a designação “pica” é uma forma de nomear o órgão sexual masculino, tem-se a base para o entendimento de que “pica atrás”, na narrativa, remete ao conceito de pênis em atividade sexual anal. A esse respeito, deve-se ressaltar que a contextualização prévia da cliente ao anunciar o “corte transexual”, ligado ao sexo, atrelado à especificação posterior no vocábulo “pica”, funciona como um acionamento de aspectos cognitivos e pragmáticos que fornecem ao ouvinte um monitoramento específico para o entendimento da piada. Isso implica dizer que, ao ser ativado o conceito de “pica atrás” como pênis em ato sexual anal, conforme o pedido da cliente, a expressão “corta na frente” passa a aludir à cirurgia de remoção do pênis, contumaz na comunidade transexual.

A Figura (8) disponibiliza a representação da rede para conceptualização da piada 3(2).

Figura 8 - Rede de integração conceptual da piada 3(2)



Fonte: A autora, 2017.

Por meio das relações vitais de ANALOGIA e DESANALOGIA é que todo o enquadre final é instaurado, tendo em vista a descompressão em MUDANÇA na qual se altera o cenário evocado inicialmente. Pelo domínio da experiência com cortes de cabelo introduz-se, via processamento cognitivo de mudança de *frames*, o domínio cirúrgico (em “corta na frente”), e o domínio de atos sexuais (em “pica atrás”). Essas relações estabelecem-se metonimicamente, tendo em vista que os referidos fragmentos identificam o órgão sexual masculino, aludindo respectivamente, à especificidade de processo operatório de remoção do pênis e ao sexo anal homoafetivo.

Além disso, no cenário subsequente ao remate, em “pica atrás”, tem-se a identificação do órgão sexual masculino em atividade sexual, o que leva o conceptualizador a inferir que o

vocábulo “pica” é a REPRESENTAÇÃO do pênis, em cuja relação intra-espacial se dá a compressão de SINGULARIDADE.

3.2.3 Piada 5(2)

Como é conhecida a profissão do médico ginecologista em Portugal?

Espião da casa do caralho.

<http://www.osvigaristas.com.br/charadas/portugues/>

Último acesso em 03/05/2016

Na piada de número 5(2), os padrões de interpretação dos informantes pautaram-se nas seguintes gradações: (a) na inferência de que a piada retrata a “casa do caralho” como a vulva, sendo a casa do caralho a especialidade do ginecologista; (b) na associação do mote da piada à vulva (sem mencionar o “caralho”); e (c) na menção ao “caralho” como propiciador do humor (sem aludir ao órgão sexual feminino).

Apresenta-se o quantitativo dos padrões de interpretação mencionados na Tabela (12).

Tabela 12 - Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – piada 5(2)

Padrão	Nº de informantes	(%)
(A)	5	36%
(b)	3	21%
(c)	1	7%
Excluídas	5	36%

Fonte: A autora, 2017.

A piada de número 5(2) configura-se como uma charada que visa à identificação de como é conhecida a profissão do médico ginecologista em Portugal, que é ser um “espião da casa do caralho”. Embora os informantes, de uma maneira geral, não tenham acessado à tradicional rivalidade em piadas, por supremacia nacional, existente entre determinados países (como em Brasil e Portugal, Brasil e Argentina, Estados Unidos e Inglaterra, etc.), convém destacar que é possível haver outra interpretação em que essa informação torna-se presente. Assim sendo, outra configuração de rede para a conceptualização seria constituída para a representação da piada.

Para o entendimento da piada 5(2), o conceptualizador aciona, inicialmente, o MCI organizacional de consultas médicas no qual atua o médico ginecologista. Como se sabe, o tratamento direcionado à genitália feminina, incluindo-se sua fisiologia e suas doenças, é a especialidade do profissional que opera no campo da ginecologia. Com base nesse conhecimento, ativa-se o cenário preliminar no qual se idealiza um ofício profissional e suas atribuições subjacentes. Esse enquadre é atenuado por meio da resposta da charada, a qual motiva a mudança de *frames*, propulsora da nova significação.

Para a composição da rede de integração conceptual da piada de número 5(2), disponibilizam-se, no espaço genérico, as entidades concernentes às profissões aludidas na piada do ginecologista e do espião. Além de evidenciar o ato sexual que subjaz ao entendimento da piada e a metáfora do pensamento VULVA É RECEPTÁCULO DO PÊNIS, a qual estrutura as metáforas linguísticas em que a vulva é vista em termos de objeto recipiente (nesse caso, do pênis).

A base estável do conhecimento a partir da qual essa ideia se desenvolve está ligada ao esquema imagético de CONTÊINER, que origina tipos significados mais abstratos. Por conta dessa experiência sensório-motora, existem nomes para a vulva como “a casa de todos os pintos, abocanha-caralho, agasalhador de croquete, área *vip*, caixa dos prazeres” etc. (ver Apêndice A). Todas essas conceptualizações de vulva podem ser consideradas especificações da metáfora convencional CORPO É OBJETO (CONTÊINER).

Embora se trate de uma piada curta, o processamento da mesclagem envolve mapeamentos e projeções complexas e imaginativas que se estabelecem em torno de três espaços de entrada abertos de forma dinâmica. Nessa relação mental, os espaços de *input* 1 e 2, fundamentados no frame comum de profissões, ativam, respectivamente, o conhecimento dos ofícios do ginecologista e do espião, evidenciados na narrativa. No *input* 3, aciona-se o *frame* relativo a ato sexual, apresentando o pênis como “caralho” e a vagina como “casa do caralho”. A informação abarcada nesse espaço mental fundamenta-se no conceito internalizado socialmente de que as genitálias feminina e masculina são objetos restritos por tabus morais e, assim sendo, suas designações linguísticas são passíveis de serem contornadas por alternativas vocabulares. Dessa forma, o nome metafórico e imaginativo dado à vagina¹⁹ é

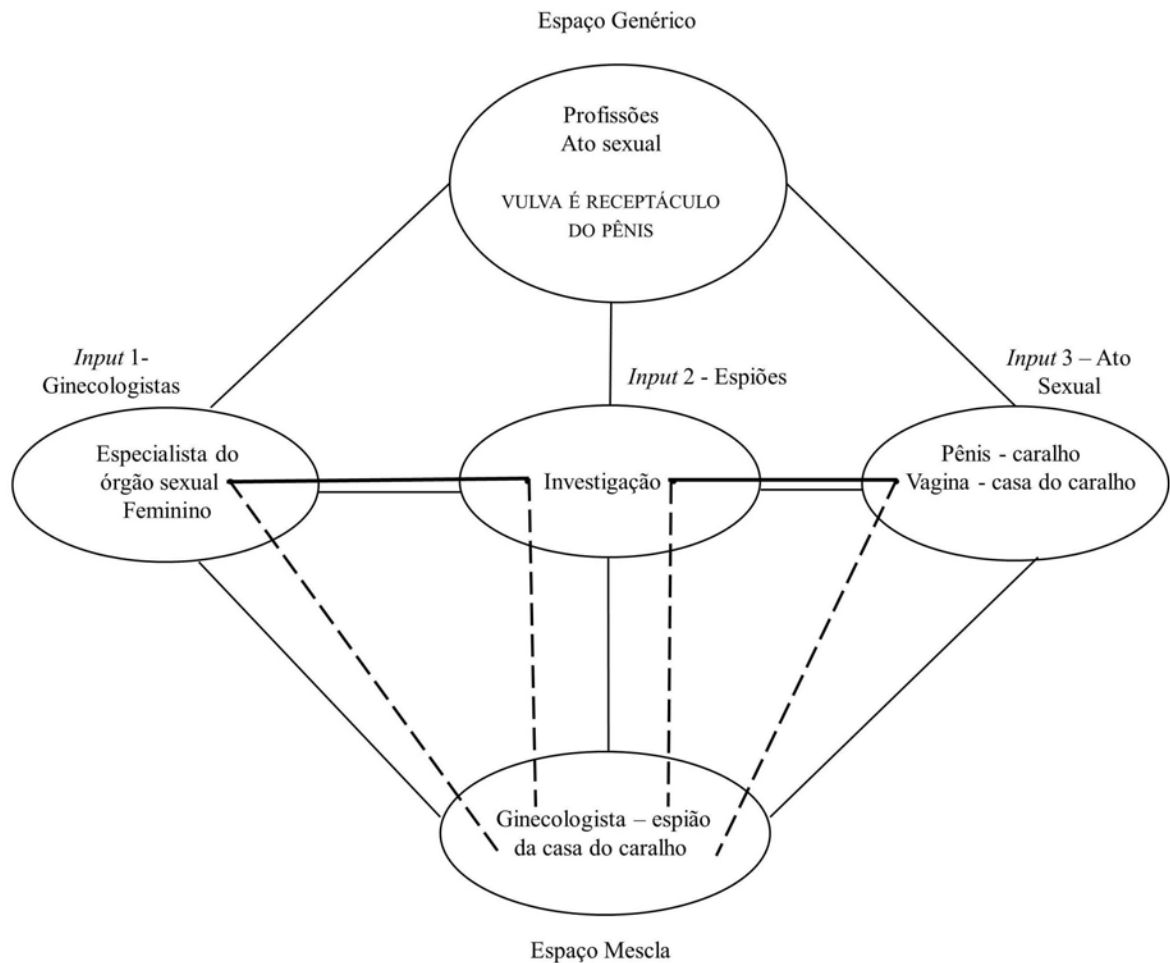
¹⁹ Para a composição do *input* 4, sobre tabu, da rede de integração conceptual da piada de número 3(2), optou-se pela terminologia “vagina” em detrimento do termo “vulva”, como nas demais redes. A resolução pautou-se nas respostas dos informantes em que foi possível observar a utilização majoritária do vocábulo “vagina”. Acredita-se que a prevalência do termo esteja em consonância com o MCI organizacional de consultas médicas, tendo em vista o modo como o profissional ginecologista reporta o seu objeto de atuação de forma cientificamente

concebido por meio de vinculações de estruturas estabelecidas por analogia. Em outras palavras, as experiências corpóreas com recipientes permitem associar o órgão sexual feminino a um CONTÊINER que, nesse caso, embasa a designação “casa do caralho”, local onde o pênis pode entrar.

No espaço mescla, dispõem-se os elementos que compõem o ápice da narrativa, contendo a significação nova atingida por meio das projeções de entidades dos espaços de *input*. Para compor esse espaço, processa-se a relação vital de DESANALOGIA, comprimida no espaço interior como MUDANÇA, em que se converte a noção geral de “espião” para a ideia de um observador a quem é atribuída permissão para examinar, de forma objetiva, as características próprias da genitália feminina. Dessa alteração de cenários, infere-se que o humor surge no acionamento da ideia de que o ginecologista não é propriamente a pessoa que tem acesso consentido à vulva cotidianamente. Ao contrário disso, ele é um espião porque “bisbilhota” o que “não lhe pertence”. Além disso, por meio da REPRESENTAÇÃO, a vulva é retratada como a “casa do caralho” ou “a casa do pênis, conferindo-lhe o significado de “estância do pênis”, isto é, o local onde o pênis reside.

Na Figura (9), apresenta-se o processamento da mesclagem na piada 5(2).

Figura 9 – Rede de integração conceitual da piada 5(2)



Fonte: A autora, 2017.

Tendo em vista a diagramação das relações conceituais da piada de número 5(2), percebe-se que apesar da relação de tabu que subjaz à criação da piada, o humor é passível de se estabelecer dada a justaposição de estruturas distintas por meio de uma comparação esdrúxula. Nesse prisma, o gatilho para o acionamento do *frame* relativo a ÓRGÃO SEXUAL FEMININO está no conhecimento sobre a atividade idônea do médico ginecologista e no seu objeto de atuação, ambos ressignificados. Isto é, a integração de conceitos, alicerçada na mudança de *frames* e na reanálise pragmática, fundamenta um novo significado na piada, em que o ginecologista é o alcoviteiro do local por onde o pênis pode transitar: a vagina.

3.3 Piadas do Grupo 3

Nesta seção, apresenta-se a análise do Grupo 3, composto por cinco piadas com acesso ao *frame* de ÓRGÃOS SEXUAIS. Tais piadas são objeto das próximas subseções.

3.3.1 Piada 1(3)

Duas comadres conversavam enquanto preparavam mandioca para o almoço:

- Sabe comadre... – observou a primeira – Quando eu vejo essa mandioca, lembro-me do meu falecido marido.

- Nossa, comadre! – espantou-se a outra – Era assim, grossa?

- Não... era assim suja!

<http://www.piadascurtas.com.br/mandioca-do-marido/>

Último acesso em 02/05/16

O elenco dos padrões de interpretação da piada 1(3) organizou-se da seguinte forma: (a) na inferência dos informantes de que a piada retrata a mandioca como o órgão sexual masculino do marido de uma das comadres; (b) na associação do mote da piada à relação entre o marido e a mandioca (sem mencionar a relação com o pênis); e (c) na vinculação da palavra “mandioca” a um conteúdo sexual (sem mencionar a relação com o pênis).

Na Tabela (13), expõe-se a súmula dos dados mencionados.

Tabela 13 - Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – piada 1(3)

Padrão	Nº de informantes	(%)
(a)	10/14	71%
(b)	3/14	21%
(c)	1/14	7%
Excluídas	0/14	0%

Fonte: A autora, 2017.

Com base no padrão de interpretação (a), reitera-se a intenção comunicativa da enunciação da piada de associar a planta mandioca ao pênis do marido de uma das comadres.

Para tanto, articulam-se as características da mandioca, de modo que a relação é estabelecida, inicialmente, por meio da corpulência da raiz e, posteriormente, por conta de sua sujeira.

A configuração do cenário ativado inicialmente pauta-se nas experiências corpóreas do falante com objetos eretos em que se torna possível a vinculação ao formato distendido do pênis. Além disso, tem-se no diâmetro considerável da mandioca, evidenciado em “Era assim, grossa?”, a consequência da metáfora conceptual PÊNIS É ALIMENTO CILÍNDRICO E ERETO, em que, nessa concepção, a experiência com alimentos de formato cilíndrico e estendido é o que fundamenta a designação do pênis nos termos “cacete, cenoura, espiga, linguiça, pepino, nabo, salame, salsicha” etc. (ver Apêndice A). A partir desse acionamento da experiência, o cenário é quebrado em função da associação da mandioca à sujeira do pênis do falecido marido, rematando no humor da narrativa jocosa.

Nesse sentido, salienta-se que as relações que se estabelecem nas associações existentes entre ALIMENTOS CILÍNDRICOS E ERETOS e PÊNIS estão embasadas na metáfora geral PARTES DO CORPO HUMANO SÃO OBJETOS (ERETOS), em que, metonimicamente, identifica-se a condição ereta dos objetos e vincula-se essa característica ao órgão sexual masculino que também se estrutura de forma aprumada em caso de funcionamento sexual. A analogia contrafactual entre esses conceitos encontra-se arraigada no pensamento coletivo de uma comunidade, devido ao alto grau de convencionalidade em decorrência do uso. Por conta disso, são metáforas utilizadas, sem esforço, nas ações e associações cotidianas.

Assim, para a conceptualização da piada, agrupam-se, no espaço genérico, as informações transitáveis da rede sobre a continência de cada *input*, em cuja estrutura encontram-se os elementos concernentes a raízes botânicas, órgão sexual e tabuísmo. Além disso, disponibiliza-se a metáfora conceptual que fundamenta a metáfora linguística presente na narrativa. A mesclagem configura uma rede de escopo múltiplo, visto que o conteúdo abarcado por cada um dos enquadres da experiência contribui para a emergência da mescla.

Para a diagramação da rede de integração conceptual da piada de número 1(3), no *input* 1, aciona-se o *frame* concernente ao conhecimento de raízes, integrando o elemento da botânica acionado, que, nesse caso, é a mandioca. No *input* 2, ativa-se o *frame* relativo a corpo humano masculino, quando reporta-se ao pênis do marido. No *input* 3, expõe-se o enquadre sobre órgão sexual, apresentando o conhecimento enciclopédico de que as experiências com formato cilíndrico viabilizam a associação com a configuração do pênis.

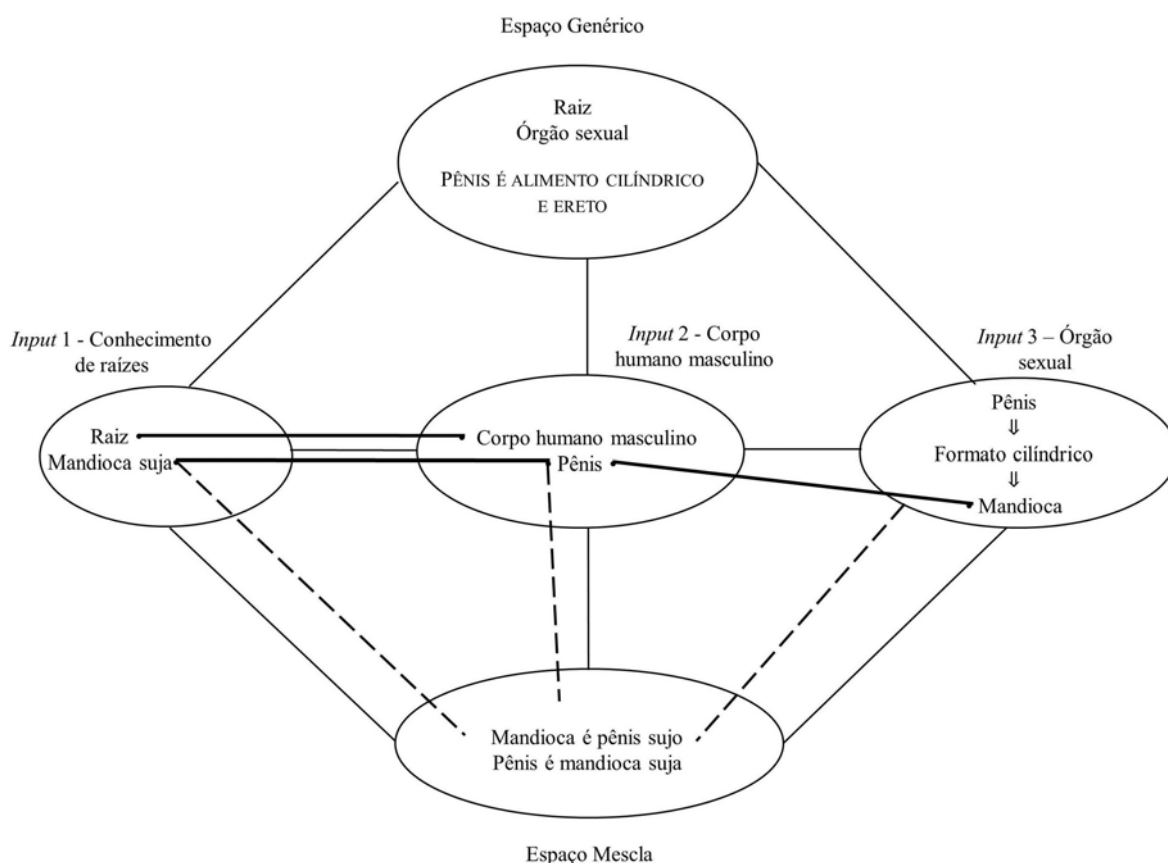
Além disso, por ser uma designação atingida por tabu, o falante recorre a itens lexicais que propiciam o contorno da palavra tabuízada. Esse recurso de *metalexia* ocorre por meio da comparação que se faz entre pênis e alimentos cilíndricos e eretos, de modo que, além de

superar os efeitos morais oriundos da palavra tabu, institui o humor pela integração de conceitos dissemelhantes.

No espaço mescla, tem-se o remate da piada que viabiliza o entendimento da mandioca como um pênis, haja vista a sujeira caracterizadora de ambos. A informação nova para a constituição do humor pauta-se na condição em que cada uma das estruturas se mantém. A mandioca é naturalmente suja, uma vez que se trata de uma raiz que cresce embaixo da terra. Já o pênis do marido configura-se como sujo por problemas que não implicam, necessariamente, uma configuração essencialmente suja, mas, por exemplo, como resultado de má higienização.

Na Figura (10), expõe-se a rede para a conceptualização da piada 1(3).

Figura 10 – Rede de integração conceptual da piada 1(3)



Fonte: A Autora, 2017.

Levando-se em conta a diagramação da piada de número 1(3), afirma-se que o processamento da mesclagem revela a ativação da relação vital de ANALOGIA, comprimida entre os espaços por IDENTIDADE, tendo em vista a relação categórica “A é B” expressa na

vinculação da mandioca como pênis. Além disso, observa-se na SIMILARIDADE, de natureza perceptual, na ligação de elementos com PROPRIEDADES comuns, isto é, a mandioca suja é o pênis do marido, igualmente sujo. Ativam-se ainda as relações vitais de REPRESENTAÇÃO, tendo em vista que a mandioca é o elemento que representa o pênis do falecido marido; e de CAUSA-EFEITO, uma vez que a sujeira é a causa para lembrança do pênis do marido.

3.3.2 Piada 2(3)

O vigário de um vilarejo tinha um peru como mascote, o Valente. Certo dia, o peru Valente desapareceu, e ele achou que alguém o havia roubado. No dia seguinte, na missa, o vigário perguntou à congregação:

- Algum de vocês aqui tem um peru?

Todos os homens se levantaram.

- Não, não – disse o vigário – não foi isso que eu quis dizer. O que eu quero saber é se algum de vocês viu um peru?

Todas as mulheres se levantaram.

- Não, não – repetiu o vigário – O que eu quero dizer é se algum de vocês viu um peru que não lhe pertence.

Metade das mulheres se levantou.

- Não, não – disse o vigário novamente muito atrapalhado – Talvez eu possa formular melhor a pergunta... O que eu quero saber é se algum de vocês viu o "meu" peru?

Todas as freiras se levantaram...

<http://www.piadasonline.com.br/MostraPiadas.asp?Peru>

Último acesso em 02/05/16

Na piada de número 2(3), observaram-se as seguintes gradações nos padrões de interpretação dos informantes: (a) a inferência de que o vocábulo “peru” é entendido como pênis; (b) o duplo sentido da palavra “peru” (sem o informante especificar os possíveis sentidos do vocábulo); (c) a associação da palavra “peru” a uma conotação sexual (sem relacionar explicitamente ao pênis); e (d) a associação do mote da piada à má formulação da pergunta do vigário (sem relacionar ao pênis).

Na Tabela (14), sintetizam-se os padrões de interpretação dos informantes.

Tabela 14 - Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – piada 2(3)

Padrão	Nº de informantes	(%)
(a)	9/14	64%
(b)	1/14	7%
(c)	1/14	7%
(d)	1/14	7%
Excluídas	2/14	14%

Fonte: A autora, 2017.

Apesar das nuances nas interpretações, a análise da piada 2(3) baseia-se no padrão de interpretação (a), em consonância com a conjectura proposta pela pesquisadora. Nessa perspectiva, infere-se que o gatilho para o humor da piada está no vocábulo “peru”, que é entendido como órgão sexual masculino, ao seguir alguns padrões de (des)compressão de relações vitais. Reafirma-se, entretanto, a hipótese assumida em análises anteriores de que a interpretação dos padrões de interpretação (b) e (c) possivelmente demandaram o acionamento do *frame* de ÓRGÃO SEXUAL MASCULINO, embora os colaboradores tenham privilegiado não especificar quais outros possíveis sentidos poderiam ser atribuídos à palavra “peru”.

Para a conceptualização da piada, ativa-se, inicialmente, o cenário organizacional de uma reunião religiosa, em que o clérigo questiona o sumiço de sua ave de estimação. O *frame* de ANIMAL DE ESTIMAÇÃO vai gradativamente sendo alterado pelo *frame* de ÓRGÃO SEXUAL MASCULINO, em função da negação do clérigo mediante o mal entendido dos fiéis.

Acredita-se que as experiências perceptuais com o formato de algumas aves sejam incisivas na analogia estabelecida entre o animal e o pênis. Por conta disso, a metáfora conceptual ÓRGÃO SEXUAL MASCULINO É AVE fundamenta as metáforas linguísticas que visam à nomeação do pênis, tais quais “galo, ganso, passarinho, rola” etc. (ver Apêndice A). Assim, utilizam-se os nomes dados às aves (domínio-fonte) para designar o órgão sexual masculino (domínio-alvo).

Tendo isso em vista, no espaço genérico da rede de integração conceptual, disponibiliza-se a estrutura abstrata em comum entre os *inputs*, a qual disponibiliza uma rede de escopo múltiplo, já que todos os *inputs* cooperam para o surgimento do novo significado evidenciado pelo processamento da mesclagem. Além disso, nesse espaço, encontra-se a

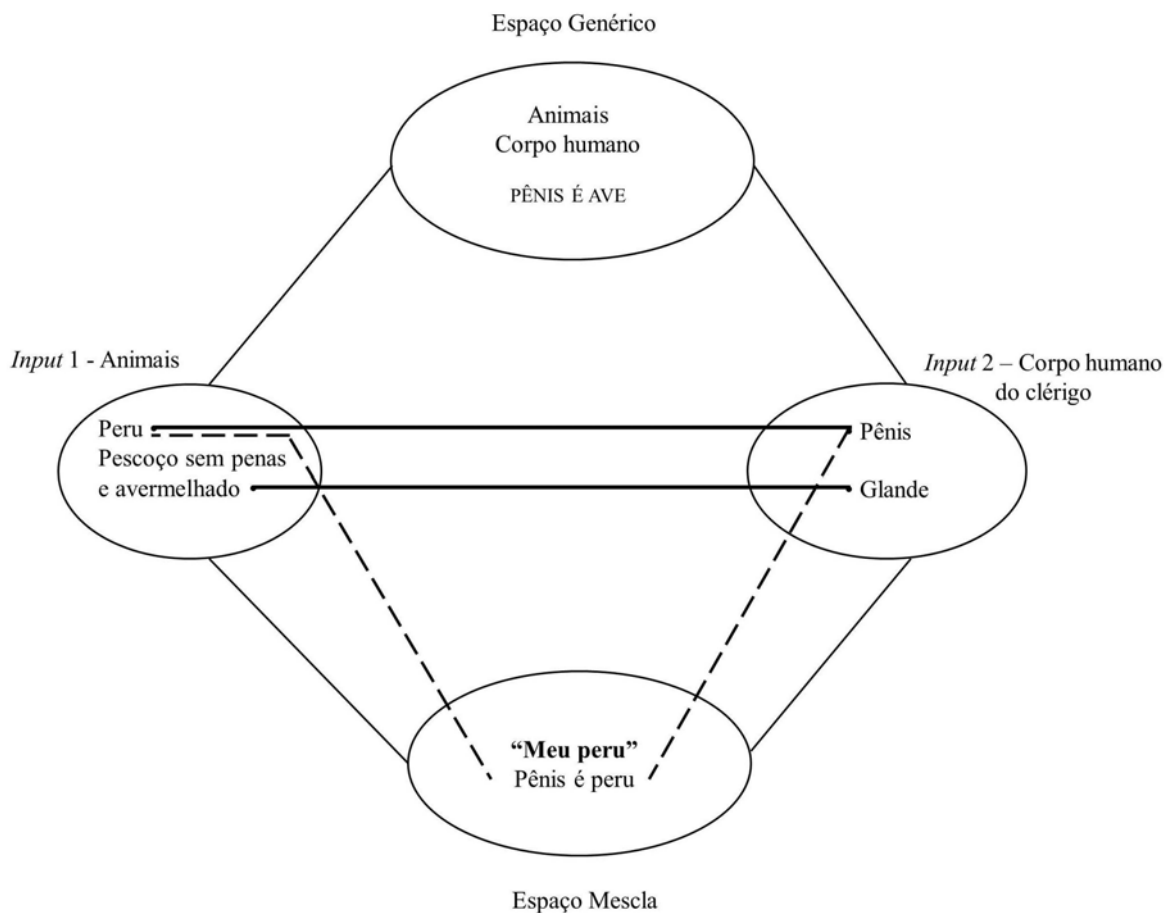
metáfora conceptual PÊNIS É AVE que viabiliza o entendimento de “pênis” em termos de “aves”, uma especificação das metáforas PESSOA É ANIMAL e CORPO HUMANO É ANIMAL.

O *input* 1 é ancorado no *frame* referente a animais, que, no caso, é o peru do vigário. Esse espaço interliga-se ao *input* 2, o qual apresenta a abertura do *frame* relativo ao corpo humano do clérigo. A relação que se estabelece entre as contrapartes pauta-se conhecimento convencionalizado de que a designação ao órgão sexual masculino se trata de um tabu, podendo ser apontado por nomes de aves. Esse recurso de *metalexia* permite acobertar a restrição moral subjacente à sua utilização, tornando-se socialmente aceitável. Desse modo, minimiza-se a palavra “pênis”, marcada por tabu, e admite-se a circulação do mesmo sentido em outras formas linguísticas não interdidas.

No espaço mescla, apresenta-se o resultado das projeções seletivas dos *inputs* em que o novo significado para a palavra “peru”, na narrativa, passa a ser entendido, também, como pênis. Dessa forma, o surgimento do duplo sentido e, conseqüentemente, do humor da piada ocorre em função da compressão e descompressão das relações conceptuais oriundas da ANALOGIA entre os *inputs*, comprimida em IDENTIDADE na mescla, baseadas em alguns aspectos de SEMELHANÇA. No caso especificamente do peru, observa-se que o formato do pescoço do animal, sem penas e avermelhado, mantém uma relação aproximada à glândula do pênis, fundamentando a analogia da piada.

Tendo isso em vista, o processamento da mesclagem da piada de número 2(3) configura-se conforme a Figura (11).

Figura 11 – Rede de integração conceitual da piada 2(3)



Fonte: A autora, 2017.

Para a conceptualização da piada de número 2(3), observa-se, ainda, as relações vitais de REPRESENTAÇÃO, comprimida na relação intra-espacial em SINGULARIDADE, visto que o animal peru passa a conceber o pênis do vigário; além de figurar em (DES)ANALOGIA a (des)compressão expressa no movimento dialógico, do leitor da piada e do vigário ao longo das perguntas, de associar (por parte dos fiéis) e não associar (por parte do vigário) ao órgão sexual masculino.

3.3.3 Piada 3(3)

Final de noite, o casal sai de uma festa junina, a mulher fala para o marido:

- Marido quero mijá! Olha pra lá.

- Que olha pra lá nada muié! Tô cansado de ver essa chavasca aí! Cê qué mijá, você mija.

Depois de um tempo, a mulher enche o saco:

- Marido, tô com vergonha! Tão ispiando ieu lá embaixo.
- Que ispiando o que muié!
- Tão sim, marido, tem uma canoa lá embaixo.
- Deixa de ser boba muié. Tá vendo que isso não é canoa, isso aí é reflexo.

<http://www.piadascurtas.com.br/a-mijada>

Último acesso em 03/05/2016

Na piada de número 3(3), os padrões de interpretação foram dispostos da seguinte forma: (a) na inferência de que o humor da piada está na referência à canoa como a vulva; (b) na dedução de que o humor é gerado a partir da ilusão de que o reflexo é a canoa (sem explicitar o que é o reflexo); e (c) na associação do mote da piada à palavra chavasca e à falta de entendimento da mulher (sem especificar do que se trata a falta de entendimento).

Na Tabela (15), expõe-se a súmula dos dados obtidos.

Tabela 15 - Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – piada 3(3)

Padrão	Nº de informantes	(%)
(a)	7/14	50%
(b)	2/14	14%
(c)	1/14	7%
Excluídas	4/14	29%

Fonte: A autora, 2017.

Conforme aponta o padrão de interpretação (a), o gerenciamento do humor ocorre em função da associação do reflexo da vulva, reverberada na urina, a uma canoa. Alguns fatores básicos levam o conceptualizador a interpretar dessa forma. Primeiramente, o termo “chavasca”, no contexto de seu proferimento, evoca o *frame* de ÓRGÃO SEXUAL FEMININO por conta da referência ao ato de micção. Esse acionamento se deve ao conceito convencionalizado da vulva em termos de “chavasca”. Isto é, essa designação resulta do conceito internalizado socialmente de referência à genitália feminina, integrando o conhecimento enciclopédico dos falantes. Além disso, a experiência concreta com pequenas embarcações de serviço de bordo, atrelando-se à posição corpórea da mulher, viabiliza a fusão dos conceitos que fundamenta a associação.

Assim sendo, para a conceptualização da piada de número 5(3), ativa-se, no espaço genérico, a informação retomável dos espaços de *input* com a informação sobre “pequenas embarcações”, “corpo humano feminino”, além de disponibilizar a metáfora conceptual

VULVA É OBJETO CURVO COM EXTREMIDADES AFUNILADAS que fundamenta o processamento analógico da integração dos conceitos. Utiliza-se o domínio fonte de OBJETO CURVO COM EXTREMIDADES AFUNILADAS, de natureza concreta, para designar, de forma abstrata, a domínio alvo VULVA. Além disso, o espaço genérico disponibiliza uma rede de escopo duplo, visto que elementos dos dois espaços mentais contribuem para surgimento da mescla.

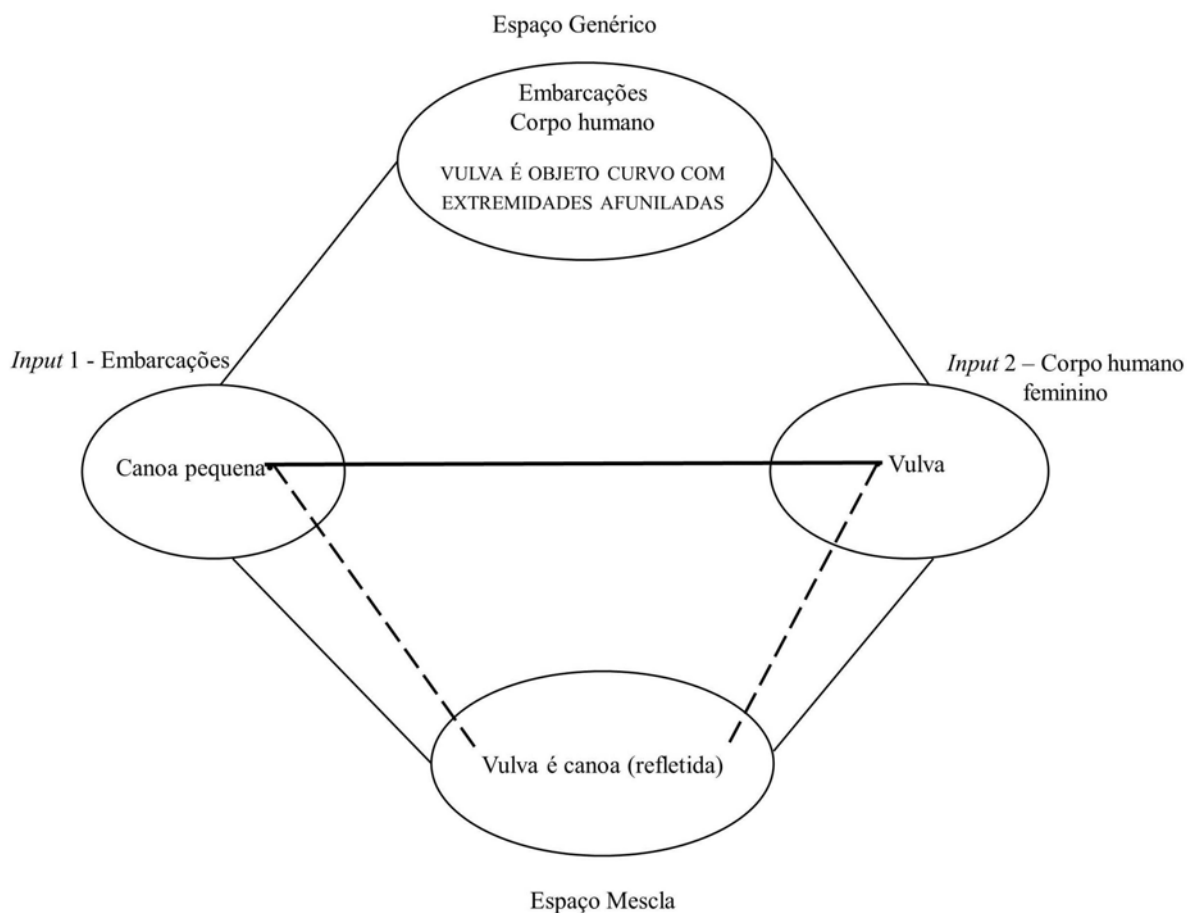
O *input* 1 é aberto pela representação do conhecimento sobre embarcações, que, no caso da narrativa, trata-se de uma canoa pequena. Ligado a esse *input*, dada a comparação implícita, tem-se o espaço de entrada em que se faz o acesso ao corpo humano feminino, restringindo-se, metonimicamente, à vulva, dado que a vulva é o que identifica a canoa refletida.

A relação que se estabelece entre os espaços de entrada fundamenta-se no conhecimento convencionalizado de que discorrer sobre a vulva é perpassar pelo âmbito do tabu linguístico e que, nesse processo, existem formas de contornar a restrição vocabular, utilizando-se de comparações que se pautem em uma relação de IDENTIDADE. Assim sendo, trata-se de uma base metafórica que assegura a identificação de um grau mínimo de SEMELHANÇA conceitual entre estruturas. Nesse caso, o objeto curvo com extremidades afuniladas da canoa permite a associação contrafactual dessas características à vulva.

O espaço mescla herda, das projeções estabelecidas entre os *inputs*, os elementos concernentes ao formato da canoa e da vulva, os quais dão origem à nova significação. Com o clímax ao fim da piada, muda-se o cenário ativado inicialmente referente a PEQUENAS EMBARCAÇÕES e aciona-se o *frame* relativo a ÓRGÃO SEXUAL FEMININO, viabilizando o entendimento de que a canoa é, na verdade, a vulva. Essa mudança de *frames* ocorre no fim da piada, com o remate evidenciado pela expressão “Tá vendo que isso não é canoa, isso aí é reflexo”, a qual viabiliza a reanálise pragmática da mudança de *frames* e, conseqüentemente, a constituição do efeito cômico da piada.

Na Figura (12), é apresentada a rede de integração conceptual da piada 3(3).

Figura 12 – Rede de integração conceptual da piada 3(3)



Fonte: A autora, 2017.

A conceptualização da piada 3(3) envolve as relações vitais de ANALOGIA entre os *inputs*, comprimida na mescla em IDENTIDADE, tendo em vista os aspectos baseados na SEMELHANÇA em que ambos os domínios se fundem em prol na nova significação. Além disso, tem-se a REPRESENTAÇÃO da vulva em termos de objetos curvos e a descompressão da analogia firmada sobre a canoa. Isto é, por DESANALOGIA, aciona-se o *frame* de órgão sexual feminino.

3.2. Piada 4(3)

Indícios de que Marta Suplicy foi um #pau em outras vidas:

Ela diz: “Relaxa e goza”

<https://twitter.com/piadasdopau/status/4793814304>

Último acesso em 10/05/2016

Os padrões de interpretação da piada 4(3) enumeraram-se da seguinte forma: (a) na inferência dos informantes de que a piada retrata o vocábulo “pau” como pênis; (b) na associação do mote da piada à expressão “relaxa e goza”, referindo-se ao gozo de quando se está relaxado sexualmente (sem mencionar a relação desse estado de satisfação ao órgão sexual masculino); e (c) na dedução de que o humor está na expressão “relaxa e goza, referindo-se a Marta Suplicy como sexóloga.

Na Tabela (16), apresenta-se o resumo dos dados mencionados.

Tabela 16 - Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – piada 4(3)

Padrão	Nº de informantes	(%)
(a)	8/14	57%
(b)	3/14	21%
(c)	2/14	14%
Excluídas	1/14	7%

Fonte: A autora, 2017.

Embora a análise da piada de número 4(3) convirja para o padrão de interpretação (a), ratifica-se a hipótese aventada em outras análises de que, para a interpretação do padrão de interpretação (b), possivelmente houve o acionamento do *frame* relativo a ÓRGÃO SEXUAL MASCULINO, mesmo que tenha ocorrido, por parte dos colaboradores, a prevalência por não sinalar essa informação. Alguns aspectos mais específicos do padrão de leitura (b) serão utilizados na análise, sem comprometer a proposição desta pesquisa de utilizar o padrão mais selecionado.

Apesar de ser muito concisa, a piada de número 4(3) demanda um processo com muitas conexões entre os elementos que compõem os *inputs*. Conforme já sinalizado na piada de número 5(1), a complexidade surge da necessidade de um conhecimento prévio sobre quem é Marta Suplicy e em qual contexto a respectiva frase foi proferida. Sem esse conhecimento prévio, a compreensão da razão de ela ter sido um “pau” em outras vidas pode não se constituir. Consequentemente, a função dessa sentença para o desenvolvimento do humor estaria comprometida.

À guisa de esclarecimento, a frase foi declarada em 2007, após o lançamento de Plano Nacional do Turismo, quando ocorria uma crise nos aeroportos. Marta Suplicy, além de

sexóloga por formação, na época, era ministra do Turismo e justificou a sua declaração com uma alusão ao prazer com o qual os consumidores usufruiriam dos aeroportos após o investimento de mais de R\$900 milhões na área.

No que tange à piada, convém pontuar que a palavra “pau”, isoladamente, pode remeter a inúmeras situações, sem, necessariamente, se referir ao órgão sexual masculino. Além disso, legitima-se a premissa aqui assumida de que o vocábulo “pau” internalizou-se socialmente como uma alusão ao pênis, atribuindo-lhe o duplo sentido por meio de uma palavra ou expressão sinalizada a partir do *frame* relativo a ÓRGÃO SEXUAL MASCULINO. Assim, o acionamento de rotinas cognitivas para a conceptualização da piada 4(3) ocorre no ápice da narrativa, com o efeito *punchline* expresso no fragmento “Ela diz relaxa e goza”. O *frame* de ÓRGÃO SEXUAL MASCULINO é requerido e a palavra ‘pau’ passa a assumir o papel daquilo que desempenha a função da genitália do homem.

Reafirma-se, também, a recursividade como um atributo intrínseco à mesclagem. Uma vez que o vocábulo tornou-se reconhecível de forma instantânea, pode-se afirmar que o processamento da integração conceptual já ocorreu em algum momento das experiências vitais do falante e pode ser acionada quando houver a intenção de associação. Posto isso, no processo de conceptualização da piada de número 4(3), a relação contrafactual que se estabelece entre “pau”, oriundo da madeira, e “pau” como pênis origina-se por meio de conectores de IDENTIDADE nos *inputs*, em que a verticalidade de ambos se funde com vistas à emergência do novo significado.

Apesar da extensão curta da narrativa, muitas ligações são estabelecidas para que ocorra a reanálise pragmática da mudança de *frames* e, conseqüentemente, a constituição do humor. Para que a intenção comunicativa da piada se estabeleça, abre-se, no espaço mental do *input* 1, o conhecimento sobre a figura de Marta Suplicy e o papel exercido por ela profissional e politicamente. Esse *input* estabelece, de forma mais direta, uma relação de contraparte com o *input* 2, no qual se incluem os atos profissionais envolvidos na compressão da piada.

No *input* 3, abarca-se a informação concernente a encarnações, em cujas compressões se estabelecem os papéis sociais, cada um em seus respectivos espaços temporais. O *input* 4 é o espaço mental que abarca a informação concernente ao órgão sexual masculino, em que “pênis” é entendido convencionalmente em termos de “pau”. A relação que se consolida entre esses espaços é resultado das relações vitais de TEMPO, isto é, a mesma entidade encarna em tempos distintos, e como diferentes entidades socialmente encarnadas.

É nesse sentido que a relação vital de MUDANÇA opera na alteração dessas entidades no decorrer do tempo: Marta Suplicy, ministra do Turismo e sexóloga por formação no ano em que a frase foi proferida, e um pau (pênis) em vidas passadas. Além disso, os elementos projetados dos *inputs* resultam na ideia de que Marta Suplicy foi um pau em outras vidas por dizer “relaxa e goza”, delineando uma relação de CAUSA-EFEITO. As duas entidades, expressas em Marta Suplicy e no pau (pênis), demandam da relação vital de PAPEL-VALOR, em que Marta Suplicy é o VALOR para o PAPEL de política.

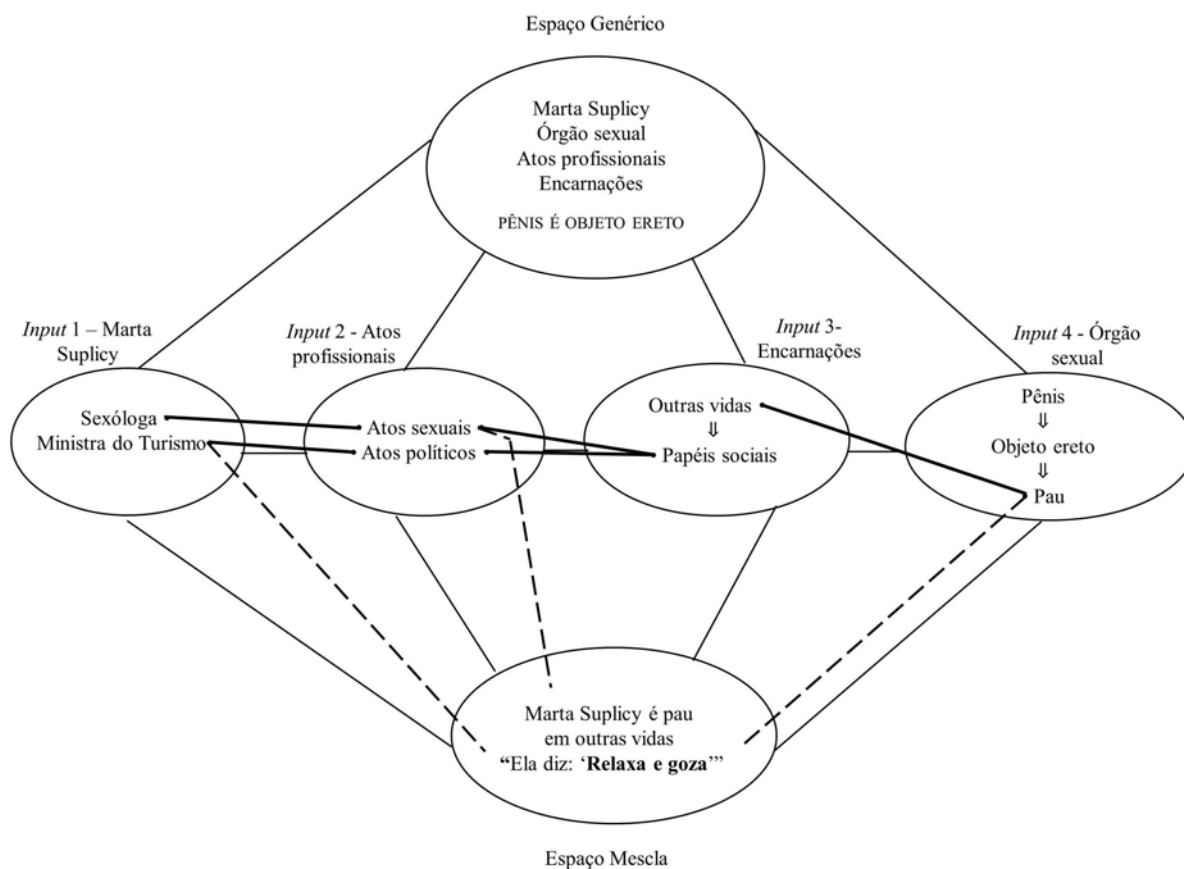
A conceptualização da piada 4(3) torna-se possível devido ao conhecimento convencionalizado de que a referência ao pênis revela-se como um objeto de tabu, podendo ser contornado por meio de instrumentos que mantenham alguma relação de SEMELHANÇA, que, no caso, é a configuração ereta. Uma vez que o vocábulo “pau” tornou-se reconhecível de forma instantânea, pode-se afirmar que o processamento da integração conceptual já ocorreu em algum momento das experiências vitais do falante, podendo ser acionado sempre que o contexto demandar.

Dadas as projeções estabelecidas entre os espaços de entrada, lança-se, para o espaço mescla, a informação que serve como gatilho para a mudança de *frames*. A reintegração de um novo cenário ocorre por meio da expressão “Relaxa e goza”, que desencadeia do efeito *punchline*. Sendo assim, todo o conhecimento de experiências cognitivas é acionado automaticamente para a reanálise pragmática e para o estabelecimento da coerência da piada, mesmo se tratando da integração de estruturas distintas. Trata-se de uma rede de escopo múltiplo, visto que todos os *inputs* fornecem elementos para a emergência da mescla. Como ocorre em todas as redes de integração, o espaço genérico mantém acessível toda a informação dos espaços de entrada.

Salienta-se que a relação contrafactual em que se constitui a analogia da piada de número 4(3) pauta-se, em grande escala, nas metáforas conceptuais PESSOAS SÃO OBJETOS (ERETOS), CORPOS HUMANOS SÃO OBJETOS (ERETOS) e PARTES DO CORPO HUMANO SÃO OBJETOS (ERETOS). Essas metáforas estruturam, metonimicamente, a ideia de que o pênis, em condição de atividade sexual, mantém-se em uma condição apumada da mesma maneira em que as pessoas se movimentam no espaço, de forma ereta.

Apresenta-se, na Figura (13), a rede de integração para a construção de sentidos da piada 4(3).

Figura 13 - Rede de integração conceptual da piada 4(3)



Fonte: A autora, 2017.

Pelo exposto, convém salientar as peculiaridades no processamento da mesclagem na piada de número 5(1) e desta piada. Apesar de ambas terem basicamente as mesmas relações vitais, tendo em vista as mesmas entidades relacionadas, a informação projetada dos *inputs* individualiza o sentido final que emerge em cada espaço mescla. Isso ocorre porque, comparando-se as duas piadas, nem todos os componentes dos espaços de entrada dispõem de características equivalentes.

Na piada 5(1), por exemplo, o formato rijo, expresso em “ela nunca amolece” é o elemento interventor da analogia existente entre um pau extraído da madeira e um pau remetendo a um pênis. Ela foi um pau em outras vidas por partilhar as semelhanças concretas do pau (madeira), em seu caráter endurecido. Essa característica passa a figurar a postura rígida de Marta Suplicy na qualidade de política. Além disso, pelo referido excerto, supõe-se a condição aprumada do pênis como permanente, e não como uma circunstância para o ato sexual. Essa informação não está em nenhum dos espaços de *input*, configurando-se como uma informação nova no processo de conceptualização da piada.

Já na piada de número 4(3), Marta Suplicy foi um pau em outras vidas simplesmente por dizer (a outrem) “relaxa e goza”. Mesmo sem partilhar aspectos símiles, a configuração

das atividades exercidas por um pau de relaxar e gozar – que não são atividades exercidas por ela, mas ditas – recai sobre a sua atuação política. Ela foi um pênis por proferir as atividades do órgão sexual masculino em seu desempenho sexual. Dessa forma, tem-se a informação nova contida no espaço mescla.

3.3.5 Piada 5(3)

Um casal namorava na sala da casa, enquanto a mãe da moça, na cozinha, preparava uns croquetes para eles. Tão logo terminou de fritá-los, os chamou para experimentar.

O rapaz logo que deu o primeiro bocado, já foi logo elogiando:

- Hum, que delícia! É de bacalhau!

Ao que a mãe da moça logo censurou:

- Que bacalhau, que nada rapaz. É de carne. Vá lavar sua mão!

http://www.sergeicartoons.com/croquete_cheiroso.htm

Último acesso em 03/05/2016

Na piada de número 5(3), observaram-se as seguintes nuances nos padrões de interpretação dos informantes: (a) a conclusão de que a piada retrata o bacalhau como a vulva, tendo em vista o suposto mau cheiro de ambos; (b) a associação do sabor do bacalhau a atos sexuais (sem relacionar explicitamente à vulva); e (c) a inferência de que o bacalhau remete à namorada (sem qualquer menção ao órgão sexual feminino).

A Tabela (17) sintetiza o quantitativo dos referidos padrões.

Tabela 17 – Totalização dos sentidos observados nas interpretações dos informantes – Piada 5(3)

Padrão	Nº de informantes	(%)
(a)	8/14	57%
(b)	3/14	21%
(c)	2/14	14%
Excluídas	1/14	7%

Fonte: A autora, 2017.

Apesar das pequenas gradações nos padrões de interpretação, a análise da piada de número 5(3) centraliza-se no padrão de interpretação (a), em conformidade com a proposição desta análise, tendo em vista a associação do bacalhau à vulva. Essa justaposição entre estruturas supostamente incongruentes, integradas pelo acionamento do *frame* de ÓRGÃOS

SEXUAIS, parece se manifestar, também, no padrão de interpretação (c), embora a prevalência por não mencionar a relação com a vulva tenha sido acautelada.

No que tange à produção de sentidos da piada 5(3), afirma-se que o conhecimento de mundo sobre características relacionadas ao cheiro do animal é o elemento gatilho no processo de conceptualização da piada. Isso porque o entendimento da narrativa jocosa pauta-se em uma ideia implícita, amplamente difundida na comunidade linguística, de que o órgão sexual feminino pode ser conceptualizado em termos de animais que exalam mau cheiro. Trata-se de um conceito convencionalizado socialmente e estruturado pela metáfora do pensamento PARTE DO CORPO HUMANO É ANIMAL em que o domínio alvo CORPO HUMANO é compreendido em termos do domínio fonte ANIMAL.

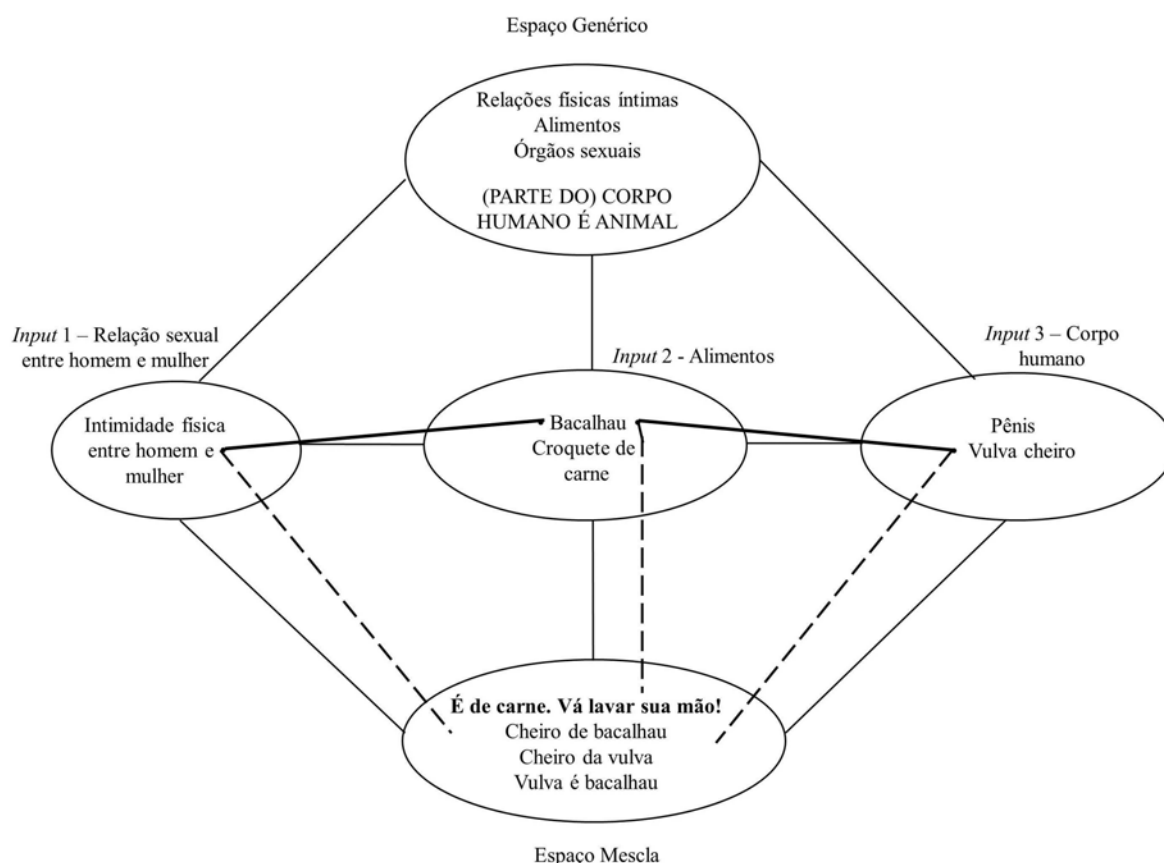
Dessa forma, o humor da piada constitui-se pelo acionamento do *frame* de alimentos em que, inicialmente, infere-se que o sabor do croquete seja o de bacalhau, dado o comentário do rapaz. Esse cenário é automaticamente quebrado, na última sentença, em que a mãe da moça diz que o croquete é, na verdade, de carne. A alteração de *frames* processa-se por conta do espaço de entrada acionado na introdução da piada em que a imagem mental de namoro é ativada. Com o elemento final da sequência da piada, isto é, o efeito *punchline* ao fim da narrativa, evoca-se esse conceito internalizado de modo a alterar o enquadre inicial. Isto é, só é possível romper com a ideia de que o croquete era de bacalhau por conta da relação carnal evidenciada no início da narrativa. Essa alteração torna-se possível devido à reanálise pragmática que restabelece a coerência da mensagem e constitui o humor a partir da associação.

A rede de integração conceptual da piada de número 5(3) apresenta, no *input* 1, o conhecimento concernente à intimidade física entre homem e mulher, ligando-se ao *input* 2, que ativa o *frame* relativo a alimentos, em que os sabores de “bacalhau” e de “carne” são acionados. O *input* 3 é concebido pelo conhecimento do corpo humano feminino e masculino, em que, metonimicamente, acessam-se as partes do pênis e da vulva por meio da relação vital de PARTE-TODO. Esse espaço mental é constituído pelo conhecimento convencionalizado subjacente à construção de sentido de que a palavra “vulva” se trata de uma referência atingida por tabu e, portanto, passível de ser contornada por meio de vocábulos não restritos moralmente. O *input* 3 liga-se diretamente à informação sobre “bacalhau” contida no *input* 2, estabelecendo contraparte com a informação sobre a vulva por incluir a base metafórica que assegura a identificação de um grau mínimo de SEMELHANÇA conceptual entre estruturas, que, nesse caso, se trata do odor de ambos.

As projeções dos *inputs* lançam para o espaço mescla a informação obtida do remate da narrativa, ao fim da piada. Com a informação de que o gosto do croquete é, na verdade, de carne, minimiza-se o cenário idealizado de que o croquete é de bacalhau para maximizar a nova significação. Isso ocorre por meio da substituição de *frames*, que altera a perspectiva do que está sendo relacionado à vulva: o gosto do suposto bacalhau converte-se, na mescla, à genitália feminina, em decorrência de seu cheiro, e não ao seu sabor propriamente dito.

Tendo isso em vista, apresenta-se, na Figura (14), a rede de integração para a conceptualização da piada 5(3).

Figura 14 – Rede de integração conceptual da piada 5(3)



Fonte: A autora, 2017.

Outras relações vitais que viabilizam o entendimento da piada de número 5(3) são a ANALOGIA, por meio da qual se ligam as contrapartes experienciadas com ambos os domínios, e a DESANALOGIA, em que se baseia o cancelamento do enquadre ativado inicialmente de que o sabor do croquete era de bacalhau. Por outro lado, para que se mantenha a intenção comunicativa da piada, mantém-se o conceito internalizado de que o bacalhau, por REPRESENTAÇÃO, pode designar o órgão sexual feminino.

Concluída a análise das piadas, passa-se à conclusão deste estudo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob a ótica da Linguística Cognitiva, este estudo apresentou uma análise semântico-cognitiva da integração conceptual no processamento de piadas que promovem o acesso a nomes populares de órgãos sexuais do corpo humano, versando, especificamente, sobre os nomes que designam a vulva e o pênis. A proposta pautou-se na ideia de que há uma ponderação de cunho moral que impede que os termos anatômicos (vulva e pênis) sejam proferidos de forma natural em uma comunidade linguística. Dessa forma, sustenta-se a ideia de que a terminologia técnica se trata de um tabu linguístico passível de ser contornado por meio de comparações esdrúxulas expressas na integração de estruturas distintas, as quais são responsáveis por suscitar o humor da piada.

Para a constituição do *corpus* de análise, optou-se pelo gênero piada em que não houvesse, na narrativa, a menção direta à terminologia técnica. A escolha do *corpus* em questão respaldou-se na ideia de que as piadas demandam um determinado gatilho de rotinas cognitivas para que possa haver o seu entendimento efetivo. Assim, nas narrativas que visam à risibilidade, os falantes demonstram uma habilidade imaginativa para ir além do que o cenário típico, inicialmente ativado, fornece, resultando na construção de significados criativos não convencionais. Isso se deve ao processo de mudança de *frames* (COULSON, 2001), em que uma nova cena é acionada mentalmente para efetuar uma reanálise da informação ativada, viabilizando o processo de inferências do ouvinte/leitor das piadas. Seguindo essa perspectiva, pretendeu-se observar como as narrativas que direcionam para o efeito cômico ativam mentalmente os nomes metafóricos dados à vulva e ao pênis.

Por meio da teoria adotada, em consonância com a escolha metodológica para o tratamento dos dados, observou-se que a integração conceptual é um fenômeno que conecta diversos processos cognitivos que propiciam a habilidade humanamente imaginativa de se contornar o tabu de forma criativa. Além disso, percebeu-se que a utilização de designações não anatômicas para os órgãos sexuais, de ordem metonímico-metafórica, expressa uma regularidade desses processos cognitivos na associação de objetos concretos aos órgãos sexuais, passando a uma natureza abstrata. Esse fato ratifica a ideia basilar, nos estudos em LC, de que os conceitos de base metafórica constituem-se a partir das experiências contínuas do corpo no espaço.

No tocante à proibição discursiva, entende-se que nomear os objetos atingidos por tabu não é uma tarefa fácil, levando-se em conta a ordem cultural, ideológica e moral que

motiva a interdição vocabular. Além disso, embora as associações mentais que se prestam para designá-los ocorram de forma automática, tem-se um emaranhado de relações complexas que intercorrem nos bastidores da cognição.

A esse respeito, salienta-se que a conceptualização das piadas requer o acionamento do conhecimento internalizado referente às designações atingidas por tabus moral, sendo passível de ser contornado por meio de recursos diversos. Dentre esses recursos, destaca-se a mesclagem conceptual, a qual é responsável pela integração de conceitos internalizados socialmente com vistas a um novo significado.

Percebeu-se que, nesse contexto, as redes de integração conceptual de escopo duplo e de escopo múltiplo se mostram recorrentes na conceptualização de piadas com acesso a nomes populares dados a órgãos sexuais. Nessa configuração, abrem-se *frames* distintos para os inputs constituintes, em que os elementos de dois ou mais *frames* constituem a mescla.

Acrescenta-se que as relações vitais que se estabelecem, especificamente, nas designações metafóricas dadas aos órgãos sexuais, hipotetizadas nesta análise como formas de se evitar a palavra tabuizada, ocorrem de forma relativamente estável. Em todas as piadas submetidas à análise, observou-se a ativação recorrente das seguintes relações: (i) REPRESENTAÇÃO, tendo em vista a relação de uma entidade que representa o órgão sexual; e (ii) ANALOGIA, comprimida na mescla em IDENTIDADE, dado que a nova significação enquadra as identidades das estruturas precedentes e, por conta, disso são análogas.

Já as relações de CAUSA-EFEITO, DESANALOGIA, PAPEL-VALOR e PARTE-TODO atuam majoritariamente no âmbito discursivo-pragmático, isto é, são relações vitais que auxiliam no contexto em que os nomes estão inseridos. Dito de outra forma, essas relações são mais gerais e operam no entendimento da situação, e não estritamente na designação em si.

Nesse sentido, observou-se que o duplo sentido na nomenclatura popular das partes erógenas do corpo humano envolve a ativação simultânea de *frames* distintos: um concernente ao conteúdo acionado no cenário inicial e outro alusivo ao órgão sexual. O leitor/ouvinte da piada comprime e descomprime, em ANALOGIA e DESANALOGIA, os objetos que se integram por meio de identidades semelhantes. Na conceptualização das piadas analisadas, esse acionamento simultâneo pode ocorrer desde o início da piada, dado o monitoramento que é feito convencionalmente em narrativas jocosas. Porém, uma palavra ou expressão da narrativa pode servir como gatilho para a mudança de *frames*, viabilizando a reanálise pragmática da piada e confirmando enquadramento dessas estruturas.

Em vista do que foi produzido, considera-se que esta pesquisa atingiu os objetivos propostos, uma vez que foi possível verificar como o processamento da mesclagem

conceptual possibilita a construção de sentidos de piadas com acesso a nomes populares dados à vulva e ao pênis. Dessa forma, consideram-se confirmadas as hipóteses aventadas de que (i) o processamento da mesclagem propicia a unicidade de diversos processos cognitivos que expõem a criatividade no raciocínio ao se contornar palavras atingidas por tabu; e (ii) alguns desses processos cognitivos, quando ativado o *frame* relativo a ÓRGÃOS SEXUAIS, repetem-se de forma relativamente estável, a exemplo das relações/compressões vitais mencionadas anteriormente.

Espera-se que, nos desdobramentos desta pesquisa, questões não exploradas neste estudo – tais como a inclusão dos nomes dados aos seios, testículos e ânus; o caráter polissêmico dos nomes populares dados aos órgãos sexuais; os aspectos semasiológicos e/ou onomasiológicos desses dados; e a relação entre os significados das formas linguísticas tabuizadas e a natureza enciclopédica/ motivada dessas formas – sejam abordadas oportunamente e de forma profícua para a área.

No mais, no que tange aos estudos sobre tabu à luz da Linguística Cognitiva, acendeu-se uma lanterna de popa.

REFERÊNCIAS

- ABRAÇADO, J.; SALOMÃO, M.M. Entrevista com Maria Margarida Martins Salomão sobre a linguística cognitiva e suas relações com outras ciências. *Cadernos de Letras da UFF*, v. 41, p. 15-25, 2010.
- AUGRAS, M. *O que é tabu*. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- BERGSON, H. *O riso: ensaio sobre a significação do cômico*. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.
- BERNARDO, S. Metáfora e metonímia em expressões cotidianas. In: ALVARO, P.; FERRARI, L. (Org.). *Linguística cognitiva: da linguagem aos bastidores da mente*. Campos dos Goytacazes, RJ: Brasil Multicultural, 2016. p. 157-175.
- BRUGMAN, C. *Story of over*. 1981. 220 p. Dissertação (Mestrado) - University of California, Berkeley, 1981.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. *Cognitive linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- COULSON, S. *Semantic leaps: Frame-Shifting and Conceptual Blending in Meaning Construction*. New York: Cambridge University Press, 2001a.
- _____; Kutas, M. *Getting it: human event-related brain response to jokes in good and poor comprehenders*. *Neuroscience Letters*, p. 71-74, 2001b.
- _____. *What's so funny: conceptual blending in humorous examples*, 2003. Disponível em: <<http://cogsci.ucsd.edu/~coulson/index.html>>. Acesso em: 06 set. 2016.
- _____. Conceptual blending in thought, rhetoric, and ideology. In: KRISTIENSEN, G.; DIRVEN, R. (Ed.). *Cognitive linguistics: current applications and future perspectives*. Amsterdam: John H. Benjamins, 2006. p. 187-210.
- EVANS, V. *A Glossary of cognitive linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.
- _____; GREEN, M. *Cognitive linguistics, an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- _____; BERGEN, B; ZINKEN, J. The cognitive linguistics enterprise: an overview. In: _____. *The cognitive linguistics reader*. Equinox Publishing Ltd, 2007.
- FAUCONNIER, G. *Mental Spaces*. New York: Cambridge University Press, 1994.
- _____. *Mapping in thought and language*. New York: Cambridge University Press, 1997.
- _____. Mental spaces. In: THE OXFORD HANDBOOK OF COGNITIVE LINGUISTICS. Oxford: Oxford University Press, 2007.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. *The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities*. New York: Basis Books, 2002.

FERRARI, L. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FILLMORE, C. J. An alternative to checklist theories of meaning. In: ANNUAL MEETING OF THE BERKELEY LINGUISTICS SOCIETY, 1., 1975. *Proceedings...* Berkeley, 1975. p. 123–131.

_____. *Syntactic intrusions and the notion of grammatical construction*. Berkeley Linguistic Society, 1985. p. 73–86.

_____. Frame Semantics. In: *Linguistics in the Morning Calm*, Linguistic Society of Korea (Ed.). Seoul: Hanshin, 1982. p. 111–137.

_____. Frame Semantics. In: GEERAERTS, D., (Ed.) *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin ; New York: Mouton de Gruyter. 2006. p. 373-400.

GEERAERTS, D. (Ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin / New York: Mouton de Gruyter, 2006.

_____; CUYCKENS, H. Introducing cognitive linguistics. In: GEERAERTS, R; CUYCKENS, H. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford University Press, 2007. p. 351-376

GIBBS, R; LIMA, P; FRANCOZO, E. *Metaphor is grounded in embodied experience*. *Journal of pragmatics*, n.36, p. 1189-1210. 2004.

GIGA DICAS. Site de conteúdo humorístico. <<http://gigadicas.com/pt/piadas/p/piada-41>>. Acesso em: 10 maio 2016

GUÉRIOS, R. *Tabus linguísticos*. 2.ed. Nacional. Curitiba: Ed. da Universidade Federal do Paraná, 1979.

HUMORTADELA. Site de conteúdo humorístico. <<http://beta788.humortadela.com.br/piadas-texto/45558>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

JOHNSON, M. *The Body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination and reason*. Chicago: University of Chicago Press, 1987.

KÖVECSES, Z. *Metaphor in culture: universality and variation*. New York: Cambridge University Press, 2005.

_____. *Language, mind and culture: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2006.

_____. *Metaphor: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2010.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things. What categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

_____; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University Chicago Press, 1980.

LANGACKER, R. *Concept, image and symbol: the cognitive basis of grammar*. Mouton De Gryter, 1994.

OS VIGARISTAS. Site de conteúdo humorístico. <<http://www.osvigaristas.com.br/charadas/portugues/>>. Acesso em: 03 maio 2016.

OS VIGARISTAS. Site de conteúdo humorístico. <<http://www.osvigaristas.com.br/piadas/indios/>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

PIADAS. Site de conteúdo humorístico. <<http://www.piadas.com.br/piadas/gauchos/tche-quevara>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

PIADAS CURTAS. Site de conteúdo humorístico. Disponível em: <<http://www.piadascurtas.com.br/problema-de-pau/>>. Acesso em: 02 maio 2016.

PIADAS CURTAS. Site de conteúdo humorístico. <<http://www.piadascurtas.com.br/mandioca-do-marido/>>. Acesso em: 02 maio 2016.

PIADAS CURTAS. Site de conteúdo humorístico. <<http://www.piadascurtas.com.br/amijada>>. Acesso em: 03 maio 2016

PIADAS CURTAS. Site de conteúdo humorístico. <<http://www.piadascurtas.com.br/motoqueiro/>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

PIADAS ONLINE. Site de conteúdo humorístico. <<http://www.piadasonline.com.br/MostraPiadas.asp?Peru>>. Acesso em: 02 maio 2016.

PORTAL DO HUMOR. Site de conteúdo humorístico. <<http://www.portaldohumor.com.br/cont/piadas/591/Corte-Transsexual.html>>. Acesso em: 02 maio 2016.

POSSENTI, S. O humor e a língua. *Ciência hoje*. Rio de Janeiro, v. 30, n.176, p. 72-74, 2001.

PRETI, D. *A linguagem proibida: um estudo sobre a linguagem erótica*. São Paulo: LPB, 2010.

RODRIGUES, J.C. *Tabu do corpo*. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; 2006.

SALOMÃO, M. M. M. Lanterna de proa: sobre a tradição recente nos estudos de lingüística. *Gragoatá*, Niterói, n. 23, p.52, Editora da UFJF, 2007.

SARDINHA, Tony Beber. *Metáforas*. São Paulo: Parábola, 2007.

SCHOLNICK, E. ; MILLER, P. Uncovering the body in conceptual development: a feminist perspective. In: OVERTON, W.; MÜLLER, U.; NEWMAN, J. *Developmental perspectives on embodiment and consciousness*. Taylor & Francis Group, LLC : 2008. p. 247-279.

SERGEI CARTOONS. Site de conteúdo humorístico. <http://www.sergeicartoons.com/perereca_18335.htm>. Acesso em: 03 maio 2016.

SERGEI CARTOONS. Site de conteúdo humorístico. <http://www.sergeicartoons.com/croquete_cheiroso.htm>. Acesso em: 03 maio 2016

SERGEI CARTOONS. Site de conteúdo humorístico. <<http://www.sergeicartoons.com/piroca.htm>>. Acesso em: 28 ago. 2016.

SERGEI CATOONS. Site de conteúdo humorístico. <http://www.sergeicartoons.com/a_viuva_36986.htm >. Acesso em: 28 ago. 2016.

TALMY, L. Foreword. IN: GONZALEZ-MARQUEZ, M. *et al. Methods in cognitive linguistics*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2007.

TURNER, M. *The literacy mind*. Oxford: Oxford University Press, 1996.

TWITTER. Rede social. <<https://twitter.com/piadasdopau/status/4793814304>>. Acesso em: 10 maio 2016

TWITTER. Rede social. <<https://twitter.com/piadasdopau/status/4793797906>>. Acesso em: 10 maio 2016

ULLMANN, S. Semantic universals. In: GREENBERG, J. *Universals in language*. Massachusetts: MIT Press, 1966.

APÊNDICE A – Formulário para seleção dos nomes

Pesquisa sobre os nomes populares dados aos órgãos sexuais.

Caros colaboradores,
Buscamos, por meio deste formulário, coletar os nomes populares dados aos órgãos sexuais que estão em circulação. As informações obtidas serão utilizadas em um estudo sobre Semântica, desenvolvido por Patrícia Oliveira de Freitas, sob a orientação de Sandra Bernardo, no Mestrado em Linguística da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Os nomes e quaisquer informações que possam identificar os colaboradores que responderem ao questionário serão mantidos em sigilo. Apenas o levantamento dos termos será divulgado para fins acadêmicos, publicados e/ou apresentados em canais e eventos próprios desse meio. Agradecemos a sua contribuição e participação nesta etapa.

***Obrigatório**

Seu Nome

Quais nomes dados à VULVA você conhece? *

- A casa de todos os pintos
- A dois dedos do cú
- Abceta
- Abocanha-caralho
- Abridor de caralho
- Aeroporto
- Aeroporto de quibe
- Aeroporto do caralho
- Afogador de ganso
- Afoga-ganso
- Afoga-rola
- África
- Agasalha-biscoito
- Agasalhador de croquete
- Apertadinha
- Aranha
- Área vip
- Arrombada
- Aveludada
- Babaca
- Bacalhau
- Bacurinha
- Banco de esperma
- Banguela
- Barata
- Barba do bin laden
- Beição
- Beiço /beißola e derivados
- Bigodinho
- Boceta (ou Buceta)
- Boceta amiga (o contrário de Pau Amigo)
- Borboleta
- Buça
- Buçanha
- Buraco da serpente/cobra
- Cabaça

- Cabaça
- Cabeluda
- Cachuleta
- Caixa dos prazeres
- Capô de fusca
- Carne mijanda
- Casa do caralho
- Catchanga
- Caverna/
- Chapeleira
- Chapoca
- Desejada
- Dita cuja
- Engole espada
- Engole pau/pica
- Enroladora de croquete
- Esfirra
- Esfoladora da cabeça do caralho
- Esfolo-pinto
- Fenda
- Flor da mulher
- Floresta amazônica
- Fruto proibido
- Garagem da frente
- Garagem de piroca
- Gulosinha
- Hamburguer
- Joia
- Lábios
- Levanta astral
- Lindinha
- Lixa pica
- Luvinha
- Marisco
- Massa folhada
- Meio de vida
- Nhanha
- Ninho de rola
- Nugget de peixe
- Ostrinha
- Pamonha
- Papa duro
- Parque de diversões
- Passarinha
- Pastel de cabelo
- Pata de camelo
- Peludinha
- Pepeca
- Perereca
- Periquita
- Perseguida
- Pimpolha
- Pixoca
- Piychulinha
- Pombinha

- Pombinha
- Popoca
- Prexeca
- Procurada
- Quebra pinto
- Quintinha
- Racha
- Rachada
- Repartida
- Rua sem saída
- Saída de filho da puta
- Sirica concha
- Sonho recheado
- Suvaco de coxa
- Tabaca
- Tarantula
- Tartamana
- Tchaca
- Tcheca
- Tchonga
- Tchutchuca
- Tesouro de pobre
- Testador de batina
- Testão
- Tixé
- Toca do amor
- Toioba
- Tomate seco
- Tomba-macho
- Travesseirinho
- Triângulo
- Túnel cheiroso
- Vagina
- Velcro suadinha
- Xampola
- Xana
- Xandoca
- Xavasca (ou chavasca)
- Xereca
- Ximbica
- Xota
- Xoxota
- Outro:

Quais nomes dados ao PÊNIS você conhece? *

- Aço
- Alavanca de Arquimedes
- Alexandre, o grande
- Anaconda
- Aparelho
- Arma
- Badalo
- Baguete
- Banana
- Benga
- Bengala

- Berimbau
- Berinjela
- Bigorna
- Bilau
- Bimba
- Bingola
- Bitola
- Brachola
- Bráulio
- Broca
- Cabo
- Cacete
- Caibro
- Cambão
- Canivete
- Cano
- Canudo
- Caralho
- Careca
- Carimbo
- Catso
- Cenoura
- Chouriço
- Cilindro
- Cobra caolha
- Dedo sem unha
- Espada
- Espeto
- Espeto de Nervo
- Espiga
- Estaca
- Estrovenga
- Falo
- Fedegoso
- Ferramenta
- Ferro
- Flauta
- Fumo
- Furadeira
- Ganso
- Gigante adormecido
- Giroba/Giromba
- Instrumento
- Jeba
- João sem braço
- Jurubeba
- Lenha
- Linguiça
- Mala
- Mandioca
- Mangalho
- Mangueira
- Manjeba
- Manjoba
- Manjolo
- Manjuba

- Manzapô
- Martelo
- Mastro
- Mastroço
- Membro
- Mijão
- Minhocão
- Morango com pescoço
- Nabo
- Negócio
- Nervo
- Palhaço
- Palito
- Passarinho
- Pau
- Pau de sebo
- Pé de mesa
- Peça
- Pepino
- Peru
- Pica
- Picolé de carne
- Pilão
- Pimba
- Pingola
- Pingolim
- Pinguêlo
- Pinto
- Pipi
- Piroca
- Pirulito
- Rola
- Salame
- Salsicha
- Sarrafo
- Socador
- Sucuri
- tampa-de-mulher
- Terceira Perna
- Toco
- Tora
- Pau Amigo
- Tripé
- Trolha
- Tromba
- Vara
- Veiúdo
- Vela
- Verga
- Viga
- Outro:

Quais nomes dados ao ÂNUS você conhece?

- Alargado
- Alvado

- Amarrotado
- Anel
- Anel de Couro
- Anel de honra
- Apertante
- Apito
- Apolônio
- Arandela
- Argola
- Aro
- As-de-Copas
- Assobieiro
- Asterisco
- Aureola
- Bagageiro
- Berba
- Besbelho
- Biu Biu
- Bobó
- Boca de velha
- Boca murcha
- Bocal
- Bocal da Tarraqueta
- Boga
- Bomba
- Boró
- Bosteiro
- Botão
- Brioco
- Brioso
- Brizu
- Brote
- Bubu
- Bufante
- Bugueiro
- Bundoca
- Buraco
- Buraco do Tatu
- Buraco negro
- Busanfã
- Butico
- Buzeco
- Buzigo
- Cagador
- Cagueiro
- Caixa
- Canal dois
- Cano de escape
- Canto escuro
- Chambica
- Cheiroso
- Chicote
- Cloaca
- Cofrinho
- Cu
- Disco

- Disco
- Entrada de Serviço
- Esfíncter
- Fedegoso
- Federal
- Fedorento
- Fiofó
- Forevis
- Fundo
- Fureco
- Furico
- Furo
- Lolo
- Máquina de picar bosta
- Moedor de carne
- Nó
- Olho cego
- Olho de porco
- Olho de tandera
- Olho de trás
- Olho do cu
- Olhota
- Onde o sol não bate
- Orifício
- Orintibó
- Parreco
- Peidante
- Piscante
- Porta dos fundos
- Rabada
- Rabiola
- Rabo
- Rebosteador
- Redondo
- Rego
- Reto
- Roela
- Rombo
- Rosca
- Roscofe
- Soprador
- Tarraqueta
- Terceiro olho
- Toba
- Traseiro
- Tuim
- Zero
- Outro:

Quais nomes dados aos TESTÍCULOS você conhece?

- Acessório
- Adorno
- Andujos
- Atributos
- Badameco

- Bagaço
- Bagos
- Balagandãs
- Boiotas
- Bolas
- Bolas de queixa
- Bolotas
- Brincos
- Cacho-de-coco
- Cacho-de-uva
- Cachos
- Cocos
- Colarinhos
- Colhão
- Coletes
- Cunhão
- Dependureza
- Fava
- Gamboa
- Gandolas
- Gorogojó
- Grãos
- Guizos
- Manicos
- Maniplo
- Manipulos
- Maracujá-de-cambada
- Marmelos
- Matutagem
- Maxixes
- Mermons
- Mochilas
- Mormões
- Oveiro
- Ovo
- Pacova
- Pelota
- Peras
- Quiba
- Quilebres
- Quimbas
- Quitos
- Saco
- Timbales
- Tomates
- Tomates do padre inácio
- Trapiá
- Trouxas
- Vasos
- Outro:

Quais nomes dados aos SEIOS você conhece?

- Abóboras
- Air-bag
- Bico

- Bitela
- Botão-rosa
- Busto
- Buzinas
- Colchão
- Cuscuz
- Dois vinténs numa meia
- Jeroma
- Leiteria
- Limões
- Lolôs
- Maçã
- Malacas
- Mamas
- Mamilos
- Mamões
- Maracujá de gaveta
- Marmelos
- Melancias
- Melões
- Mochilas
- Montes
- Muxibas
- Odrezinhos
- Pães-de-açúcar
- Pára-queadas
- Peitão
- Peitaria
- Pães-de-açúcar
- Pára-queadas
- Peitão
- Peitaria
- Peito
- Peito de pomba
- Pimpolhos
- Poma(s)
- Pomos
- Prateleiras
- Pudim
- Recheios
- Tetas
- Tetês
- Tetinhas
- Travesseiros
- Úbere
- Outro:

Enviar

Nunca envie senhas pelo Formulários Google.

APÊNDICE B – Teste interpretativo fornecido ao Grupo 1

GRUPO 1

ESCREVA SOBRE O QUE VOCÊ ENTENDEU DAS PIADAS APRESENTADAS EM SEGUIDA, CITANDO AS CONSTRUÇÕES OU PALAVRAS DETERMINANTES PARA TAL INTERPRETAÇÃO.

Piada 1

O Tribunal de Justiça recebeu o seguinte requerimento:

Esmeraldas, 5 de março de 2006.

Eu, Maria José Pau, gostaria de saber da possibilidade de se abolir o sobrenome Pau de meu nome, já que a presença do Pau me tem deixado embaraçada em várias situações.

Desde já antecipo agradecimento e peço deferimento.

Maria José Pau.

Em resposta, o Tribunal lhe enviou a seguinte mensagem padrão:

Cara Senhora Pau,

Sobre sua solicitação de remoção do Pau, gostaríamos de lhe dizer que a nova legislação permite a retirada do seu Pau, mas o processo é complicado. Se o Pau tiver sido adquirido após o casamento, a retirada é mais fácil, pois, afinal de contas, ninguém é obrigado a usar o Pau do marido se não quiser. Se o Pau for de seu pai, se torna mais difícil, pois o Pau a que nos referimos é de família e vem sendo usado por várias gerações. Se a senhora tiver irmãos ou irmãs, a retirada do Pau a tornaria diferente do resto da família. Cortar o Pau de seu pai pode ser algo que vá chateá-lo.

Outro problema, porém, está no fato de seu nome conter apenas nomes próprios, e poderá ficar esquisito caso não haja nada para colocar no lugar do Pau. Isso sem falar que, caso tenha sido adquirido com o casamento, as demais pessoas estranharão muito ao saber que a senhora não possui mais o Pau de seu marido.

Uma opção viável seria a troca da ordem dos nomes. Se a senhora colocar o Pau atrás da Maria e na frente do José, o Pau pode ser escondido, porque a senhora poderia assinar o seu nome como Maria P. José.

Nossa opinião é a de que esse preconceito contra este nome já acabou há muito tempo e que, já que a senhora já usou o Pau do seu marido por tanto tempo, não custa nada usá-lo um pouco mais. Eu mesmo possuo Pinto, sempre o usei e muito poucas vezes o Pinto me causou embaraços.

Atenciosamente,

Desembargador H. Romeu Pinto C. Bento

– Tribunal de Justiça – Brasília/DF

Piada 2

O cara entra na farmácia gritando:

- Me dê uma camisinha que hoje vou dar aquela transa!!!!!!

E o farmacêutico indignado com a presença de senhoras:

- Cuidado com a língua, rapaz!!!!

- Então me dê duas camisinhas!!!!

Piada 3

O que existe entre a Floresta Amazônica e a fábrica de leite?

O umbigo

Piada 4

De amigo para amigo recém-casado:

- Ou, quando a sua mulher tiver meia velha, fala para ela me dar.

O amigo recém-casado espanca o coitado e depois pede explicação.

-Por que você disse isso?

-Não entendi por que você me bateu. Eu só gosto de meia velha para por na cabeça.

Piada 5

Indícios de que Marta Suplicy foi um #pau em outras vidas:

Mesmo estando errada, ela nunca amolece.

APÊNDICE C – Teste interpretativo fornecido ao Grupo 2

GRUPO 2

ESCREVA SOBRE O QUE VOCÊ ENTENDEU DAS PIADAS APRESENTADAS EM SEGUIDA, CITANDO AS CONSTRUÇÕES OU PALAVRAS DETERMINANTES PARA TAL INTERPRETAÇÃO.

Piada 1

A mulher tinha uma perereca de estimação. Um dia a perereca morreu. A senhora ficou muito triste e disse:

- Vou embalsamar minha perereca!

Mas a perereca começou a feder e ela disse:

- Eu vou jogar esta perereca fora! e resolveu enterrar a perereca.

Botou a bichinha numa caixa de sapatos e foi para o cemitério de animais... de ônibus.

Ao entrar no ônibus, o cobrador lhe perguntou:

- o que é que tá fedendo tanto aqui que não se pode viajar?

Ela respondeu:

- É a minha perereca, moço.

Aí ele disse:

- Então vai lá pra frente, que este fedor aqui não pode, não!

Lá na frente, o motorista não aguentando mais o cheiro disse:

- A mulher que está com a perereca fedendo, queira descer, por favor...

Desceram 14 mulheres.

Piada 2

Depois de uma noite de amor, o cara vira para a garota e diz:

- Vou te chamar de Eva....

- Por que??? – pergunta a garota...

- Você foi a primeira!

Ao que ela responde:

- Vou te chamar de Peugeot.

- Por que??? – pergunta o rapaz.

- Você foi o 307...

Piada 3

A bichinha vai ao cabeleireiro e pede:

- Hoje eu quero um corte transexual!

- Menina, você pirou de vez – comenta o cabeleireiro, indignado – Que corte maluco é esse?

- É simples... corta na frente e pica atrás!

Piada 4

A moça entra na delegacia e anuncia:

- Acabo de ser violentada por um débil mental.

- Como tem certeza que era mesmo um débil mental? – pergunta o delegado.

- Certeza absoluta. Tive que ensinar tudo para ele.

Piada 5

Como é conhecida a profissão do médico ginecologista em Portugal?

Espião da casa do caralho.

APÊNDICE D – Teste interpretativo fornecido ao Grupo 3

GRUPO 3

ESCREVA SOBRE O QUE VOCÊ ENTENDEU DAS PIADAS APRESENTADAS EM SEGUIDA, CITANDO AS CONSTRUÇÕES OU PALAVRAS DETERMINANTES PARA TAL INTERPRETAÇÃO.

Piada 1

Duas comadres conversavam enquanto preparavam mandioca para o almoço:
- Sabe comadre... – observou a primeira – Quando eu vejo essa mandioca, lembro-me do meu falecido marido.

- Nossa, comadre! – espantou-se a outra – Era assim, grossa?

- Não... era assim suja!

Piada 2

O vigário de um vilarejo tinha um peru como mascote, o Valente. Certo dia, o peru Valente desapareceu, e ele achou que alguém o havia roubado. No dia seguinte, na missa, o vigário perguntou à congregação:

- Algum de vocês aqui tem um peru?

Todos os homens se levantaram.

- Não, não – disse o vigário – não foi isso que eu quis dizer. O que eu quero saber se algum de vocês viu um peru?

Todas as mulheres se levantaram.

- Não, não – repetiu o vigário – O que eu quero dizer se algum de vocês viu um peru que não lhe pertence.

Metade das mulheres se levantou.

- Não, não – disse o vigário novamente muito atrapalhado – Talvez eu possa formular melhor a pergunta... O que eu quero saber se algum de vocês viu o "meu" peru?

Todas as freiras se levantaram...

Piada 3

Final de noite, o casal sai de uma festa junina, a mulher fala para o marido:

- Marido quero mijá! Olha pra lá.

- Que olha pra lá nada muié! Tô cansado de ver essa chavasca aí! Cê qué mijá, você mija.

Depois de um tempo, a mulher enche o saco:

- Marido, tô com vergonha! Tão ispiando ieu lá embaixo.

- Que ispiando o que muié!

- Tão sim, marido, tem uma canoa lá embaixo.

- Deixa de ser boba muié. Tá vendo que isso não é canoa, isso ai é reflexo.

Piada 4

Indícios de que Marta Suplicy foi um #pau em outras vidas:

Ela diz: “Relaxa e goza”

Piada 5

Um casal namorava na sala da casa, enquanto a mãe da moça, na cozinha, preparava uns croquetes para eles. Tão logo terminou de fritá-los, os chamou para experimentar.

O rapaz logo que deu o primeiro bocado, já foi logo elogiando:

- Hum, que delícia! É de bacalhau!

Ao que a mãe da moça logo censurou:

- Que bacalhau, que nada rapaz. É de carne. Vá lavar sua mão!